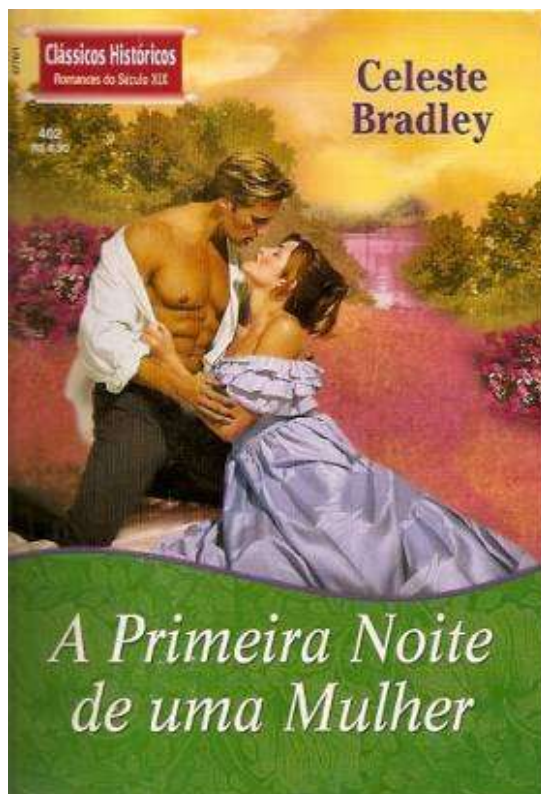


A PRIMEIRA NOITE DE UMA MULHER

Surrender To A Wicked Spy

Celeste Bradley



2º livro da série Royal Four

Inglaterra, 1813

Um homem com um segredo...

Dane Calwell é tudo o que Olívia poderia esperar de um marido. Atraente, charmoso, afável e até um pouco misterioso. Lembrar da noite de núpcias a faz corar de timidez. No entanto, ela se pergunta com o quê, afinal, Dane se ocupa durante todo o dia. As reuniões secretas com desconhecidos, as estranhas idas e vindas... Tudo aquilo a deixa desconfiada e temerosa. Será que seu adorado marido está envolvido em algo perigoso?... Dane sabe que a mulher com quem se casou há poucos dias é aprumada, bem-nascida e extremamente cativante. Mas acaba de descobrir que Olívia também é a criatura mais curiosa que já conheceu. Geralmente as mulheres não se preocupam em saber o que o marido faz durante o dia. Por que será que Olívia vive se intrometendo em questões que não lhe dizem respeito? Ele até acha a curiosidade dela algo divertido, encantador e um pouco sensual. Mas quando ela começa a chegar perto demais da missão na qual ele está envolvido, Dane precisa detê-la antes que corra o risco de perder sua linda esposa para sempre!

Projeto Revisoras

Digitalização: Crysty
Revisão: Ana Ribeiro



Querida leitora,

Dane faz parte do grupo conhecido como Royal Four, no qual ele usa o codinome "Leão". A vida desses espiões de elite que trabalham secretamente para o rei da Inglaterra é muito atribulada. Suas missões são perigosas e seus amores cheios de escândalo. Cada um esconde também os próprios segredos. Mas o segredo de Dane é bastante particular e pessoal... E se torna um problema mais complicado ainda quando ele se apaixona por Olívia...

Leonice Pomponio Editora

Copyright © 2005 by Celeste Bradley
Originalmente publicado em 2005 pela St. Martin's Press

PUBLICADO SOB ACORDO COM ST. MARTIN'S PRESS
NY, NY —USA

Todos os direitos reservados.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio,
eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da
Editora Nova Cultural Ltda.

TÍTULO ORIGINAL: SURRENDER TO A WICKED SPY

EDITORIA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS Patrícia Chaves
Paula Rotta Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Susana Vidal

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado
ILUSTRAÇÃO Thomas Schluck
MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli
PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi
PAGINAÇÃO Estúdio Editores.com

NOVA CULTURAL

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Paes Leme, 524 — 10 andar — CEP 05424-010 — São Paulo — SP
www.novacultural.com.br
Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

PRÓLOGO

Inglaterra, 1813

Lady Olívia Cheltenham caiu nas águas escuras do rio Tâmsa. Não caiu por acidente. Foi empurrada da ponte por ninguém menos do que sua própria mãe. Um homem loiro e corpulento, parecendo um deus viking, se prontificou a resgatá-la, mas no final foi ele quem precisou de ajuda.

Intrigada por sua mãe empurrá-la da ponte de Westminster daquele jeito, sem mais nem menos, Olívia se debateu na água. Que motivo poderia justificar aquela atitude? A mãe nunca lhe dera muita atenção nem carinho, mas jamais demonstrara ter impulsos homicidas. Devia então ter sido acometida de um súbito ataque de loucura. Era a única explicação, porque Olívia não havia feito nada para ofendê-la nem provocar sua ira. Apenas perguntara repetidas vezes por que a mãe a obrigava a ficar de pé na ponte por tanto tempo num dia frio como aquele.

A água gelada cobriu sua cabeça, arrancando-lhe a touca e obstruindo a respiração. Olívia bateu os braços, defendendo-se da correnteza. Outra hipótese era que algum possível pretendente tivesse aparecido por ali. Será que a mãe estava insana a ponto de fazer com que ela arriscasse a vida, só para conseguir um marido?

Naquele ponto o rio não era muito fundo, e ela sentiu a ponta dos pés tocando a lama do leito, antes de boiar para cima novamente. A cabeça subiu à tona e ela respirou aliviada. Não era a primeira vez que caía na água, e instintivamente sabia o que fazer. Tirou bem rápido o casaco de lã para livrar o movimento dos braços e deixou que a peça flutuasse na superfície.

Por sorte usava um vestido leve de musselina que não a impediria de nadar. A mãe havia insistido para que o vestisse, apesar de o clima exigir algo mais quente naquela manhã fria. Será que isso já era parte do sinistro plano de jogá-la no rio?

Deixou de lado as ponderações sobre os motivos de sua mãe para se concentrar no que realmente importava: sobreviver. Era uma ótima nadadora, mas a água estava gelada, por isso era preciso sair do rio o mais rápido possível. Chutou de lado as chinelas e começou a nadar.

Ouvia os gritos horrorizados da mãe e as vozes descontraídas da multidão que ia se aglomerando em cima da ponte. Mas não tinha tempo a perder. A água fria começava a entorpecer seus músculos. Deu algumas braçadas e vislumbrou um pouco à frente uns degraus de pedra cobertos de limo. Eram as escadas que desciam da rua até a margem do rio.

Nadou com todas as suas forças, e já ia alcançá-los quando um vulto pesado caiu no rio a seu lado, espirrando água para todos os lados e fazendo-a engasgar. Passou a mão pelo rosto ensopado, cuspidando a água que engolira, e então viu dois longos braços que tentavam alcançá-la. Pertenciam a um estranho, grandalhão e coberto de lama. Bateu as pernas para se afastar dele, mas não pôde evitar de ver seu rosto. O homem mantinha a cabeça acima da superfície o que sugeria ser ele alto o suficiente para conseguir ficar em pé apoiando-se no fundo. Tinha um queixo firme e bem definido, as

maças do rosto salientes e os cabelos loiros. Era muito bonito, apesar de estar sujo e ensopado, parecia um deus nórdico, uma divindade viking.

Só havia uma pessoa em toda a Londres que correspondia a essa descrição: o cobiçado Dane Calwell, visconde Greenleigh, considerado o melhor partido disponível naquela temporada.

Olívia nunca havia sido formalmente apresentada a ele nas inúmeras reuniões em que a mãe a levava com a esperança de lhe conseguir um marido. Nem ela jamais sonhara que alguém tão destacado quanto Dane pudesse lhe dar atenção. Afinal, Olívia definitivamente não era a moça casadoira mais atraente do lugar.

Como a mãe sempre fazia questão de frisar, era alta demais para usar com elegância as roupas da moda, tinha pouca graça no andar e nunca sabia direito onde pôr as mãos. Além de tudo, vivia com os cabelos em desalinho. Os rapazes raramente a olhavam com algum interesse.

Apesar disso, a mãe não desistia de fazê-la freqüentar os círculos sociais, porque o destino de Cheltenham dependia de Olívia. Salvar a propriedade da família era mais importante do que tudo para sua mãe. Com certeza era por isso que tinha provocado aquele incidente, fazendo o solteiro e endinheirado lorde Greenleigh mergulhar no rio para salvá-la.

— Você está bem? — ele perguntou, afastando os cabelos do rosto.

Pelo visto, o plano da mãe estava dando certo e ele se mostrava disposto a resgatar Olívia das águas. Indignada, ela decidiu que não compactuaria com aquilo.

— Estou sim. Não se preocupe comigo — respondeu.

Sem entender o que se passava, procurou alcançá-la, e ela se esquivou. Tentou de novo e Olívia saiu de lado. Dane agora estava entre Olívia e os degraus de pedra.

— Se me deixar chegar perto, posso ajudá-la — insistiu.

— Não é preciso, obrigada. Faça o favor de abrir caminho, eu saio sozinha.

— Como?

Ele piscou, sem entender a reação. A água batia contra seu peito largo, formando pequenas ondas. Olívia desistiu de argumentar. Não podia perder tempo com aquela conversa mole. O homem era bem grande e podia muito bem sair dali sozinho também. Ela estava congelando e não ia ficar parada.

Com mais algumas braçadas fortes, alcançou a escada de pedra. Agarrou-se a ela e foi subindo, mas, antes do chegar ao topo, deu uma olhada para trás. O homem continuava parado no mesmo lugar, dentro do rio.

— Não vai sair? A água está muito fria! — gritou para ele.

— Eu... eu não posso...

— Ora, sei que o que minha mãe fez foi uma tremenda bobagem e peço desculpas por isso. Mas não pode teimar em ficar aí. A água está fria demais.

— Escute, menina, não sei do que está falando. Só sei que não consigo sair daqui porque minhas botas ficaram atoladas na lama!

— Ah, é isso? Então por que não tira os pés das botas?

— São novas e muito apertadas. Não estou conseguindo...

Que grande herói! Que belo deus viking esse que ela tinha arranjado! O único homem em toda a Londres pelo qual se sentia atraída demonstrava ser apenas um

moleirão vaidoso. Como se já não bastasse a bela figura que tinha, queria se exibir ainda mais usando botas novas. E agora estava ali, preso e apavorado.

Tremendo de frio, ela arriscou a sugestão:

— Deite de costas e flutue. Assim diminui o peso nos pés.

— Não é melhor continuar firme apoiado no fundo?— ele perguntou, assustado.

Olívia estava perdendo a paciência, mas não queria ser descortês com o rapaz, considerando que fora sua mãe quem havia provocado toda aquela confusão. Então, sem pensar mais, entrou de novo na água e nadou até Dane.

— Confie em mim — insistiu. — Tenho prática nisso porque na nossa fazenda em Durham o gado sempre atola na lama.

— Gado?!

Apesar de surpreso com a comparação, Dane obedeceu. Inclinou o corpo para trás, deixando o abdome flutuar sobre a superfície. Seus ombros eram fortes e os braços musculosos.

— Agora mexa os pés com força de um lado para outro para ver se eles se soltam da lama — ela ordenou. — Está mexendo?

— Estou, estou...

— Não assim. Com mais força!

Ele repetiu os movimentos conforme Olívia mandava, até a bota do pé direito ceder.

— Pronto, consegui soltar um pé! — anunciou, radiante. Mas Olívia não ouviu. Ela havia mergulhado e segurava forte na outra perna dele, debaixo da água, puxando-a para cima. Em um instante a lama cedeu e o outro pé se soltou.

— Pronto! Estou livre! — exclamou, segurando Olívia e trazendo-a à tona em seus braços.

Enregelada e exausta, ela se abandonou no abraço, sem quer abrir os olhos. Não tinha mais condições de reagir depois de tanto esforço para se salvar e para socorrer seu suposto salvador.

Sendo um dos solteiros mais desejados da sociedade londrina, Dane Calwell, o visconde Greenleigh, já estava bastante acostumado a socorrer donzelas desamparadas. Elas a toda hora apareciam diante dele, enfrentando alguma dificuldade fictícia e pedindo seu auxílio.

Certa vez teve de acudir a srta. Wavely, que dizia quase ter sido atropelada por uma carroça quando, curiosamente, se encontrava bem em frente à casa dele. Também precisou auxiliar a srta. Morton quando as fitas do cabelo dela misteriosamente se enroscaram em uma árvore, durante uma festa ao ar livre. Isso sem falar na srta. Hackerman, cujo cavalo por coincidência disparou bem na hora em que ele ia passando por perto.

A temporada de festas da alta sociedade estava quase acabando, e todas as mães começavam a entrar em desespero, procurando um bom partido para as filhas.

Mal sabiam elas que Dane já havia tomado por si mesmo a decisão de se casar. Estava com trinta e poucos anos e deixara para trás seus dias inconseqüentes. Um homem com todas as responsabilidades que ele tinha agora precisava achar uma moça direita e recatada, bem posta na vida e de boa família para ser sua companheira, mãe de seus herdeiros e uma anfitriã perfeita em seu lar.

Dane se divertia observando a afobação daquelas mães querendo lhe empurrar as filhas. Sabia que era bem pouco provável encontrar a candidata certa entre elas. Não era ao tirar alguém do caminho de uma carroça ou da sela de um cavalo que isso ia acontecer. Esperava encontrar alguma jovem mais cordata e de maior conteúdo do que elas antes que a temporada acabasse.

Apesar disso, quando aquela donzela caiu nas águas do Tâmisia diante de seus olhos, Dane não vacilou em saltar da montaria e atirar-se no rio para salvá-la. Mesmo já tendo sido vítima de tantos engodos femininos, por algum motivo achara que dessa vez seria diferente. E fora mesmo. Em vez de pedir auxílio, como as outras, foi a moça quem acabara por socorrê-lo e, para o cúmulo da ironia, quase se congelara inteira por causa disso.

Carregando-a no colo, subiu pela encosta na margem do rio. A mãe parecia estar em pânico, gritando exageradamente alto. Estava tão descontrolada que não tinha condições de prestar grande auxílio. Dane procurou agasalhar a moça com sua casaca molhada. Não costumava abandonar as donzelas que salvava até ter certeza de que estavam devidamente amparadas. E, neste caso, não havia ninguém para cuidar da jovem que tinha nos braços e que tremia sem parar de frio. Olhou à sua volta e viu uma aglomeração de gente que se formara por causa da gritaria. Escolheu ao acaso um homem de aspecto razoavelmente confiável e o chamou.

— Ei, senhor! Vá ligeiro buscar um coche de aluguel, por favor.

O homem meneou a cabeça e saiu correndo. Dane fitou de novo a mulher mais velha que estava ao lado. Devia ser uma mãe bastante desnaturada, porque em vez de acudir a filha, continuava se lamentando e chorando aos gritos, como se tivesse alguma culpa diante da situação. Esperou em vão que ela dissesse alguma coisa esclarecedora, ao menos seu nome. Como nada aconteceu, deixou de dar-lhe atenção.

Nesse momento, uma carruagem parou ao lado deles.

Estava em péssimo estado, era pequena e desengonçada, mas Dane não tinha disposição para reclamar. Sinalizou para a mãe entrar de um lado e depois ele próprio subiu, carregando a jovem no colo de forma protetora. Acomodou-se no assento e ajeitou melhor o corpo dela sobre seus joelhos. Notou que era uma jovem saudável, robusta e bastante corpulenta, cujo corpo se ajustava agradavelmente ao dele. Por algum motivo, a maioria das moças que conhecia se esforçava em demonstrar fragilidade, e isso o desagradava. Como era muito alto, ficava sem jeito diante de mulheres miúdas e muito delicadas.

Preferia o porte da jovem que agora estava em seu colo. Ela era bem bonita, cheia de vitalidade, e tinha um certo ar de camponesa. Apesar de não ser propriamente uma beldade estonteante, para ele tinha encantos suficientes.

Olhou-a de novo e seu semblante lhe pareceu familiar. Tinha a impressão de que já a havia visto antes em algum lugar e que, na ocasião, notara ser ela uma pessoa calma e reservada. Ao contrário das jovens espalhafatas da cidade, que estavam sempre querendo aparecer. Muito interessante...

Quando, com o sacolejo da carruagem, sua casaca escorregou um pouco, o corpete de Olívia ficou à mostra. Dane não conseguia tirar os olhos daquilo que a musselina molhada do vestido mal escondia. Seu instinto masculino se sobrepunha aos bons modos de cavalheiro e ele não conseguia parar de olhar para as curvas da moça. Bem bonita... bem interessante... bem rechonchuda, como ele gostava...

Olívia continuava calada, sem se mexer. Não estava inconsciente, apenas com muito frio e morta de vergonha. Além do mais, o colo de seu "viking" era amplo, morno e

acolhedor.

Abriu de leve os olhos e percebeu que Dane a observava. Ele sorriu, procurando disfarçar, mas o fato é que a rápida visão daqueles seios fartos cujos bicos rosados se colavam ao tecido molhado, quase transparente, havia animado seu dia.

Olívia desviou o olhar para a mãe. Sentada do lado oposto, ela continuava soluçando, agora um pouco mais discretamente.

— Mamãe — disse com os lábios ainda roxos de frio. — Peça desculpas a este gentil cavalheiro.

Entre lágrimas, a mãe balbuciou algo ininteligível à guisa de desculpa. Dane não entendeu nada, mas preferiu não prolongar o assunto.

— Pois não, senhora. Está desculpada... — respondeu, mesmo sem saber do que se tratava.

Olívia relaxou um pouco.

— Obrigada pela compreensão — disse a ele. — O senhor é muito amável.

— Mamãe — repetiu Olívia. — Apresente-se a este cavalheiro como se deve.

A mãe segurou os soluços, tentou enxugar as lágrimas com um lençinho de renda e só então respondeu:

— Não é preciso, minha querida. O visconde Greenleigh e eu já nos conhecemos, não é mesmo?

Dane se recostou no assento com um sorriso congelado no rosto, vasculhando a memória e procurando se lembrar de onde tinha visto aquela mulher antes. Só depois de alguns minutos foi que lhe ocorreu: Cheltenham. Isso mesmo! Ela era a esposa do conde que, apesar de falido, tinha uma família de excelente linhagem e reputação ilibada.

— Claro que sim, lady Cheltenham — respondeu, como se lembrasse disso desde o começo.

Quer dizer então que aquela jovem que tinha no colo... aquela moça sensual e cheia de brios era a filha do conde Cheltenham?

CAPÍTULO I

Eu serei uma esposa obediente e solícita. Eu serei uma esposa obediente e solícita...

Olívia, agora lady Greenleigh, deixou de lado a escova que passava displicentemente pelos cabelos e repetiu para si as palavras que a mãe tantas vezes lhe havia dito. Entre elas, a que mais a incomodava era a palavra "obediente".

Com um suspiro, se apoiou na luxuosa penteadeira sem olhar para sua imagem refletida no espelho. O quarto era de extremo requinte, mobiliado com tudo que havia de melhor. Nunca havia tido um quarto assim. Até mesmo a camisola de renda, finamente bordada que agora usava, provavelmente tinha custado mais do que a soma de todas as roupas que possuía antes de se casar. Tudo estava perfeito. A única falha ali era a ausência do marido. Fazia um bom tempo que esperava, em vão, que ele viesse a seu encontro. Ah, os homens... Eles eram como a chuva: quando faziam falta, nunca apareciam.

As palavras da sua mãe continuavam a ecoar em sua cabeça, sem parar: *Lembre-se de que é uma honra ter sido escolhida por um cavalheiro como esse. Afinal, você não tem nada de especial, a não ser o nome ilustre da família.*

De fato, apesar de decadente, sua família era de boa linhagem, e a mãe não se conformava por estarem prestes a perder seu patrimônio em razão do acúmulo de dívidas.

Tudo seria diferente se seu irmão tivesse se casado com aquela rica herdeira dos Estaleiros Hackerman. Pobre Walter... se ao menos ainda vivesse...

Se Walter estivesse vivo, a propriedade dos Chéltenham estaria a salvo, os cofres da família repletos, os pais felizes, e Olívia teria o adorado irmão a seu lado. Nesse caso jamais seria forçada a aceitar o único pedido de casamento que recebera, o de lorde Greenleigh.

Que belo marido tinham lhe arranjado! Um marido que não se dava o trabalho de aparecer na noite de núpcias...

Olívia começou a trançar o cabelo, preparando-se para se deitar. Ia também tirar aquela ridícula camisola decotada e provocante. Se o infeliz não ia aparecer, nem valia a pena ter tomado dois banhos no mesmo dia nem, se perfumado com água de rosas. E era claro que ele não viria naquela noite, assim como não tinha vindo cortejá-la antes de casar, e nem mesmo lhe perguntado se ela queria se casar com ele. Não que ela pretendesse recusar a proposta, mas teria sido uma cortesia ao menos consultá-la.

Seu pai agira de maneira tão descortês quanto Dane, sem se preocupar em saber se Olívia sequer gostava do rapaz. Não, o pai arranjara tudo à sua revelia, tratando o assunto como se fosse a simples venda de alguma de suas cabeças de gado.

Pensando bem, os homens não eram como a chuva; eram como ratos: nunca se sabia por onde andavam nem o que estavam fazendo.

Tendo chegado a essa conclusão, ela não esperou mais. Tirou primeiro o penhoar

transparente, que lhe parecia tão ridículo quanto a camisola, e começou a desatar as fitas para tirar o resto.

Nesse momento ouviu o som do trinco da porta se abrindo na saleta ao lado. Era a do quarto de Dane. Será que finalmente ele pretendia vir a seu encontro para consumir o casamento?

Olívia gelou, apavorada. Apesar de estar esperando por isso havia horas, não podia esconder que tinha medo. Era a esposa de um desconhecido, de um homem que lhe era estranho, de quem dependia por inteiro e que, por direito, podia fazer com ela o que bem entendesse. Não haveria ninguém para protegê-la.

Percebeu então o quanto sempre vivera desprotegida. Ao contrário das outras moças da sociedade, nunca havia tido governanta, nem um séquito de serviçais para cuidar dela quando saía. No máximo, era acompanhada por uma ou duas velhas criadas que nem se preocupavam muito em vigiá-la. Elas, assim como seus pais, estavam convencidas de que Olívia nunca encontraria um bom partido. Tanto o pai quanto a mãe haviam depositado todas as esperanças em Walter, que, além de ser um ano mais novo do que ela, era muito mais atraente, charmoso e extrovertido.

Ela própria tinha verdadeiro fascínio pelo irmão. Walter era alegre e cheio de vivacidade, sem, contudo, ser fútil e mimado como outros jovens fidalgos. Quando ele e os pais se ausentavam de Cheltenham, coisa que acontecia com bastante frequência, a casa ficava triste e silenciosa. Nessas ocasiões, Olívia se ocupava cuidando dos colonos que moravam na pequena vila existente em suas terras. Fazia tudo que estava a seu alcance para ajudá-los e aliviar o sofrimento deles. Sentia um enorme afeto por aquela gente, que considerava como parte da família.

Era principalmente por causa deles que aceitara casar com lorde Greenleigh. Ele iria proporcionar uma vida melhor a todos. Em breve, potes de dinheiro estariam a caminho de Cheltenham para financiar todas as melhorias que havia tanto tempo eram necessárias. Havia dito que lorde Greenleigh era generoso e providenciaria o que fosse preciso. Mas para tanto, Olívia tinha de ser "uma esposa obediente e solícita", não podia se esquecer disso.

A obediência, porém, não era uma das qualidades mais destacadas em Olívia. Não que ela fosse rebelde ou malcriada, mas muitas vezes era desobediente sem querer. Obedecer às rígidas recomendações da mãe era sua maior dificuldade.

Nunca deixe o cabelo em desalinho... Mantenha os pés escondidos embaixo da saia para que não vejam o quanto são grandes... Nunca ria alto e, de preferência, nem dê risada...

Apenas sorria, mas sem mostrar os dentes... Corrija a postura e exiba-se com muita discrição aos cavalheiros...

Por sorte, não precisaria mais se preocupar em seguir as regras da mãe, agora que estava casada. Mas o marido certamente lhe imporá novas regras, talvez até mais rígidas que as anteriores, e também faria exigências. Santo Deus, o que será que aquele brutamonte iria exigir dela? Nem se dera ao trabalho de cortejá-la, de fazer-lhe uma visita ou mandar-lhe um bilhete. Em vez disso, mandara jóias. Um pouco de atenção teria sido preferível àqueles presentes caros.

Antes de casar, ela só se encontrara com Dane duas vezes. A primeira, durante aquela malfadada aventura embaixo da ponte. E a segunda, quando ele fora pedir ao pai sua mão em casamento. Nessa ocasião, vira-o apenas por um rápido instante e, mesmo assim, por puro acaso. Estava voltando com a mãe de um dos intermináveis passeios aos quais ela a submetia, quando se deparou com os dois homens apertando as mãos como

se tivessem acabado de concretizar um negócio lucrativo. Ao vê-la, Dane limitou-se a segurar sua mão, fazer uma reverência e dizer que estava feliz por ter recebido o consentimento do pai. Em seguida saiu pela porta, deixando Olívia boquiaberta. Se não fosse por esses dois encontros fugazes, só teria conhecido o noivo no próprio dia do casamento!

Nas duas semanas que se seguiram, ele não aparecera mais, ignorando-a por inteiro e demonstrando o quanto era arrogante, cheio de si e pouco preocupado com os outros. Era a única conclusão a que Olívia podia chegar.

Sem se importar com o que sentia, porém, naquela manhã, a haviam preparado para o casamento como se ela fosse um presente de luxo para lorde Greenleigh. Aceitara o sacrifício com resignação, mas sem qualquer entusiasmo. Durante a cerimônia, quase não vira nada, porque mal conseguia enxergar através do véu de renda que lhe haviam colocado preso à cabeça. Sentia um nó no estômago e ânsia de vômito quando tudo terminou.

Mais tarde, houve uma recepção matinal para celebrar a união. O marido, sentado a seu lado na mesa, pouco olhou para ela. Dava mais atenção a um homem com o qual conversava animadamente. Era um rapaz tão bonito quanto Dane, embora mais moreno e de ar mais reservado, quase misterioso. Olívia observou os gestos do marido durante a conversa. Suas mãos eram enormes, mas ele as movia com elegância, segurando o garfo entre os dedos longos. Apesar de grandalhão, tinha movimentos graciosos e ágeis. Tudo indicava que era um homem refinado e de educação esmerada.

Essa qualidade, porém, não era suficiente para acalmá-la. Sabia que estava casada com um desconhecido que, apesar das qualidades, devia ter também muitos defeitos, a começar pela descortesia que já demonstrara. Fosse quem fosse, contudo, teria de passar o resto da vida ao lado dele.

Dane Calwell, o lorde Greenleigh, tinha um problema. Um grande problema. Mesmo ali, parado diante da porta do quarto nupcial, sentia o problema se avolumar apesar de nem sequer ter ainda tocado na noiva. Seu problema não tinha solução e, para piorar, não havia alguém com quem pudesse falar a respeito. Certamente não era um assunto para discutir com seus amigos e muito menos com qualquer mulher decente ou até mesmo com alguma que fosse menos decente.

Tinha consultado um médico, sobre isso, em dada ocasião. Mas o doutor apenas rira, depois de examiná-lo, e o dispensara com um tapinha nas costas.

— Isso não é problema algum, milorde. É uma vantagem.

Vantagem? Mas como, se até as mais experientes cortesãs se afastavam dele assustadas? De que forma, então, poderia esperar ter um herdeiro com uma jovem inocente e virgem?

Alguns homens simplesmente forçariam a moça a satisfazê-los. Como marido, Dane tinha esse direito. A lei era bem clara. Mas ele tremia só de pensar nisso. Estava disposto a fazer qualquer coisa para ter um herdeiro que garantisse o futuro e a proteção de suas terras, mas jamais faria algo assim. Se houvesse mais alguém para herdar a propriedade, estava até decidido a nunca se casar. Preferia morrer solteiro a submeter uma pobre jovem àquele seu... problema.

No entanto, ali estava agora, em frente à porta do seu quarto nupcial, e já crescendo desmesuradamente. Tinha feito o possível para adiar aquele momento, passando boa

parte da noite trabalhando em seu gabinete. Mas, quando o relógio bateu onze horas, soube que não podia mais postergar.

Marcus Ramsay, lorde Dryden, seu melhor amigo e protegido, estava com ele no gabinete e percebeu a inquietação de Dane.

— Não vai se encontrar com sua esposa? Eu a achei bem simpática, sabe? — disse, procurando sorrir.

— Ela é exatamente como eu queria — respondeu Dane. — Uma mulher mais insinuante ou exageradamente bela acabaria por me distrair demais.

— Então, o que está esperando? Por que fica aqui trabalhando em vez de estar nos braços de sua noiva?

Dane se levantou da cadeira, irritado.

— Ah, está bem! Pronto, já vou. Satisfeito, agora? Marcus soltou uma risada gostosa.

— Não sou eu quem tem que ficar satisfeito esta noite — caçoou.

— Pare com isso! Mais respeito.

— Minhas desculpas. Mas agora vá. Eu levarei estes documentos pessoalmente ao primeiro-ministro esta noite. Prefiro não confiá-los a um mensageiro, porque sabemos que o chefe dos espões de Napoleão ainda está à solta.

Dane concordou. Esse espião, conhecido como Chimera, não podia mesmo ser menosprezado. Ele agia em Londres e era o líder da espionagem francesa. Fazia meses que Chimera vinha se escondendo e ludibriando a elite dos contra-espiões ingleses, um grupo conhecido como Liar's Club e que agia sob o comando do Royal Four, o Quarteto Real. Era um mestre da camuflagem e somente na semana anterior tinham descoberto que Chimera se infiltrara entre eles disfarçado de um simples e insuspeito serviçal.

Denny, como se fazia chamar, apesar de certamente não ser esse seu nome verdadeiro, se empregara na residência de alguns membros do grupo. Quando era despedido de uma casa, por causa de seus modos arrogantes, procurava emprego na casa de outro. Seu plano era bem arquitetado. Trabalhar para diversos espões inimigos era mais útil para seus propósitos do que permanecer apenas na residência de Simon Raines, o antigo chefe da espionagem inglesa que agora estava aposentado.

Nessas andanças, era certo que Chimera havia colhido muitas informações sobre o Liar's Club. Não se tinha certeza, porém, do quanto ele já sabia sobre o Royal Four. Eram poucos os que conheciam toda a verdade sobre esse quarteto. Apenas o primeiro-ministro, o próprio príncipe regente e o atual chefe dos Liar's Club, de nome Dalton Montgomery, lorde Etheridge, que antigamente fizera parte do quarteto.

Foi pensando nisso que Dane subiu lentamente as escadas que o levariam até a esposa. Se Chimera soubesse da verdade, se qualquer um do lado inimigo ficasse sabendo do poder que tinha o Royal Four, um poder superior até ao do trono, ou se algum de seus membros fosse descoberto, todo o governo inglês ficaria em frangalhos.

Fora o Quarteto Real que havia deposto o rei George, alegando que ele estava louco, apesar de isso não ser verdade, e em seguida nomeado o príncipe George IV como seu sucessor e regente de toda a Grã-Bretanha. Usando os codinomes de Cobra, Leão, Raposa e Falcão, eram eles que tinham cometido aquele ato traiçoeiro, em nome da lealdade a seu país.

A decisão fora tomada por quem ocupava anteriormente o cargo de Leão. Porém Dane, que era o atual Leão, concordava plenamente com ela. Não se podia permitir que

um único homem, fosse ele rei ou não, provocasse a derrocada da Inglaterra. E nem Dane, que agora era um dos quatro homens mais poderosos do país, podia se permitir colocar algo ou alguém acima de seu dever.

Seu próprio pai, um homem fraco e volúvel, havia lhe demonstrado o quanto isso podia ser perigoso. Chamava-se Henry Calwell e se entregara aos encantos de uma mulher, deixando de lado suas obrigações. Era uma linda francesa, pela qual ficara obcecado, e que o desencaminhara para a traição.

Nunca haviam desconfiado dele, mas Dane sabia que, se o passado de seu pai tivesse vindo antes à tona, jamais o teriam nomeado "Leão".

Ninguém ousava dizer isso na sua frente, mas ele percebia que os outros membros do Royal Four às vezes o olhavam com certa desconfiança. Precisava ter um desempenho sempre melhor, e fazer mais do que os outros para mostrar-lhes que estava preparado a sacrificar seu bem-estar em benefício da Coroa. Não queria que o considerassem um fraco, como o pai.

Era por isso que tinha escolhido lady Olívia Cheltenham para esposa. Ela não era uma mulher por quem corria o risco de se apaixonar perdidamente, nem que o levaria a fazer loucuras. Não era uma sedutora, capaz de transformá-lo num traidor como fizera a francesa com seu pai.

Escolhera Olívia também por outros motivos. A mãe dela lhe havia assegurado que Olívia era a discrição e a virtude em pessoa, que tinha uma sólida formação em etiqueta e bons modos e que seria uma anfitriã perfeita para os convidados dele. Além de tudo, era corajosa, como ele próprio havia constatado no episódio do rio Tâmis.

Coragem. Era disso que ela iria precisar para ser sua esposa. Olívia atendia a todos os requisitos dele. Com medo de perdê-la para outro pretendente, Dane agira com sua costumeira objetividade, pedindo logo sua mão em casamento. Só agora se dava conta de que teria sido mais adequado ao menos cortejá-la um pouco para ganhar seu afeto. Sem isso, não seria nada fácil convencê-la a lhe dar o herdeiro que ele tanto queria.

Arrependia-se por não ter pensado em mandar-lhe flores, algum bilhete romântico ou mesmo em visitá-la, antes do casamento. Havia estado muito ocupado nas últimas semanas, e isso não tinha lhe ocorrido. Só que agora era tarde demais. Não havia nada a fazer a não ser tomar coragem e ir ao encontro de Olívia.

Quando a porta do quarto se abriu, ela o fitou com assombro. Os cabelos de Dane estavam soltos, espalhados por cima de seus portentosos ombros. Usava uma camisa branca e uma calça preta bastante justa que se agarrava às coxas, evidenciando os músculos rígidos e salientes. Os quadris eram estreitos, e o abdome plano e firme. Com sua graça felina, tinha uma das mãos apoiada no trinco da porta e os lábios perfeitos abertos num sorriso. Seu marido parecia um deus nórdico, de aparência selvagem, rude, forte e graciosa ao mesmo tempo. Estava casada com um homem muito atraente.

Mesmo tendo achado desde o começo que era bonito, só agora, que estava ali por inteiro diante dela, é que podia avaliar melhor a sua figura. E o que via era verdadeiramente fascinante. Corpulento e altivo, dominava o aposento com sua presença. Os olhos muito azuis estavam fixos nela, magnetizando-a. Deslumbrada e ansiosa, Olívia perdeu o fôlego, sentiu um pouco de tontura e uma fraqueza inexplicável nos joelhos.

Mas antes que caísse, Dane a segurou nos braços e a levou até uma poltrona diante da lareira. Carregou-a com facilidade, como quem segurasse um peso muito leve. E Olívia sabia que não era tão leve assim.

— O que foi? Está doente? — Dane perguntou.

Olívia sentiu o hálito perfumado dele e fechou os olhos. Ele continuava apertando-a nos braços, e o calor do seu corpo invadia o dela. Era uma sensação reconfortante e deliciosa estar presa assim contra o peito largo de Dane.

— Não estou conseguindo respirar... — disse baixinho. Imediatamente Dane soltou um pouco o abraço. Olívia deu um suspiro, encabulada e vermelha de acanhamento. Sem-graça, tentou explicar:

— Eu estou um pouco nervosa... E que quase não me alimentei hoje e sua presença é meio... perturbadora.

Dane a olhou com surpresa e uma ponta de decepção. Pelo visto tinha se enganado. A esposa não era uma mulher forte e decidida, como havia pensado. Demonstrava ser mais tímida, frágil e insegura do que ele imaginara, porque tremia e mal conseguia olhá-lo de frente. Agora não havia como voltar atrás.

Tinha se casado com ela e, dali por diante, era seu dever aturá-la e protegê-la.

— Vou chamar a criada — disse em tom conciliador. — E depois deixo você sossegada.

— Vai me deixar? — Ela se espantou.

— É claro. Não sou o tipo de homem que força uma mulher a nada.

— Não! Eu não quero ter de passar por tudo outra vez.

— E não passará. Eu a deixarei em paz. Não farei qualquer exigência.

Para total surpresa de Dane, sua recatada noiva, que supostamente era tímida e controlada; de repente bateu o pé e lhe dirigiu um olhar feroz.

— Tem idéia de como foi penoso ficar esperando por você esta noite? E também em todos aqueles dias antes do nosso casamento? Como uma tola, fiquei o tempo todo sentada ao lado da janela, esperando que você aparecesse. Não veio, e agora que está aqui diz que vai embora *outra vez*? De jeito nenhum! Você fica! — comandou, cruzando os braços sobre o peito.

Dane estava perplexo. Nunca tinham falado com ele nesse tom. Nunca. Desde seus dezesseis anos, quando já alcançara a estatura que tinha hoje e por isso se sobressaía dos demais rapazes de sua idade, ele era tratado com o máximo respeito por todos. Nem precisava usar seu tamanho para intimidar quem quer que fosse. Bastava falar que sua palavra era seguida à risca sem qualquer contradição.

Isso foi se acentuando à medida que ele amadurecia e se transformava em um adulto forte e um homem imponente. Até o príncipe regente limitava as suas extravagâncias quando estava diante de Dane, e o primeiro-ministro chegava a mudar suas opiniões frente aos argumentos dele.

No entanto, ali estava aquela jovem, quase uma adolescente, batendo o pé e dando-lhe ordens!

Ou tinha ficado maluca ou era bem mais abusada do que ele pensara. De qualquer maneira, mal sabia ela o quanto seus braços cruzados sobre o peito acentuavam o volume dos seios, escassamente cobertos pelo tecido transparente da camisola. Dane não conseguia tirar os olhos das formas arredondadas.

— Por acaso isso é uma ordem? — perguntou, alargando os ombros e assumindo uma postura ameaçadora.

Se nenhum homem tinha ousado enfrentá-lo quando ele se colocava assim, para sua surpresa a jovem lady Greenleigh não se acovardou. Empertigou-se igual a ele e

aumentou ainda mais a fúria do olhar. Os seios ficaram mais protuberantes e evidentes. Ela não parecia mais a contida filha de Cheltenham, mas uma deusa contrariada e poderosa.

— É, sim — respondeu com voz ríspida.

Dane sentiu vontade de rir, mas sabia que se o fizesse só iria aumentar a raiva dela. Tentou entender o que a irritava tanto. Percebeu então que se ela havia passado uma porção de tempo à sua espera sem que ele aparecesse, e era por isso que reagia assim. Tinha de apaziguar os ânimos.

— Muito bem, então eu fico — respondeu, fingindo humildade.

— Melhor assim!

Os dois permaneceram em silêncio, observando-se mutuamente, até que Dane não resistiu à curiosidade.

— E pode me explicar por que quer que eu fique?

— Bem eu... eu quero saber... quero que me diga o que espera de mim.

— Espero que seja minha mulher, só isso. Não vou insistir para consumir o casamento neste momento, se é isso que prefere, mas espero que aceite meu afeto em breve.

Olívia mordeu o lábio, desajeitada e sem-graça.

— Quando fala em afeto, você se refere a... às coisas normais ou... a outro tipo de coisa?

A vontade de rir de Dane estava aumentando. Achava Olívia ainda mais adorável quando estava encabulada assim.

— Não entendi. Poderia me explicar melhor? — provocou.

— Ora, não tem graça. Sabe muito bem do que estou falando.

Dane sorriu e abriu os braços.

— Sei, sim. E posso lhe assegurar, minha cara, que meu... afeto... está totalmente dentro da normalidade.

A afirmação não era inteiramente verdadeira, mas aquela não era uma boa hora para falar a Olívia sobre seu problema, ponderou Dane.

— Muito bem, então podemos conversar. Vamos sentar? — ela sugeriu secamente.

Olívia se acomodou na pequena cadeira da penteadeira e Dane numa cadeira maior. Ele conhecia bem o tipo de móvel que suportava o peso de seu corpanzil, porque já quebrara diversas cadeiras ao sentar nelas. Colocou-se diante de Olívia, apoiando os cotovelos sobre os joelhos para poder vê-la de perto. Ela estava bastante nervosa. Com as mãos tremendo, procurava fechar a camisola, mas boa parte do decote ainda ficava à mostra, para total deleite de Dane, que não desviava os olhos.

— Prefiro que olhe para meu rosto, milorde. Assim poderemos conversar melhor — alertou Olívia com rispidez.

— Oh, mil desculpas, milady. Eu lhe garanto que era um olhar de pura admiração.

— Não sei se devo tomar isso como um elogio ou um atrevimento. Suponho que por ser agora meu marido se sinta no direito a certas ousadias, não é?

— Perfeitamente, mas com todo o respeito — Dane respondeu, irônico, esperando que ela continuasse a falar.

— Eu não sei quase nada a seu respeito, milorde. É por isso que gostaria de conversar. Não sei quem é a sua família, por exemplo. Não vai me apresentar a ela? Não vi nenhum parente seu na cerimônia desta manhã.

Dane engoliu em seco. O assunto não lhe agradava nem um pouco.

— Não tenho ninguém. Todos os meus familiares mais próximos já se foram. Minha mãe morreu quando eu ainda era criança, e meu pai...

Ele parou subitamente. O que estava fazendo? Nunca havia falado sobre Henry Calwell com ninguém. Era imprescindível evitar o assunto a qualquer custo!

— Seu pai? — Olívia o encorajou.

— Morreu há dois anos. Um acidente. Estava limpando a pistola — disse, sem dar maiores explicações.

Precisava dizer qualquer coisa, porque mais cedo ou mais tarde Olívia acabaria ouvindo algum boato sobre o caso.

— Ah, que coisa triste... Deve ser muito difícil perder os pais. Eu amo muito os meus e sei o quanto sofreram quando meu irmão Walter se afogou, no mês passado. Eu também ainda sofro demais. Walter foi o melhor amigo que tive nesta vida.

Walter Cheltènham tinha fama de ser um nobre simpático, mas desocupado e inconseqüente, como tantos outros jovens lordes de Londres. Mas, apesar da sua reputação um tanto negativa, Olívia parecia amá-lo e Dane admirava e respeitava seu sentimento. Mesmo assim, ele arriscou a pergunta.

— Ele morreu há tão pouco tempo? Por que sua família não guardou o costumeiro período de luto, depois de um trauma como esse? — perguntou com cuidado, para que não parecesse uma crítica.

Olívia já esperava pela pergunta. Ela e os pais haviam seguido o ritual do luto apenas em parte, e muita gente os criticava por não estarem honrando a memória de Walter devidamente, mantendo-se isolados por mais tempo, como era o costume.

— Não o fizemos porque a família achou imprescindível que eu encontrasse um bom partido nesta temporada. Se ficasse recolhida em casa, isso não iria acontecer — ela admitiu, sem-graça.

— Entendo. Eu já tinha deduzido isso por minha conta — Dane respondeu, segurando a mão dela.

Era reconfortante sentir aquela mão grande e quente sobre a dela, apertando-a de leve. Lentamente, Olívia deslizou a outra mão. Suas duas mãos cabiam dentro da de Dane. Sentia-se mais frágil, feminina e delicada ao lado dele. Mesmo sentado numa cadeira baixa, Dane era muito mais alto que ela. Sua figura imponente e protetora lhe dava segurança.

— Talvez eu... já esteja pronta para receber seu afeto agora — ela disse, sem mediar as palavras.

Arre! Sua mãe tinha mesmo razão quando pedia que fosse mais contida. Por que acabava sempre dizendo aquilo que lhe vinha à cabeça tão intempestivamente? Que vergonha...

— Agora? Assim, nesta cadeira? — Dane riu.

— Está caçoando de mim outra vez...

— Desculpe, não consegui me conter. De qualquer forma, será que este é o

momento adequado?

Olívia ficou vermelha e se levantou. Dane era um homem atraente e havia lhe assegurado que seu comportamento na cama era normal. Portanto, para ela, o momento era propício, sim.

— Pensei que podíamos acabar com isso de uma vez — respondeu.

O coração de Dane disparou. Mesmo que Olívia desse a impressão de não estar mais com medo dele, as coisas mudariam quando ele tirasse a calça. Pelo menos era o que sempre lhe acontecia quando estava com uma mulher. Ao vê-lo nu, elas fugiam apavoradas. Mas Olívia insistiu.

— Então, por onde começamos? Precisa me ensinar.

— Que tal começarmos com um beijo? — ele disfarçou.

Os dois estavam em pé, um pouco distantes. Então Dane se aproximou e a segurou pela cintura. Os corpos ficaram tão colados que ela precisou inclinar a cabeça para trás de modo a ver o rosto do marido.

— Você é o homem mais alto que já conheci — murmurou.

— Isso a assusta?

— Não, mas...

— Que bom.

— Posso fingir que estou assustada, se isso lhe agrada. Dane sorriu. A cena era ridícula.

— E eu posso fingir que sou mais baixinho, se isso lhe agrada — disse, dobrando os joelhos.

Mais uma coisa que Olívia podia adicionar ao pouco que sabia sobre Dane. Ele tinha senso de humor e gostava de caçoar dela.

— Não vai me beijar? — sussurrou.

— Assim que parar de falar, milady.

Dane aninhou o rosto no pescoço dela enquanto a segurava nos braços. A voz dele era grave e profunda, e a carícia deixava Olívia excitada. Sentia um arrepio que descia pelo corpo e se concentrava no bico dos seios, tornando-os mais duros e sensíveis.

Os lábios de Dane percorreram seu pescoço e depois as faces, até chegar à boca. O hálito era suave e perfumado, e Olívia não resistiu. Ficou na ponta dos pés e colou seus lábios aos dele. Num primeiro instante, Dane não retribuiu, mas, em seguida, abraçou-a com mais força e abriu a boca para tomar a dela por inteiro, com volúpia e arrebatamento. Agitado, segurava seus cabelos e a dominava com ânsia, como se quisesse devorá-la por inteiro.

Precisava ser menos afoito, pensou. Afinal, a moça ainda era virgem. Os longos anos de privação, porém, o faziam perder o controle. E Olívia estava ali, atijando-lhe os sentidos e o desejo, os seios fartos espremidos contra seu peito.

Apertou-a com mais força, como se ela fosse sua última esperança, e a beijou repetidamente, com sede e vigor, parecendo um bárbaro faminto diante de uma ceia farta e inesperada.

De repente voltou a si, assustado com a própria brutalidade. Sua inocente noiva, porém, não parecia nem um pouco apavorada. Gemia e suspirava, segurando-lhe a gola da camisa para manter os lábios grudados aos dele.

Dane achou que era sua obrigação controlar a situação e, com alguma dificuldade, afastou a boca, tentando retomar a compostura. Não era dessa forma que alcançaria seu objetivo. A esposa precisava ser conquistada aos poucos, com delicadeza, para não entrar em pânico quando chegasse a hora de se entregar ao ato carnal. E não era com essa fúria toda que conseguiria fazê-la aceitar o seu "defeito", a sua descomunal proporção. Segurou Olívia pelos ombros e se afastou um pouco.

— O que foi, milorde? Não fiz direito aquilo que queria? Quer que tente outra vez?

Agarrando-se a ele, Olívia tentou beijá-lo de novo, mas Dane não permitiu.

— Olívia... — ele disse, baixinho. — Não, por favor.

— Já sei, não gostou do meu beijo, não é? Mas eu vou aprender. Quero experimentar de novo. Vamos.

Bem que a mãe dela sempre a aconselhava a manter o comedimento e a deixar claro que era uma moça recatada. Mas ali estava ela, se oferecendo sem nenhum pudor, como se fosse uma vadia qualquer, pensou, com horror. Seu comportamento era inaceitável!

— Nada disso, minha querida. — Dane a acalmou. — É que eu sou seu marido e cabe a mim tomar as iniciativas, Não pense que não gostei. Só acho que devíamos ir com mais calma.

— Por quê? O beijo não foi como deveria ser?

— Entre marido e mulher não é preciso tanta violência. Estávamos agindo como se fosse um ataque de bárbaros.

Era o primeiro beijo que recebia de um homem, e Olívia tinha gostado muito. Será que estava errado e ele nunca mais a beijaria daquela forma?

— Então me mostre como deve ser.

Lentamente, Dane a tomou de novo nos braços, inclinou-lhe a cabeça, e seus lábios mornos e úmidos foram ao encontro dos dela, desta vez com mais suavidade. Estava surpreso com a facilidade que Olívia tinha em corresponder às suas carícias e com o desejo de agradá-lo que demonstrava. Ela aprendia com rapidez, e isso o deixava muito feliz. Certamente não teria dificuldade em convencê-la a agir como ele desejava.

Olívia sentiu a língua macia que invadia sua boca, e os joelhos fraquejaram. Entregue, reclinou-se contra o corpo de Dane, deixando que ele a guiasse e segurasse suas faces entre os dedos para fazê-la abrir mais a boca. Num frêmito de prazer, sua vista se ofuscou, como se todo o luxuoso aposento desaparecesse e junto com ele também fosse embora toda a vergonha que havia sentido da sua falta de pudor. Até a voz crítica da mãe sumiu de sua memória diante da sensualidade das carícias do marido.

— Esse beijo também foi muito bom — disse Olívia, respirando fundo, quando os lábios por fim se afastaram.

— Agora fique quietinha e feche os olhos.

Olívia obedeceu. As mãos de Dane começaram a percorrer seu corpo, primeiro descendo dos ombros pelos braços, depois apalpando sua cintura e finalmente envolvendo as nádegas com as palmas das mãos. Era como se o tecido fino da camisola não existisse, porque ela podia sentir o calor das mãos diretamente sobre sua pele, provocando-lhe arrepios e sensações desconhecidas.

— Shhh. — O sussurro dele em seu ouvido procurava acalmá-la. — Só estou querendo conhecê-la melhor.

Estremecendo, ela ficou calada e se entregou, sem saber o que dizer. Mas á certa altura, balbuciou entre suspiros.

— Hã... eu... gosto de cães, sabe? Dane arregalou os olhos.

— Como assim?

— Não disse que queria me conhecer melhor? Pois então. Pensei que o fato... de eu gostar de cães podia lhe interessar.

— Ah, bom...

— O que achou que eu estava querendo dizer? Dane sorriu, sem soltá-la.

— Nem queira saber...

Olívia tornou a fechar os olhos para apreciar por inteiro as carícias de Dane sobre sua pele macia. Sentia-se aceita e acolhida pelo marido, suave e feminina, esquecida de que a mãe tinha tantas vezes lhe dito que seu corpo era desajeitado e pouco atraente.

As mãos de Dane a tocavam com firmeza, mas de forma delicada, percorrendo todo o corpo e deixando-a em êxtase. Era maravilhoso entregar-se àquele deus nórdico, que mal podia acreditar ter agora como marido. Ele envolvia seu busto com as palmas, acariciava os seios como que os sopesando, e afagava e beijava de leve os bicos rijos.

— Seus seios são lindos — disse. — Quero vê-los por inteiro.

No instante seguinte sentiu que os dedos dele desamarravam os laços da camisola. O tecido fino escorregou para o chão, e o ar fresco do quarto acariciou seu corpo nu. Ficou ali parada diante dele, expondo-se por completo e sem nenhum pudor. As velas acesas no quarto iluminavam a cena com sua luz dourada. Dane tornou a tomar-lhe os seios entre as mãos e, antes que ela reagisse, beijou-os com ardor, detendo-se em cada um como se fosse uma jóia preciosa, percorrendo os contornos com a língua e mordiscando os mamilos.

Enlouquecida, Olívia sentiu os joelhos fraquejarem. Curvando-se sobre ela, Dane a pegou nos braços e a levou até a cama.

Apoiado sobre ela no colchão, intensificou as carícias. Explorava todo o corpo de Olívia com a curiosidade de um desbravador, apalpando o abdome, percorrendo as coxas, tocando com os dedos a parte interna das pernas até chegar ao ponto mais sensível que havia entre elas. Ele sentia a boca seca no esforço de controlar o próprio desejo, que ameaçava explodir dentro das calças. Olívia gemia sem parar, arqueando o corpo de um lado a outro para deixar-se tocar melhor. A mão quente de Dane em sua virilha lhe provocava uma sensação intensa que a deixava fora de si. Sentindo-se derreter nos braços dele, arfava com a boca aberta procurando o ar, como um peixe retirado da água. Correspondia a cada carícia com um ardor crescente até que, de repente, sentiu o corpo inteiro estremecer num espasmo intenso. Gotas de um líquido quente escorreram entre as coxas.

— Meu Deus... — sussurrou assustada, quando conseguiu abrir os olhos.

— Shhh... — Dane procurou acalmá-la. — Está tudo bem... — Aquilo era algo inesperado. Dane imaginava que precisaria diversas noites de amor para conseguir fazer aquela virgem impoluta chegar ao seu primeiro orgasmo. No entanto Olívia tinha alcançado o êxtase em menos de uma hora.

De certa forma, era uma prova de sua habilidade em lidar com as mulheres, mas por outro lado tornava o desejo dele, quase impossível de controlar. Olívia permanecia inerte, meio adormecida, mas seus seios continuavam à mostra, tentando-o, incentivando seu impulso de possuí-la por inteiro naquele momento, de penetrá-la com seu membro

latejante que se descontrolava dentro da calça.

Impossível.

Lutando contra o desejo, Dane puxou o lençol para cobri-la. Ele não era um animal, para agir assim. Precisava retomar o controle de seus impulsos. Suando, arrancou a camisa. Era hora de ir para seu quarto. Não queria se acostumar a dormir ao lado de Olívia, porque sabia que isso geraria uma intimidade indesejável.

Levantou-se com cuidado para não acordá-la, mas sentiu a mão de Olívia segurar seu braço.

— Não vá... — ela sussurrou, ainda de olhos fechados.

Dane olhou para ela. Tinha um pouco de pena em vê-la deitada sozinha sobre a enorme cama de casal. Era a primeira noite que ela passava ali, naquela casa que lhe era totalmente estranha e numa situação pela qual nunca tinha passado antes. Seria de bom-tom permanecer ao lado dela, pelo menos até que adormecesse por completo.

Sentou-se outra vez, apoiando as costas contra o espaldar de madeira da cama. Ficaria ali como um guardião, até que Olívia pegasse no sono. Enquanto isso deixou seu pensamento vagar. Lembrou das obrigações que tinha e do caso do príncipe regente. Era preciso que fizessem algo para manter o homem sob controle.

O quarto de Olívia dava para o jardim da residência. Um pouco adiante havia um muro alto, separando a estrebria dos canteiros de rosas. E era justamente ali, trepado sobre o muro e encoberto pela sombra dos galhos de uma árvore, que alguém havia andado espreitando. Era um olheiro silencioso que observava tudo às escondidas. O quarto de milady era de especial interesse para ele. Tinha visto lorde Greenleigh e a esposa juntos, primeiro conversando, depois se beijando e deitando-se na cama, momento em que saíram do seu campo de visão. Mas ele permaneceu ali, atento, até as velas do quarto se apagarem, horas mais tarde.

Missão cumprida.

Os dois formavam um belo par e, como todos sabiam, a história iria se repetir. A deslealdade era hereditária. Estava no sangue do lorde. Ele iria virar um traidor, como o pai. Pensando nisso, o homem que espreitava sorriu. Tinha sido fácil subornar Henry Calwell. Aparentemente um homem seguro e honrado, havia se mantido fiel à causa até colocarem a pequena francesa no caminho dele. Então toda a sua lealdade e paixão haviam se voltado para a França, ou pelo menos para a mulher que a representava. Os ingleses eram mesmo muito ingênuos em questões de amor...

A perda de Henry havia sido um duro golpe para os ingleses. E agora era uma satisfação ver o filho cair na mesma armadilha. A história estava de fato se repetindo, e era exatamente isso que se queria.

Os malditos membros do Liar's Club já haviam provocado muito prejuízo. Eram um bando de aristocratas peçonhentos, e se tornava difícil aceitar que tivessem destruído assim, com tanta facilidade, o elo mais forte de sua corrente: Lavinia Winchell. Muito bela, fria e extremamente sensual, havia conseguido derrubar diversos espões ingleses. Mas os Liars acabaram com ela. Wadsworth, o fabricante de armas, era outro que, junto com seu filho, fora aniquilado pelos Liars. Era um homem de visão que desde jovem fora fiel à França e útil à causa até a sua humilhante derrocada, justamente quando ele estava prestes a derrotar os próprios Liars. Nunca perdoara que lhe houvessem arrancado essa vitória e ardia de desejo de vingança, disposto a perseguir Dane Calwell até o fim.

Para tanto, Usaria o mesmo tipo de isca que atraía o pai dele: uma mulher. Essa seria a prova do quanto Dane era efetivamente leal à causa inglesa. E, se a Inglaterra não

conseguia conquistar a sua lealdade, então a França o faria.

O olheiro segurou mais firme nas pedras do muro e, esticando as pernas, foi descendo com cuidado, de volta para a estrebaria. Os cavalos se agitaram quando ele passou entre as cocheiras e rapidamente tratou de afastar-se antes que algum peão aparecesse para ver o que acontecia. Sumiu depressa entre as sombras, com a agilidade de quem está habituado a esconder-se assim.

Quando Olívia acordou, o quarto estava na penumbra. Apenas algumas brasas ainda ardiam na lareira. Espreguiçou-se languidamente e se virou de lado, pronta para dormir um pouco mais. Então sua perna tocou no tecido áspero de uma calça. Era uma perna. A perna de Dane que, ainda vestido, dormia a seu lado.

Santo Deus! E ela ali, inteiramente nua. Que vergonha... E se ele acordasse? Será que completaria o que tinha começado? Olívia sabia que havia mais. Na fazenda tinha visto cavalos e cães cruzando e sabia que havia mais, apesar de imaginar que os homens fizessem aquilo de forma um pouco diferente dos quadrúpedes.

Fechou os olhos e imaginou Dane montando sobre ela, como se fosse um garanhão, os músculos das costas retesados e úmidos de suor. Um arrepio percorreu-lhe a espinha, e ela estremeceu.

O movimento fez Dane abrir os olhos. Ele sorriu e passou o braço sobre a cintura dela. O contato da pele quente fez Olívia estremeecer outra vez.

— Está com frio?

Pelo contrário, ela não estava com frio algum. Ardia de desejo de tocar e de beijar aquele deus viking a seu lado. Mas de repente um som estranho, parecendo um uivo, partiu do seu estômago. Olívia levou a mão à boca, mortificada. Que horror! A mãe ficaria escandalizada com aquilo. Por mais que fosse algo incontrollável, a teria recriminado.

Dane deu uma risadinha.

— A culpa é minha — disse. — Esqueci de pedir o seu jantar — completou, levantando-se para puxar o cordel da sineta ao lado da cama que chamava os criados.

Olívia o segurou pelo ombro.

— E madrugada. Será que devemos acordar os criados?

— A obrigação deles é estar a meu serviço quando os chamo. Para isso lhes pago um bom salário.

— Mas são seres humanos e precisam de descanso.

— Então, o que quer que eu faça, lady Greenleigh? Que vá pessoalmente preparar uma refeição?

— Claro que não. Eu sou perfeitamente capaz de ir até a cozinha e encontrar algo para comer.

— Sozinha?

— E por que não?

— Desse jeito?

Só então Olívia lembrou que continuava nua, a fina camísola enrolada ao lado. Sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

— Bem... não assim. É claro que vou me vestir.

— De forma alguma. Eu a proíbo — murmurou Dane com um sorriso.

Olívia obedeceu, sem ficar constrangida. Já estava se sentindo perfeitamente à vontade assim, diante do marido. A mãe diria que não era uma atitude digna de uma dama, mas, graças a Deus, não estava mais na casa da sua mãe. Agora viva na casa dela e do marido, e se ele a queria nua era assim que ficaria!

— Não se preocupe comigo. Posso esperar até a hora do desjejum.

— Se é assim, muito bem. Então vou para meu quarto. Olívia preferia que Dane ficasse, que dormisse a seu lado.

Apesar dos contratempos, sentia-se feliz com o jeito como seu casamento estava começando.

— Pode ficar, se quiser — ousou sugerir.

— Melhor não.

Ao sair, Dane pegou uma vela nova e acendeu-a na chama que ainda ardia timidamente no toco da vela antiga. Uma nova luminosidade invadiu o aposento, permitindo que Olívia visse com mais clareza os músculos firmes e salientes do tórax nu do marido. Sua figura era imponente e bela, uma verdadeira escultura masculina. Ela suspirou, deslumbrada, e Dane sorriu,

— Parece mesmo que não tem medo de mim, não é?

— Por que continua me perguntando isso? Eu deveria ter medo? É um homem mau, por acaso?

— Fique tranqüila, sou um homem honrado. Espero sempre atitudes dignas, não só de mim como dos outros.

— É bom saber que estou casada com um cavalheiro de verdade.

— E a senhora, minha esposa, é uma verdadeira dama.

Era exatamente isso o que Olívia tentava ser, uma dama bem comportada e contida, mesmo que nem sempre conseguisse seguir à risca as recomendações da mãe.

— Sou sim, uma dama — respondeu com firmeza, sabendo que ainda precisaria provar isso a ele;

— Então desejo que minha dama tenha uma boa noite — respondeu Dane, fechando a porta.

Quando Olívia acordou, o dia já ia alto, o sol invadindo o quarto através da janela ovalada e clareando a luxuosa mobília. Uma criada estava separando roupas do baú onde ela guardava o enxoval.

— Bom dia — cumprimentou, bem-disposta.

A moça a olhou com espanto, sem retribuir o sorriso, ao contrário do que faziam os serviços de Cheltenham.

— Bom dia, milady — respondeu com voz seca.

— Qual é o seu nome?

— Me chamo Petty, milady. A governanta já nos apresentou ontem.

— Obrigada por separar roupas limpas para mim e também por acender o fogo outra vez, Petty. O quarto ficou um pouco frio, durante a noite.

A moça empertigou-se e permaneceu ainda mais dura do que antes.

— Lamento, milady, mas se deseja que o fogo seja aceso antes das dez precisa falar com a sra. Huff, a governanta — respondeu a criada, agindo como se tivesse sido repreendida.

— Não, não. Assim está bem.

Olívia observou Petty pelo canto dos olhos enquanto a moça terminava suas tarefas. Pelo visto, Dane tinha a seu serviço uma equipe de empregados rigidamente treinados e bem diferentes daqueles aos quais ela estava acostumada. Usavam uniformes impecáveis, demonstravam uma eficiência incomum e raramente sorriam.

Com certeza, Walter teria sido capaz de arrancar um sorriso daquela moça, mas Olívia não tinha a mesma habilidade em lidar com desconhecidos. Sem ser propriamente tímida, faltava-lhe a facilidade de cativar seu interlocutor.

Já vira algumas jovens enfeitiçar um rapaz com um rápido abanar de leque ou um olhar mais insinuante. Ela, porém, nunca fora capaz de fazer isso. Na primeira tentativa, quase arrancara um olho com a ponta do leque. E quando tentara lançar um olhar insinuante para seu companheiro de dança, este achou que ela estava passando mal ou prestes a vomitar.

Reclinando-se contra os travesseiros, Olívia sorriu. Nenhum desses requisitos tinha sido necessário para conseguir um marido maravilhoso como o que possuía. Por que será que ele havia pedido sua mão se nem mesmo haviam chegado a namorar? Por que tinha querido casar com ela quando podia desposar qualquer uma das moças da sociedade, todas mais bonitas, com mais traquejo e muito mais dinheiro do que ela?

Levantou-se da cama e foi até a penteadeira, observando sua imagem no espelho. Mesmo sem ter ainda escovado os cabelos, achou que sua aparência estava boa. As faces reluziam com uma discreta cor rosada, e os cabelos em desalinho lhe caíam melhor do que os rebuscados penteados que a obrigavam a usar. Talvez Dane tivesse gostado dela justamente por isso. Porque era mais simples do que as outras.

Quem sabe... só quem sabe... a admirasse tanto quanto ela o admirava. Era um pensamento descabido, mas sua vida tinha dado uma reviravolta tão grande que tudo era possível. Estava vivendo um sonho e era até plausível que esse sonho incluísse o amor.

Animada, levantou-se e começou a se vestir, preferindo fazê-lo sozinha a chamar alguma criada mal-humorada para vir ajudá-la. Ao procurar as roupas que Petty havia separado, encontrou a caixa de madeira que costumava guardar embaixo da cama, na sua casa. Não havia nada de valor dentro dela a não ser suas próprias recordações, registradas num diário. Se preciso, Olívia entregaria qualquer coisa a outra pessoa menos aquela preciosa caderneta que estava trancada dentro da caixa.

Pegou a chave que escondera no bolso do casaco e abriu a fechadura. Agora que era uma mulher casada, fazer um diário podia parecer uma atitude infantil aos olhos de Dane. Mas registrar por escrito o que sentia era a única maneira pela qual Olívia conseguia expressar seus verdadeiros sentimentos. Era por isso que escrevia sempre na pequena caderneta que Walter lhe dera de presente.

Em vez de usar a escrivaninha que estava disponível no quarto, Olívia preferiu escrever sentada na cama. Fechou os olhos e deixou que todas as sensações vividas na noite anterior voltassem à sua memória.

Dane... como encontrar as palavras para descrevê-lo? Aquelas mãos tão grandes e ao mesmo tempo tão suaves, acariciando seu corpo. Seu perfume, uma mistura de sândalo e de cheiro masculino... os lábios, úmidos e ternos...

Estava enfeitiçada por ele e com rapidez começou a escrever, a pena raspando o papel sem parar, enchendo como louca a página inteira do caderno. Assim que terminasse, correria ao encontro dele.

Dane olhou contrariado para os documentos que estavam à sua frente.

— Quer dizer que Liverpool se opõe ao nosso plano?

— Exatamente! — respondeu Marcus, andando agitado diante da mesa no gabinete de Dane. — Eu disse ao primeiro-ministro Liverpool que pretendíamos usar alguém do Liar's Club para fazer amizade com o príncipe regente e manter-nos informados sobre suas mudanças de humor. Dessa forma poderíamos evitar que o príncipe fizesse novas bobagens.

Era um bom plano. Em diversas ocasiões o príncipe George IV havia levado o governo a empreitadas malsucedidas com suas excentricidades. Gostava de aventuras e certa vez até sumira, por alguns dias, sem dar notícias e deixando o trono à deriva.

Dane bateu com força no tampo da mesa.

— Explicou a Liverpool que Chimera anda à solta e que precisamos manter George sob constante supervisão?

— Sim, e Liverpool quer mesmo que controlemos o príncipe regente. O que não aceita é o homem que escolhemos para fazê-lo.

— Por quê? O que há de errado com Phoenix? Ele é perfeito para essa missão. E totalmente fiel, e Sua Alteza gosta da companhia dele.

— Quem sabe exista algo que não sabemos sobre ele. Ou talvez seja por causa de Rose, a esposa dele. Rose é de família pobre, e você sabe o quanto Liverpool é esnobe e preconceituoso.

— Não a conheço, mas se não for estonteantemente bela, duvido que George queira gastar seu tempo com ela.

— É bastante bonita, porém ainda tem um certo ar de camponesa. Você sabe que George gosta de tipos mais selvagens de mulher, não é?

Dane meneou a cabeça. Sabia bem o que "selvagem" significava para George. Queria dizer uma mulher com peitos enormes e nenhum pudor na cama, que apreciasse qualquer folguedo sexual. Era dessas mulheres que gostava, fossem casadas ou não.

— Sabe de uma coisa? — disse, por fim. — Liverpool tem razão. Talvez Phoenix não seja uma boa solução. O que precisamos é achar a mulher certa para a missão.

— De que mulher estão falando? Será que eu sirvo?

A pergunta em tom de brincadeira vinha da porta e, parada ali com um sorriso escancarado, estava Olívia. Tinha ouvido a última frase da conversa e foi logo entrando.

Dane a olhou, estupefato. Nem mesmo os criados ousavam entrar ali, em sua sala de trabalho, sem pedir licença. Havia esquecido que agora tinha uma esposa e que ela podia andar pela casa como bem entendesse. Dali por diante seria preciso manter sempre a porta trancada, pensou.

Marcus dirigiu-lhe um olhar preocupado. Sua preocupação se justificava. Não era nada bom que outras pessoas ouvissem aquilo que eles tramavam.

Sem se alterar, Dane se levantou da cadeira.

— O que foi, minha querida? Precisa de alguma coisa? — indagou, procurando ser contido.

O tom de sua voz era seco, e o sorriso de Olívia desapareceu.

— Não... só queria lhe dar bom-dia.

— Ah, então também lhe desejo um bom dia, Olívia. Com certeza você se lembra de lorde Dryden, não? — continuou, apontando para Marcus, —É meu sócio nos negócios.

— Meus cumprimentos, milady. — Marcus a saudou com uma reverência.

— E agora, se nos der licença, temos uma porção de assuntos importantes a tratar — completou Dane, segurando o braço de Olívia e guiando-a até a porta, que fechou bem depressa.

Marcus continuava preocupado.

— Será que não devíamos ter inventado algo melhor para explicar o que sua esposa ouviu? Ela é uma mulher inteligente e pode estar tirando conclusões.

Dane deu de ombros.

— Não creio. Mas se você pensa assim, deixe que eu vou atrás dela, distraí-la com alguma conversa.

Olívia estava intrigada. Continuava parada no corredor com uma expressão indagadora nos olhos. Sobre que mulher estariam falando?

Dane se aproximou devagar. Já sabia como desviar a atenção dela. Com ar sedutor, segurou a mão dela e a olhou de forma insinuante. Depois, vendo que não havia mais ninguém por perto, tomou-a nos braços e tocou-lhe os lábios de leve com os seus. Ela estremeceu. Então Dane foi adiante, acariciando-lhe os seios e beijando-a novamente, desta vez com mais intensidade.

— Olívia — sussurrou, colando os lábios no ouvido dela. — Sabe como quero encontrá-la quando for esta noite ao seu quarto?

— N-não... C-como?

— Inteiramente nua. Nuazinha. Nada de penhoar ou camisola. Nem mesmo uma fita no cabelo. Só a luz das velas, iluminando seu corpo...

— E-está bem...

— Promete, Olívia?

Ela só conseguiu confirmar com um gesto de cabeça. A proximidade de Dane a deixava inerte. Os seios estavam espremidos contra o peito dele e seu hálito morno e perfumado atiçava-lhe os sentidos.

— Obrigado, minha querida. Aguardo ansioso por esta noite — disse, dando-lhe mais um beijo na face.

Em seguida se afastou, caminhando decidido de volta ao escritório e pronto para tratar de questões mais importantes. Havia conseguido desviar a atenção de Olívia com bastante eficiência. Duvidava que depois do pedido que lhe fizera, ela lembrasse de alguma coisa a respeito da conversa que tinha escutado.

Olívia não conseguiu pensar em mais nada, naquela manhã, a não ser no toque e nas carícias de Dane. Estava fascinada pelo marido. Achava que ele também sentia algo muito forte por ela. Caso contrário não teria se arriscado a demonstrar seu afeto daquela forma, no meio do corredor, onde podiam ser flagrados por qualquer um que passasse por ali.

De tarde ela resolveu conhecer as dependências da casa ou pelo menos os cômodos aos quais lhe permitiram ter acesso. A governanta, sra. Huff uma figura elegante e muito severa toda vestida de preto, deixou-lhe bem claro que não devia ir ao andar de baixo, onde ficavam as acomodações dos criados. A cozinheira, por sua vez, demonstrou espanto ao ver Olívia abrir a porta da cozinha, como se a presença da patroa ali fosse, algo inusitado.

Diante disso, Olívia se contentou em percorrer os três andares que estavam liberados para ela. As diversas salas, todas mobiliadas com luxo e extremo bom gosto, estavam impecavelmente arrumadas. O ambiente era aconchegante, mas ela estranhou que ninguém ficasse ali para usufruir daquele conforto. Nem mesmo os criados paravam um pouco. Todos passavam ligeiro, como se estivessem ocupados demais para conversar.

Não era à toa que muitas damas da sociedade acabavam contratando damas de companhia. Precisavam pagar para ter com quem falar, pensou, desconsolada.

Ao voltar mais tarde para seu quarto, encontrou Petty dobrando a colcha da cama.

— Boa tarde, Petty — disse, procurando ser cordial.

— Perdão, milady, mas meu nome é Letty.

A moça tinha a mesma estatura, a mesma cor de cabelo, as mesmas sardas sobre o nariz e o mesmo ar circunspeto da criada que vira mais cedo. Só podia ser a mesma pessoa.

— Eu entendi você dizer "Petty".

— Não, milady, Petty sou eu — disse uma voz vinda de trás. — Letty é a arrumadeira.

A sra. Huff havia enfileirado todos os criados para apresentá-los a Olívia assim que ela chegara, mas dissera os nomes tão rapidamente que era impossível lembrar deles.

— Mas são muito parecidas... Devem ser parentes, não?

— Sim, somos irmãs — respondeu seca a criada.

Era preciso que Olívia se acostumassem a toda aquela organização. Em sua casa em Cheltenham, as coisas eram bem menos rígidas. As velhas criadas faziam o que ainda conseguiam, à medida que eram capazes, sem tanta divisão de tarefas. Agora que era a viscondessa Greenleigh, porém, tinha de se habituar às regras da nova criadagem para corresponder às expectativas de Dane.

Foi nesse momento que notou o vestido que Petty havia retirado de sua bagagem. Era de cetim cinza, combinando com a cor dos seus olhos, e um dos melhores do enxoval que a mãe dela preparara às pressas. Olívia não gostava muito dele, achando que era sério demais para sua idade. Contudo, a mãe havia escolhido o tecido e até o modelo, sem sequer consultá-la.

— Vou passar e deixá-lo pronto para que use hoje à noite — avisou a moça.

— Hoje à noite? — Olívia repetiu, surpresa.

Seu único plano para aquela noite era esperar por Dane da forma que ele havia pedido, ou seja, sem roupa alguma.

— Sim, milady. Para seu compromisso em Cheltenham.

— Como?

— Esqueceu que tem um jantar marcado para esta noite com lorde e lady

Cheltenham? — a criada olhou para Olívia como se ela fosse uma idiota.

Que jantar era aquele? Iam jantar na casa de seus pais? Dane não havia lhe dito nada. Olívia sentiu-se ofendida por estar menos informada sobre seus compromissos do que a arrogante criada.

— Oh, não... é claro que não esqueci — disfarçou. — E agora, Letty e Petty, podem continuar com seu serviço — completou, saindo do quarto.

Aliviada, viu que o corredor estava vazio. Havia descoberto uma sala usada como biblioteca e era ali que pretendia se refugiar. Passaria o resto da tarde lendo, longe das criadas insolentes e da indiferença de Dane.

Deu um longo suspiro. Jantar com seus pais não era uma perspectiva animadora. Mal havia conseguido se livrar deles e já teria que aturá-los outra vez. A única vantagem é que pelo menos estaria a sós com Dane na carruagem, durante o trajeto até Cheltenham.

— Espero que não se importe se eu lhes fizer companhia, lady Greenleigh — disse Marcus, entrando no espaçoso coche.

— Ora, que bobagem — respondeu Dane, sentado ao lado de Olívia. — É claro que pode vir conosco.

— Isso mesmo, lorde Dryden — ela concordou baixinho. As ruas de Londres por onde passavam estavam escuras e cobertas de névoa. O tempo era ruim naquela época do ano, e quase todos os membros da alta sociedade já haviam deixado a cidade e voltado para suas propriedades rurais e seus castelos na Escócia.

Dane também estava ansioso por mostrar a Olívia suas terras escocesas e sua residência no campo. Mas isso precisaria esperar até que ele resolvesse com o Quarteto Real a questão do príncipe regente e de como achar alguém que pudesse vigiá-lo sem dar na vista.

O jantar daquela noite era apenas uma desculpa para conseguir reunir os membros do Quarteto. Pedira a lady Cheltenham que convidasse lorde Reardon, de codinome "Cobra", e lorde Wyndham, o "Falcão", além de mais alguns amigos para disfarçar. Na aparência era apenas um jantar de família com seus conhecidos.

Com isso também daria a Olívia a oportunidade de rever a mãe. As recém-casadas não viviam com saudades dos pais? Não que Dane estivesse muito preocupado com o fato, mas sabia que dali a alguns dias ele e a esposa partiriam para Kirkal Hall na Escócia, e Olívia só poderia ver de novo a família dali a muito tempo, talvez só no Natal.

Se estava tendo consideração com a mulher, o mesmo não se podia dizer dela. Dentro do coche, Olívia estava tensa e indiferente, respondendo com rispidez a todos os comentários cordiais de Marcus. Dane esperava não ter de repreendê-la por isso e imaginava que seu humor melhoraria quando chegasse à casa paterna.

Mal haviam entrado na mansão londrina da família Cheltenham quando Olívia viu o que a esperava. Era como se nunca tivesse saído dali.

— Minha nossa! Você já sujou de lama a barra da saia! — exclamou a mãe, assim que a viu, antes mesmo de cumprimentá-la ou que o mordomo Huxley acabasse de tirá-lhe o casaco.

Ainda estavam no saguão de entrada e a imponente lady Cheltenham, tão esguia e sempre tão elegante, falava como se ela própria jamais tivesse sujado a saia, nem

mesmo quando criança. Olívia suspirou, desanimada.

— Boa noite para a senhora também, mamãe — retrucou.

— Ora, não seja impertinente, Olívia.

Dane tratou de interferir e acalmar os ânimos.

— Num tempo ruim como este, é impossível não se sujar.

Nem a princesa Charlotte conseguiria evitar um pouco de lama na saia, lady Cheltenham — disse, sorrindo. — Além do mais, sua filha agora é lady Greenleigh e não precisa se preocupar com esses detalhes sem importância.

— Certamente que não — completou Marcus, aproximando-se.

A mãe murmurou alguma coisa incompreensível e foi logo se afastando. Então Olívia colocou sua mão na de Dane e a apertou de leve.

— Obrigada — disse baixinho.

Seu olhar era de enorme gratidão, como se ele a tivesse salvado de uma terrível ameaça. Isso só podia fazer Dane se perguntar que tipo de mulher era lady Cheltenham, para causar tanto temor na filha com um único comentário.

O pai dele também havia sido um homem rígido e exigente, sempre crítico de tudo que ele fazia, e lady Cheltenham não parecia ser muito melhor. Olívia devia ter penado muito nas mãos dela.

Dane sacudiu a cabeça. Não gostava de se lembrar do pai. Era um traidor que tinha mudado de lado ao se entregar aos encantos de uma amante. Será que fora seduzido com um gesto de gratidão como o que Olívia estava tendo com ele? Era preciso ficar alerta para não cair na mesma armadilha!

Dane largou a mão da mulher e ambos caminharam até o salão principal. Lady Cheltenham recebia agora outros convidados. Chegava um rapaz bem-apegoado com sua jovem e bela esposa. Quando ela sorria formavam-se covinhas nas faces e seus olhos azuis se iluminavam. Ficava ainda mais bonita assim. Sua expressão era cordial e generosa, e Olívia simpatizou com ela de imediato.

— Apresento-lhe o conde Reardon e sua esposa, lady Reardon — disse à mãe para Olívia.

Mal haviam se cumprimentado, quando outros convidados já vinham entrando.

— Meu Deus, pensei que fosse só um jantar, mas parece que vamos ter uma festa e tanto — comentou Olívia.

— Tenho a impressão de que lady Cheltenham convidou todos os que ainda estão na cidade. — disse lady Reardon, com uma risadinha. — Olhe, Nathaniel, aquele não é Wallingford? — continuou, cutucando o braço do marido.

Um homem jovem e bem vestido mas com ar de poucos amigos estava na porta, sendo recebido por sua mãe. Lorde Reardon olhava para ele contrariado. Olívia, por sua vez, não se conteve.

— Quem é esse sujeito? Tem cara de marginal. Minha mãe deve estar maluca para receber uma figura dessas.

O casal a fitou com cara de espanto. O homem devia ser algum amigo deles, talvez até parente. Ao se dar conta disso, Olívia bateu com a mão na boca. Era mais uma de suas gafes.

— Oh, me desculpem... — disse. — Acho que me excedi. Nem conheço o

cavalheiro...

Lady Reardon olhava para ela com ar divertido.

— Falou sem pensar, não é?

— Foi, sim. Eu sempre faço isso. Não consigo evitar...

— Não se preocupe. Eu também.

A condessa sorriu e pegou no braço de Olívia carinhosamente. Em seguida fez um sinal para o marido, sugerindo que ele se afastasse.

— Vá se distrair com os outros rapazes, Nathaniel, que nós duas temos muito que falar sobre esse nosso defeito.

CAPÍTULO II

Quando por fim todos os convidados estavam reunidos no salão, a mãe de Olívia a chamou de lado.

— Olívia, meu bem, quero lhe mostrar as novas cortinas que coloquei na sala de música. Pode me acompanhar?

Ela sorriu para lady Reardon, pedindo licença, e seguiu a mãe, mesmo sabendo que não havia cortina alguma. Saíra daquela casa no dia anterior, e nada podia ter sido trocado desde então. O mais provável era que a mãe quisesse recriminá-la outra vez, de preferência longe das outras pessoas.

— E então? Qual é o assunto, mamãe?

Era a primeira vez que via a mãe demonstrar nervosismo. Ela retorceu as mãos, antes de falar.

— Por favor, sente-se, minha filha.

Olívia se acomodou no velho sofá, evitando o lugar onde uma das molas havia escapado, e esperou pela descompostura. Qual seria o motivo agora? O cabelo sem arrumar do jeito que ela queria? A mancha de lama na barra da saia? O quê, afinal?

— Eu devia ter tido esta conversa com você ontem, Olívia. Perdi a noite de sono pensando que acabei deixando você partir sem... os conselhos de mãe, sem prepará-la para... a primeira noite.

Olívia ficou petrificada. Será que sua mãe ia querer saber como tinha sido sua noite de núpcias? Lady Cheltenham segurou-lhe a *mão*. Era uma espantosa demonstração de carinho para alguém que nunca tocava na filha a não ser para corrigir sua postura.

— Liwie... — continuou a mãe.

Nossa! Agora a coisa estava ficando séria de verdade. Ninguém a chamava por esse apelido a não ser seu falecido irmão.

— Liwie, eu queria tê-la alertado sobre o que ia enfrentar. Como já deve ter percebido, querida, os homens são seres um tanto primitivos, que às vezes exigem que façamos coisas repugnantes... Até mesmo seu pai...

O pai? Ah, não! Aquilo era demais! Não ia ficar ouvindo detalhes sobre a intimidade dos pais. Ansiosa para sair correndo dali, Olívia tapou os ouvidos enquanto a mãe continuava a falar. Só quando ela parecia ter terminado foi que se atreveu a dizer alguma coisa.

— Humm... sei... — murmurou, como se tivesse entendido.

— Por aí você vê, minha filha, o tipo de coisa que uma esposa precisa aturar. E para você vai ser ainda mais difícil.

— Mais difícil por quê, mamãe?

— No meu caso eu só tive de me submeter, mas no seu, minha pobre menina, vai ter de fingir que *gosta*, entendeu? Não apenas que gosta, mas fingir também que deseja *repetir* a experiência! E preciso que você prenda seu marido, que não o deixe escapar e, para ser franca, seus atributos não são lá grande coisa, minha filha.

Olívia engoliu em seco.

— Deixe-me ver se entendi, mamãe. Está me dizendo que ele não vai me amar se eu não fizer tudo o que ele quer na cama?

— Amar? Quem foi que falou em amor? O que estou dizendo é que Cheltenham precisa de você e que tem de fazer tudo para salvar a nossa propriedade e o nosso patrimônio.

Com um puxão, Olívia afastou a mão que sua mãe segurava.

— Patrimônio? Então é só isso?

— Claro! Quer motivo melhor para se deitar com um homem? Olívia sabia que sua missão naquele casamento era salvar Cheltenham, mas tinha a secreta esperança de descobrir algo mais em sua relação com Dane.

— Resumindo: a senhora quer que eu seduza meu marido para beneficiar Cheltenham, é isso?

— Exatamente, meu bem. Obrigada por me ouvir. Foi muito bom ter esta pequena conversa com você. Agora preciso voltar a meus convidados — completou a mãe, saindo da sala de música.

Olívia ficou parada ali, olhando pensativa para o velho piano que havia anos ninguém tocava. De repente uma figura apareceu na porta.

— Posso entrar, lady Greenleigh?

Era a antiga noiva de Walter, a mais rica herdeira de toda a região. Chamava-se Absentia Hackerman e todos tinham dificuldade em dizer seu primeiro nome sem cair na risada. Às vezes Olívia se perguntava o que tinha passado pela cabeça dos pais da moça para dar à filha um nome como aquele.

— Claro que sim — respondeu Olívia, abrindo espaço para ela no desgastado sofá. — Em que posso ajudá-la?

A jovem olhou com desprezo para o tecido esgarçado do móvel e não se sentou.

— Vim apenas lhe dizer que estou muito contente por você ter finalmente

conseguido se casar. Deve estar aliviada, não?

Olívia fingiu não entender a maldade do comentário.

— Obrigada. Estou mesmo muito feliz.

— É o que imagino. Afinal, conseguiu pescar nada menos que o próprio Dane Calwell, aquele verdadeiro deus nórdico. Algum dia precisa me contar como conseguiu essa façanha.

Depois da morte de Walter, Olívia sabia que a moça havia colocado Dane na sua lista de prioridades. Usara todo tipo de artimanhas para atraí-lo. Era muito bonita e, com sua incalculável fortuna, havia se transformado na mulher mais elegante do lugar. Mas seus atributos externos não escondiam sua antipatia. Olívia nunca gostara dela. E o pai só aceitara o noivado de Walter com aquela moça por causa do dinheiro dela, que poderia salvar Cheltenham.

— Por que não tenta pular no rio Tâmis? Parece que isso cativa os homens. Pelo menos foi o que aconteceu com Dane — Olívia caçoou, com ironia. — Tem certeza de que foi só por isso que veio até aqui?

— Bem... eu também queria lhe pedir que me apresentasse a lorde Wallingford.

— Minha mãe é quem conhece todo mundo. Com certeza ela poderá apresentá-la.

— Ah, é? — respondeu Absentia, sem entusiasmo.

Sua atitude indicava que não estava contente em ser apresentada a um possível pretendente apenas por lady Cheltenham. Ela era uma senhora muito respeitável, mas que, por estar *em* decadência financeira, gozava de pouco destaque na elite local. Preferia que alguém com o *status* e o prestígio dos Greenleigh fizesse as apresentações.

Olívia achou interessante ver que sua nova condição de esposa de Dane fazia com que Absentia a valorizasse assim. Seria a primeira vez que ia se aproveitar disso e exibir superioridade. Levantou-se do sofá de cabeça erguida, sua altura ultrapassando em muito a de Absentia.

— Então não perca mais tempo. Vá logo falar com minha mãe.

A jovem fuzilou Olívia com o olhar. Estava furiosa, porém não sabia mais o que dizer nem como argumentar. — É o que farei — disse, virando-se e saindo da sala, as Saias de seda esvoaçando com o giro.

Pena que não tivesse ido embora para sempre, pensou Olívia. Suspirou profundamente e também saiu. Não tinha mais qualquer esperança de que aquele jantar fosse ser algo agradável e cordial.

Com a testa franzida, Dane olhou para os comensais. Era um grupo bastante desigual e bizarro. Lorde Cheltenham, -como era de se esperar, ocupava a cabeceira da mesa. A sua direita estava Dane, e ao lado deste, Olívia. Lorde Wallingford, que àquela altura já tinha bebido em excesso, estava sentado do lado oposto, e depois dele vinham lady Reardon, Marcus e lady Cheltenham, ocupando a outra ponta da mesa. Em volta estavam Nathaniel, parecendo enfastiado, Absentia e o marquês de Wyndham.

Que combinação inusitada de personagens! Eram quatro espiões, um conde que mal falava, uma herdeira pernóstica, um beberrão, duas damas bastante simpáticas e por fim a diabólica mãe de Olívia.

Dane aguardava ansioso que o jantar acabasse logo. Então as mulheres se recolheriam a outra sala para conversar e os homens ficariam a sós.

Assim que conseguissem se livrar de Cheltenham e de Wallingford, ficariam só os

três membros do Quarteto Real para fazer a reunião de que tanto precisavam. Dane esperava convencê-los de que seu plano era bom. Lorde Barrowby, o Raposa, era um quarto elemento, mas não estava ali. Encontrava-se muito doente, à beira da morte, e ainda não tinha nomeado um sucessor.

Olhou para Marcus que, sentado na outra extremidade da mesa, se esforçava para ouvir com atenção as divagações de Absentia Hackerman. Ele podia ser um bom candidato para ocupar o posto de Raposa. Era um sujeito brilhante e extremamente leal à Inglaterra. Merecia mais do que simplesmente viver à sombra de Dane.

Mas se promovesse Marcus, seria preciso começar a procurar outro candidato para ocupar o lugar dele e a escolha não seria fácil.

A maioria dos jovens da nobreza era como Wallingford: beberrões, inescrupulosos e imiteis. Entre os cidadãos comuns, haveria uma escolha mais ampla, porém Dane não podia quebrar a tradição. Fazia setecentos anos que os membros do Quarteto eram selecionados entre a nobreza, e ele não desejava ser o primeiro a contrariar esse costume.

Viu Olívia sentada ao longe e não pôde deixar de admirar seu decote. Do lugar onde estava, a visão era clara e tentadora.

Mal podia esperar para aquele jantar terminar logo. Não via a hora de tê-la em seus braços, na privacidade do quarto, inteiramente nua, como havia lhe pedido.

Passou a mão pela nuca para afastar o pensamento. Não podia ir embora dali antes de se reunir com os colegas. O dever vinha em primeiro lugar, agora e sempre!

Mas produzir um herdeiro não era também um de seus deveres? Sim, porém para isso não era necessário ficar com devaneios no meio de um jantar nem imaginar sua mulher nua como estava fazendo naquele momento.

O dever! Isso, tinha que pensar só no dever.

Do lado de fora da janela, o olheiro prestava atenção a tudo, registrando desde o número de vezes em que Wallingford enchia o copo até os olhares libidinosos que Dane dirigia à esposa.

As coisas corriam exatamente como o planejado, a não ser pela inesperada presença de lorde Reardon e sua mulher à mesa. Que faziam eles ali?

Talvez fosse apenas coincidência. Quase todos os membros da nobreza se conheciam entre si, se não com muita intimidade, pelo menos o suficiente para compartilhar um jantar. E Reardon certamente levava a mulher para fazer companhia a lady Greenleigh.

O Olheiro desconfiava que Dane e Reardon se conhecessem pouco, porque não haviam dado nenhuma demonstração de amizade durante o jantar. Contudo, Reardon fora parcialmente responsável pela queda de Wadsworth, e corriam rumores sobre as ligações de lady Reardon com o misterioso Quarteto Real. Se Reardon estivesse a serviço da Coroa inglesa, então tinha ido até ali com o mesmo objetivo do olheiro: para recrutar alguém.

Nesse meio tempo, um sujeito sentado de costas para a janela deixava o olheiro muito intrigado. Nunca o tinha visto antes, a não ser por um breve instante, quando ele chegara ao jantar. Por que estaria ali aquele desconhecido?

Como se percebesse que era observado de longe, o homem acenou para um criado, pedindo que fechasse as cortinas. O olheiro deu um rápido passo atrás, apesar de saber que dificilmente alguém poderia tê-lo avistado na escuridão da noite. Nada mais

importava. Apesar da presença daquele estranho à mesa, a reunião iria se desenrolar como estava planejado.

Olívia e as outras mulheres se reuniram na sala de visitas, um dos poucos aposentos ainda apresentáveis da Mansão Cheltenham, apesar das cortinas envelhecidas e dos sofás um tanto gastos. O jantar havia terminado, e os cavalheiros em breve viriam se juntar a elas.

— Então, o que está achando da nova vida de casada? — lady Reardon, que insistia para ser chamada pelo primeiro nome, Willa, perguntou para puxar conversa.

Olívia se aprumou no assento. Estava desesperada para fazer uma pergunta a alguém que não fosse sua mãe, e Willa parecia ser a pessoa certa. Depois de ver que ninguém estava ao lado para ouvir, ela chegou mais perto de Willa.

— Você também se casou há pouco tempo, não? — cochichou.

— Sim, há algumas semanas.

— Então posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

— Claro. São as perguntas de que mais gosto — Willa respondeu, sorrindo.

— Eu queria saber como é... quando acontece... aquilo... é bom?

— Ainda não aconteceu? Está me parecendo muito aflita.

— Eu sei que não é adequado ficar tão ansiosa, mas...

Willa colocou sua mão sobre a de Olívia. Era um gesto afetuoso e carinhoso, bem diferente daquele que recebera da mãe. A jovem senhora a olhava com doçura.

— Não se preocupe. Qualquer dia lhe conto o quanto tive que me insinuar para Nathaniel antes que ele se decidisse a agir — comentou com um sorriso. — Quase me deixou louca, mas, pensando bem, foi muito bom termos tido tempo de nos conhecermos melhor.

— Entendo... Mas demorou muito para acontecer?

— Uma semana. Sou mesmo uma mulher irresistível, não? — comentou Willa em tom zombeteiro.

— E como se faz para ser assim... irresistível?

— Não tenho certeza, mas creio que o que mais agrada a um homem é estar com uma mulher que sente atração de verdade por ele. E isso que você sente?

— Sim. Sim. Sinto uma enorme atração pelo meu marido.

— Ótimo. Então não vai demorar nada.

— Mas ainda não respondeu à minha pergunta. É bom? Willa arregalou os olhos e sacudiu a cabeça enfaticamente.

— Ah, isso não. — Não é bom, não — afirmou com as feições contidas. — E *maravilhoso!* — completou, olhando com ternura para o marido que vinha entrando na sala.

Demorou um pouco mas Cobra, Leão e Falcão por fim conseguiram ficar sozinhos no salão. Haviam convencido Cheltenham a acompanhar Wallingford, que de tão bêbado mal conseguia ficar em pé, até seu coche, pára que fosse levado para casa em segurança. Assim que os dois saíram, Dane apoiou os cotovelos sobre a mesa e iniciou a reunião.

— A sessão está aberta. Precisamos manter o príncipe George sob controle.

— Como sugere que façamos isso? — indagou Cobra, enquanto Falcão apenas erguia as sobrancelhas com interesse.

— Por intermédio de uma amante, que o próprio príncipe escolherá entre as mulheres que lhe apresentarmos...

Depois de discutir um pouco, chegaram à conclusão de que o Baile da Caça, tradicional festividade que se realizava na Escócia, seria a ocasião apropriada para pôr o plano em prática.

— Não sei, não... — interveio Cobra. — Vocês sabem que Sua Alteza não gosta muito da Escócia. Ele prefere passar suas temporadas em Brighton.

— Deixe comigo. Ele vai comparecer ao baile — afirmou Falcão.

— Então, nós também — concordou Cobra. Dane balançou a cabeça afirmativamente.

— As moças que lá estarão serão escolhidas a dedo. Todas devem ser mulheres casadas com homens leais à Coroa, ter filhos deles e ser livres o suficiente para dispor-se a flertar com alguém fora do casamento.

— Então sua mulher não se qualifica, não é, Cobra? — provocou Marcus.

— Claro que não! — o homem respondeu. — Mas se for preciso, eu a levarei ao baile. Tenho certeza de que Sua Alteza não vai mexer com ela. A ligação de Willa com o príncipe é apenas de parentesco.

Falcão ficou em pé e foi logo avisando:

— Eu não vou à festa. Me encontro com vocês depois do baile para saber do resultado. Prefiro permanecer de guarda perto de Derbyshire e de olho em Barrowby. Nesse meio tempo, decidi que é hora de avaliar se o Liar's Club continua tendo alguma utilidade.

— Uma boa medida — aprovou Dane.

— Não podemos esquecer que Chimera anda escondido entre eles há um ano. Isso é bem perigoso.

Cobra levantou a mão para interromper.

— Espere aí. A coisa não é bem assim. E verdade que Chimera se empregou como valete com o nome de Denny e ficou sabendo de mais coisas do que um criado deveria saber. Mas não soube de tudo e certamente não soube da nossa existência.

— Não tenho tanta certeza disso — atalhou Falcão.

— Se o sujeito teve conhecimento de alguma coisa, deveter sido apenas a antiga história da existência no passado de um mítico grupo de homens conhecido como Quarteto Real. Desses, todos já morreram, portanto não temos com que nos preocupar — Dane procurou encerrar a discussão.

— De qualquer forma, não há como adivinhar o que foi que Chimera descobriu. A não ser que pegássemos o homem e o trouxéssemos amarrado para cá, dispostos a torturá-lo.

Falcão não conseguiu evitar um sorriso de satisfação diante da idéia. Tinha um gênio virulento, talvez resultado do tempo que passara tentando controlar as maluquices do desatinado príncipe. Essa tarefa era capaz de amargar a vida de qualquer um.

A porta do salão se abriu e Cheltenham entrou, descabelado e com as roupas em

desalinho.

— Aquele imprestável! Maldito beberão! Primeiro caiu sobre a minha mesa. Em seguida tentou me arrancar um dinheiro emprestado e depois vomitou na saída.

Dane sentiu alívio. Era bom saber que o pai de sua mulher também não gostava de tipos desprezíveis como Wallingford. Havia dito que ele era amigo de Walter, o falecido irmão de Olívia, mas Dane duvidava disso. Wallingford não tinha amigos. Tinha apenas credores que viviam atrás dele cobrando suas dívidas.

Como a tarefa do quarteto estava terminada, Dane empurrou a cadeira e ficou em pé.

— Que tal se fôssemos agora ao encontro das damas?

A reunião não tinha mais interesse algum para Olívia. Assim que viu Dane entrar na sala, seu único pensamento se fixou naquilo que a aguardava quando voltassem para casa. Olhava encantada para o marido, já sentindo uma contida excitação. Ele lhe dirigiu um sorriso que só fez aumentar o desejo. O seu deus, nórdico despertava nela os impulsos mais primitivos.

Mal prestava atenção à ladainha de Absentia, que reclamava interminavelmente por lorde Wallingford ter ido embora mais cedo.

Ninguém daria grande valor a um paspalho como aquele, mas ele possuía aquilo que Absentia mais desejava: um título nobre.

Como filha de um abastado comerciante naval que, ao que diziam, tinha financiado todas as loucuras militares do insano rei George, ela bem que poderia fazer uma escolha melhor. Tinha cacife de sobra para tanto.

A moça agora tratava Olívia com cortesia. Com sua veia de emergente social, ela sabia a quem convinha bajular. Casando-se com Dane, Olívia havia passado a essa categoria, por isso Absentia procurava agir como se fossem as melhores amigas do mundo.

Era duro agüentar aquela atitude. Que coisa maçante!

Olívia não via a hora de ir embora dali com Dane e, para seu desagrado, também com Marcus na carruagem. Pouco depois viu o marido despedindo-se de seus pais, agradecendo o jantar e chamando o cocheiro para que trouxesse o coche. O ar da noite estava fresco e, parada na escadaria do lado de fora, Olívia respirou aliviada. Era bom estar finalmente livre daquela cansativa reunião.

Marcus e Dane despediam-se de lorde Wyndham, alguns passos adiante, numa conversa animada. Como é que Dane podia ficar ali perdendo tempo quando tanta coisa emocionante estava por acontecer, assim que chegassem em casa?

Em casa. Repetiu mentalmente a expressão, olhando para a fachada do solar da família onde vivera por tantos anos. Aquele não era mais seu lar. Como tinha sido fácil sair dali! Depois da morte de Walter, nada mais a prendia àquele lugar. Agora tinha um novo lar, ao lado de Dane e dos filhos que certamente logo chegariam. Queria ter muitos filhos e tratá-los com muito mais carinho do que ela havia recebido em criança. Precisava engravidar logo. Afinal, já estava com quase trinta anos.

Desceu para a calçada, fechando mais o casaco para se proteger do vento. Então ouviu um tropel de cavalos, os cascos batendo no calçamento da rua a toda a velocidade. Quem estaria conduzindo um coche de maneira tão imprudente na escuridão da noite?

— *Olívia!* — alguém gritou.

Em seguida sentiu que a agarravam com força, girando seu corpo para fora da trajetória do veículo que vinha em sua direção e jogando-a ao chão.

Quando o cavalo em disparada bateu com toda a violência contra o ombro de Dane, ele se desequilibrou de vez. Ainda agarrando Olívia, desabou no chão e sua testa bateu nas pedras com um baque surdo e forte. A vista escureceu, como se ele fosse perder os sentidos, mas mesmo assim continuou protegendo Olívia como podia.

Todos correram para acudir.

— Vamos, Greenleigh, largue a moça! Está esmagando sua mulher.

Marcus, Reardon e Wyndham o seguravam por baixo dos braços, procurando ajudá-lo a se levantar. Ele piscou com dificuldade, tentando enxergar à sua volta.

— Olívia... — balbuciou, com voz fraca.

— Pode me soltar, Dane... Eu estou bem...

Aos poucos abriu os braços, estendendo-os de lado e respirando fundo para retomar o fôlego. Sentia fortes pontadas na cabeça e uma horrível tontura. Levou uma das mãos à testa e procurou, sem êxito, se sentar.

Olívia se levantou e tomou as rédeas da situação.

— Levem-no para dentro — ordenou, decidida.

Sem discutir, os colegas foram carregando Dane novamente para a sala de estar, onde, àquela altura, não havia mais ninguém a não ser os donos da casa. Mesmo naquele estado deplorável, Dane esboçou um sorriso. Era surpreendente ver como os três homens mais poderosos de toda a Inglaterra obedeciam sem pestanejar às ordens de sua mulher. Que escolha perfeita havia feito ao se casar com ela!

Deitaram Dane num sofá e Olívia se ajoelhou ao lado dele, segurando uma vela acesa na mão.

— Abra os olhos. Quero ver como estão suas pupilas. Quando servira o Exército, ele havia presenciado médicos fazendo isso, mas não podia supor que a esposa também soubesse tomar tal providência.

— Não me diga que entende de medicina... — murmurou baixinho.

— Tenho bons conhecimentos. Em Cheltenham, tirando a parteira, sou eu quem mais sabe sobre o assunto. E agora, pare de falar — ela ordenou, enquanto afastava os cabelos e examinava a cabeça de Dane. — Com esse corpanzil enorme, precisava escolher o pior lugar para se machucar? — ralhou.

Reardon pôs a mão na boca para não rir do comentário, mas Marcus não conseguiu segurar o riso. Será que aquela mulher era a mesma que tinha permanecido calada durante quase todo o jantar e que deixava a mãe humilhá-la publicamente sem reagir?

Dane estava orgulhoso da esposa. Da mesma maneira que atuara quando caíra no rio, ela de novo agia com competência e segurança. Comportava-se com a altivez de uma verdadeira viscondessa. Era a sua viscondessa.

— Já estou melhor — disse alguns minutos depois, segurando carinhosamente a mão dela.

Olívia ficou em pé e cruzou, os braços.

— Aquele cocheiro merecia ser fuzilado por dirigir daquela forma!

Dane não disse nada, mas lançou um olhar significativo a seus companheiros. Com certeza aquele incidente precisava ser mais bem investigado. Não dava a impressão de

ter sido um acaso ou um simples acidente. Podia ser um atentado.

Segurando no braço do sofá, conseguiu se levantar.

— Bem, agora já posso levá-la para casa.

— Me levar? Mas como, se está andando mais torto do que um caniço na ventania?

Dane riu e apontou na direção da saída.

— Vamos, você primeiro.

— Não, primeiro você.

— Então vou eu, para acabar logo com essa discussão — riu Marcus.

Ao entrar na carruagem, Olívia fez questão de se sentar ao lado de Dane. Marcus ia do outro lado, de frente para eles.

— Agora, se for desmaiar, faça o favor de cair em cima do seu amigo — ela brincou.
— Eu já tive o prazer de ser esmagada por você uma vez, esta noite.

— E mesmo assim continua com uma aparência das mais atraentes — Dane respondeu, sorrindo.

— Duvido. Aposto que estou toda desarrumada.

Era verdade. O penteado de Olívia, no qual as fivelas nunca paravam, havia se desmanchado. Os fios emaranhados formavam um novelo loiro e revoltado sobre a cabeça. O vestido também estava em condições precárias, com manchas de barro e de sujeira da rua e um rasgo no ombro, onde Dane a tinha segurado.

Mas ele não se referia à aparência exterior de Olívia quando dissera que estava atraente. Referia-se a algo mais importante e profundo que acabara de descobrir e que o cativava. Referia-se à coragem e à capacidade de decisão e de entrega de sua mulher.

Segurou o queixo de Olívia entre os dedos e olhou bem fundo nos seus olhos.

— Você está linda — disse suavemente e deu-lhe um rápido beijo nos lábios.

Ela não respondeu. Pensativa, baixou a cabeça. Ficara apavorada ao ver Dane cair na rua de forma tão violenta, achando que ele podia ter se machucado gravemente. Era por puro pânico que tomara todas as decisões com tanta presteza.

Curioso. Fazia apenas dois dias que estavam casados e ela já não conseguia imaginar sua vida sem Dane.

Em pé diante do marido, bem plantada e com os braços cruzados como se fosse um sargento, Olívia falou:

— Não vai passar a noite sozinho. Ficarei aqui com você. Ferimentos na cabeça são traiçoeiros. Podem ser perigosos se a pessoa dormir muito profundamente depois de se machucar assim.

Dane amarrou o cinto do robe e fez um sinal para dispensar seu valete. O criado saiu do quarto, olhando com desdém para Olívia. Por alguma razão os serviçais daquela casa estavam custando a aceitá-la.

Mas a cabeça de Dane doía muito, e ele tinha coisas mais importantes em que pensar para se preocupar com o comportamento dos criados. Certamente Olívia saberia como lidar com isso. A mãe dela havia lhe assegurado que ela tinha prática em dirigir a criadagem e as tarefas domésticas de uma grande residência.

Alguém bateu na porta que unia os quartos de Dane e Olívia. Era Petty.

— O banho está pronto, milady.

— Preciso me livrar desta sujeira — disse Olívia, passando a mão pelo vestido enlameado. — Prometo que não vai trancar a porta enquanto eu tomo banho e me deixar para fora?— indagou ao marido.

— Prometo. Agora vá sossegada. Vou me deitar como um menino obediente.

Antes de sair, ela colocou um banquinho impedindo que a porta de comunicação fechasse.

— É para que possa ouvi-lo se me chamar — desconversou. Dane se esticou na enorme cama que tinha mandado fazer sob medida, puxando as cobertas até o peito. No teto, acima da cama, havia um elaborado afresco com a imagem de uma sereia saindo das águas e atraindo os marinheiros para a morte. O pintor ao qual Dane o encomendara desconfiava que ele quisesse ter ali essa figura erótica, de seios à mostra, para animar suas noites. Mas era exatamente ao contrário. O que ele desejava era que aquilo fosse um constante lembrete de que nunca devia deixar a luxúria e a tentação dominar sua vida. Jamais podia permitir que isso o desviasse da missão que devia cumprir.

Percorreu a pintura com os olhos e divagou. Apesar da atração que sentia por Olívia, estava conseguindo equilibrar o casamento e as obrigações de forma bastante satisfatória.

No silêncio do quarto, ouvia o som da água salpicando na banheira no aposento vizinho. Olívia devia ter dispensado Petty, porque não se ouviam vozes.

Imaginou sua mulher imersa na água, passando a espuma languidamente pelo corpo envolto em vapor, as chamas da lareira refletindo-se na pele alva, os magníficos seios apontando na superfície enquanto ela os lavava. E quando se levantasse, seus cabelos molhados escorreriam em mechas douradas pelos ombros, as gotas pingando sobre os mamilos como pequenos diamantes.

Nunca tinha visto uma mulher se banhar, e a fantasia o estava deixando completamente excitado, coisa surpreendente diante do estado em que sua cabeça se encontrava. Procurou se controlar. Aquilo não tinha cabimento. Os dois haviam passado por uma experiência traumática no fim de um dia cansativo e precisavam descansar.

Contudo, era imperativo que continuasse instruindo sua mulher na descoberta da sexualidade. Havia iniciado o processo, mas precisava levá-la a descobrir sensações mais profundas e ensiná-la a ser receptiva a todas as possibilidades.

Tudo unicamente por uma causa maior, é claro. Só para conseguir um herdeiro.

A cabeça de Dane latejava agora com menos intensidade, talvez porque o latejar tivesse se transferido para outra parte de seu corpo. Sem resistir mais, ele afastou as cobertas e saiu da cama. Em seguida tirou o banco que travava a porta e entrou no cômodo contíguo. A banheira ainda fumegava, mas estava vazia. Havia toalhas usadas sobre uma cadeira e água espalhada no chão. Tinha chegado tarde demais.

— O que foi, Dane? Você piorou?

A voz de Olívia vinha de trás dele. Sem se virar, ele falou:

— Lembra do que me prometeu esta manhã? Que ia esperar por mim sem roupa?

— Lembro mas... você está machucado... não seria correto...

— Deu a sua palavra, Olívia.

Houve um momento de silêncio. Em seguida Dane ouviu o farfalhar de tecido escorregando para o chão e só então se virou.

Ali estava sua mulher, inteiramente nua, a pele ainda rosada pelo calor do banho. Tinha a cabeça erguida, mas seu olhar evitava o dele, e ela retorcia os dedos com nervosismo. Ele a fitou, extasiado. Parecia uma deusa paga, com os seios fartos se movendo a cada respiração, os bicos encrespados de frio ou, talvez, de desejo.

Dane se aproximou e lentamente foi passando o dedo pelo abdome dela, formando uma trilha que subia entre os seios e percorria a base do pescoço. Olívia estremeceu e virou o rosto. Então ele segurou seu queixo e a fez encará-lo de frente. Ela fechou os olhos.

— Olhe para mim — disse ele com doçura.

Aos poucos, as pálpebras se abriram, revelando duas íris cinzentas, brilhantes de desejo.

Dane acariciou-lhe a face. Tinha a impressão de que muitas mulheres se escondiam dentro de Olívia. Às vezes era acanhada e tímida, em outras decidida e confiante, ou então, como agora, parecia uma carga de dinamite implorando para ser deflagrada.

— Diga-me, minha querida, gosta disso? Gosta de obedecer aos meus comandos no jogo erótico? Isso a deixa excitada?

Olívia engoliu em seco e concordou com um gesto de cabeça.

— E confia em mim?

Ela tornou a concordar, sem dizer uma palavra. Estava enfeitiçada pela força e virilidade do marido. Entregava-se a ele como um dócil instrumento que ele poderia tocar da forma como quisesse.

— Então deite-se na cama.

Sem mais qualquer rasgo de acanhamento, Olívia acatou o pedido, esticando-se sobre o colchão com gestos graciosos sob o olhar encantado de Dane. Ele estava parado aos pés da cama, parecendo um gigante loiro, apreciando cada um de seus movimentos.

— Lembra do que senti quando beijei seus seios? — perguntou.

— S-sim...

— Então pegue-os entre as mãos, acaricie-os, belisque os mamilos, finja que é a minha boca que está neles, que os estou mordiscando como fiz antes.

Olívia arregalou os olhos e hesitou por um momento, mas em seguida fez o que ele pedia. Queria ver até onde aquilo ia chegar. A sensação era deliciosa, porém o mais estimulante era ver o fascínio com que Dane a olhava fazer aquilo. Ardia de desejo, querendo que ele prosseguisse logo com a lição.

No instante seguinte, ele se deitou sobre ela e Olívia sentiu as mãos quentes entre suas coxas, afastando-lhe as pernas, tocando-lhe o centro úmido.

— Você é linda... — ele balbuciou. — É como um botão de rosa, prestes a desabrochar.

Em seguida explorou-a suavemente, primeiro com os dedos e depois substituindo-os pela língua. Girou e torceu-a por todos os recantos, como se quisesse saboreá-la.

Um indescritível arrepio fez Olívia estremeecer. Aquilo era terrivelmente escandaloso e, ao mesmo tempo, provocava um prazer espantoso!

Olívia esqueceu da luz acesa das velas, esqueceu todo o constrangimento, esqueceu do mundo a seu redor. Não havia mais nada a não ser o êxtase selvagem que a boca quente de Dane lhe proporcionava. Agarrou-se cegamente às cobertas

amarfanhadas, como se as soltando fosse sair voando rumo às estrelas. Seu corpo se crispou numa convulsão. Em seguida contorceu-se em ondas repetidas, cada vez mais fortes, deixando que todas as sensações corresse livremente à solta até o cansaço final deixá-la exausta e inerte sobre o leito.

Dane ergueu o peito e apoiou as costas no pilar da cama, esperando sua mulher voltar a si do orgasmo mais violento que jamais havia visto.

Como era possível que uma jovem tão recatada fosse assim sensível a um simples toque seu? Ela ainda estremecia de leve, os cabelos úmidos espalhados em desalinho pelo travesseiro, numa cena do mais puro erotismo. Não podia negar que sentia uma ponta de orgulho por ser o autor daquela façanha.

Procurava, ao mesmo tempo, ignorar seu próprio desejo. O membro, majestosamente avolumado, se agitava sob a seda do robe. Bastaria uma simples abertura para que saltasse para fora, pronto para agir. E Olívia estava ali, úmida e desejosa, também pronta para recebê-lo. Ou melhor, pronta para receber um homem de proporções *normais*...

Irritado, bateu com o punho contra a madeira e se levantou. Tinha de afastar a tentação. Apanhou a camisola de Olívia que a criada havia deixado dobrada embaixo do travesseiro, mas que escorregara para o chão, e a estendeu à mulher.

— Cubra-se, Olívia. Por favor, cubra-se antes que eu...

— Dane? — Ela abriu os olhos. — Fiz como você queria?

É claro que sim. Havia correspondido às carícias dele muito além de qualquer expectativa. Colocou a camisola na mão da esposa e deu-lhe um rápido beijo na testa.

— Amanhã nos vemos, minha querida. Durma bem.

— Mas, Dane...

Diante do tom de súplica, ele parou na porta e se virou. Olívia sorriu com ar ingênuo, o rosto ainda corado.

— Eu só queria lembrá-lo de que vou passar a noite em seu quarto — disse.

— Não — respondeu sem olhar para ela, com medo de fraquejar. — Você precisa descansar. Se eu precisar de alguma coisa, pedirei a meu valete. Afinal, ele ganha uma fortuna para me atender.

Sem mais nenhuma palavra Dane saiu do aposento, apagando a vela do castiçal no caminho.

O dia amanheceu radiante e Olívia acordou bem-disposta. Sorriu antes mesmo de abrir os olhos por completo. Naquele dia tudo ia ser diferente. A relação dela com Dane tinha progredido muito no dia anterior. Primeiro ele lhe salvara a vida. Depois ela cuidara do ferimento dele. E, no fim da noite... bem, no fim da noite... ele havia feito *aquilo*.

Um pensamento maroto lhe ocorreu. Será que conseguiria convencê-lo a fazer *aquilo* de novo?

Antes que Petty aparecesse, ela se vestiu, toda animada, e desceu saltitante a escada à procura do marido. Mas não o encontrou em parte alguma.

No escritório estava apenas lorde Dryden, sentado à escrivaninha de Dane. Pareceu satisfeito ao vê-la, apesar de ter rapidamente escondido os papéis que lia embaixo de uns

livros. Levantou-se para cumprimentá-la.

— Bom dia, lady Greenleigh. Dormiu bem? Espero que o acidente de ontem à noite não tenha lhe deixado seqüelas.

Olívia piscou em silêncio. A única "seqüela" da noite anterior que sentia era uma intensa felicidade. Certamente não era a isso que Dryden se referia.

— Me sinto muito bem, obrigada — respondeu. — Sabe onde está meu marido?

— Ele teve de sair, mas, se não me engano, disse que voltaria antes da hora do almoço. Há algo que eu possa fazer por milady no lugar dele? — indagou Marcus, com um sugestivo brilho nos olhos.

Olívia o fitou. A pergunta vinha carregada de malícia. Deveria mostrar-se ofendida e sair dali imediatamente, mas percebeu que era apenas uma brincadeira de mau gosto, que Marcus não tinha intenção de insultá-la. Então apenas sorriu.

— Sabe de uma coisa? Milady me surpreendeu com suas atitudes. Pensei que fosse um tipo de mulher mais frágil, mais ao estilo da srta. Absentia Hackerman, por exemplo.

— O quê? Fútil e vazia daquele jeito? Pelo amor de Deus, lorde Dryden! Quero distância daquela moça!

— Sabe, lady Greenleigh, eu até que gosto dela, especialmente "*in absentia*", ou seja quando está bem longe de mim.

Os dois caíram na risada. Quando conseguiu parar de rir, Olívia sugeriu a Marcus:

— Creio que pode me chamar pelo primeiro nome. Afinal, vejo que já é íntimo da casa porque está sempre aqui.

— Será uma honra chamá-la de Olívia. Mas só se também me chamar de Marcus, está bem?

— Combinado.

— Quanto a estar sempre aqui, saiba que eu tenho minha própria casa. Só que a cozinheira de Dane é bem melhor — ele brincou.

— Ah, os homens e seus estômagos... É por aí que se perdem. Meu irmão Walter também era assim. Aliás, você se parece bastante com ele.

Notou que, ao ouvir isso, Marcus repentinamente ficou sério.

— Conheceu meu irmão?

— Hum... muito rapidamente. Freqüentávamos círculos diferentes — respondeu Marcus, e seu tom denunciava que ele não aprovava as companhias de Walter.

— Diferentes? Como assim?

— Olhe, eu não gosto de falar de quem já morreu. Desculpe.

— Quem diz isso é porque tem algo ruim a dizer do falecido. O que é, Marcus? Eu só quero saber o que aconteceu com meu irmão. Apesar de amá-lo muito eu sei que ninguém é perfeito.

— Bem, eu nunca soube de nada desabonador sobre ele... Só do pessoal com quem ele andava.

— E quem era essa gente?

— Um bando de inúteis e malfeitores, marginais riquinhos e janotas. A maioria das arruaças que aprontam é apenas desagradável, mas soube de algumas ocasiões em que

fizeram verdadeiras maldades com...

Marcus não completou a frase e Olívia se agitou.

— Com quem?

Walter não era capaz de fazer qualquer maldade, ou pelo menos maldades maiores. Claro que tinha feito algumas, traquinagens quando criança, como maltratar um cachorro vira-lata e quebrar o nariz do filho do ferreiro numa briga. Mas certamente Marcus não estava se referindo a nenhuma dessas peraltices.

— Com quem, Marcus? Vamos, diga logo.

— Lorde Wallingford é o chefe do bando. Basta que eu lhe diga que nenhuma empregada pára na casa da família dele. Outro é lorde Ashby. Correm rumores de que ele violentou a preceptora da irmã. A mulher sumiu sem nem mesmo dar queixa à polícia. Depois tem lorde Connor. Ele não é tão mau, mas não faz nada para conter as barbaridades que os outros praticam porque vive bêbado. Olívia ouvia tudo horrorizada.

— Não! Não é possível! Walter não era assim. Ele nunca conviveria com esse tipo de gente! Era um rapaz honrado, bom, e...

— E que morreu afogado quando caiu bêbado de um bordel num barco, atulhado de prostitutas e de ópio — completou Marcus com voz pesarosa.

Olívia arregalou os olhos e abriu a boca.

— Mentira! Eu não acredito!

— Pediu que eu dissesse o que sabia, não foi? Pois eu disse e sinto muito se não gostou. Apenas sugiro que pense duas vezes antes de me chamar de mentiroso.

— Desculpe, Marcus. Sei que falou a meu pedido e também que não é mentiroso.

Se Marcus não estava mentindo, então alguém havia mentido. Walter era meio fanfarrão e incoseqüente por ter sido tão mimado na infância, mas jamais chegaria a ponto de...

— Obrigada por sua paciência, Marcus — disse Olívia, afastando o mau pensamento. — Agora vou deixá-lo aqui sossegado a espera de Dane — completou, virando-se para sair.

— Ah, Olívia, mais uma coisa.

— Sim?

— Fique bem longe de Wallingford e seu bando. Eles não sabem se *conter* quando encontram a oportunidade de desonrar uma dama.

— Ah... entendi... até logo, Marcus.

Mal tinha dado o primeiro passo rumo à porta quando Dane entrou.

— Bom dia! — ela exclamou, abrindo um largo sorriso. Ele não respondeu ao cumprimento. Apenas inclinou a cabeça e seguiu diretamente para seu lugar na escrivaninha, o qual Marcus se apressou a desocupar.

— Ainda bem que já acordou, Olívia. Precisamos conversar — disse com ar compenetrado.

Aquela frieza devia ser porque Marcus estava ali. Os homens são assim. Não se sentem à vontade para dar demonstrações de carinho na frente dos outros.

— Pois não?

— Daqui a alguns dias vamos partir para a minha... ou melhor, para a *nossa* residência de caça na Escócia. Assim que chegarmos lá, organizaremos um Baile da Caça para comemorar a abertura da temporada.

— Ah, é? Pensei que tinha o compromisso de ir para a Fazenda Greenleigh e que esse era o motivo de não termos feito uma viagem de lua-de-mel.

— Nada disso. Não tivemos lua-de-mel por causa dos meus negócios. Mas agora quero ir para a Escócia, como faz todo mundo nesta época do ano. É a temporada de caça ao galo silvestre.

— Vai caçar galos silvestres? Mas por quê, se não gosta nem de frango?

— A caça ao galo é um esporte. Não se precisa necessariamente comer a caça.

— Esporte? Então por que não atiram em alvos de papelão, promovem corridas de cavalos ou qualquer outra coisa? Para que matar as pobres aves?

— Ora, porque... porque... é o costume, ora essa!

— Pois para mim esse costume não tem lógica alguma.

— Olívia! Vamos voltar ao assunto? Gostaria que assumisse os preparativos para o Baile da Caça, que será daqui a quatro dias. Não importa quanto vai custar. Quero algo muito sofisticado, com ambiente elegante e comida da melhor. Calcule tudo para quarenta convidados.

Ela piscou, assustada.

— Ah... sim... é claro. Mas quatro dias é um prazo muito curto, não acha?

— Tenho certeza de que vai dar conta. Sua mãe me disse que você organizou muitas reuniões como essa.

Oh, céus! Outra mentira da mãe! Olívia não só jamais tinha organizado algo assim como sequer freqüentara esse tipo de evento. Mas a mãe, sim. Ela adorava ir a todas as festas e quanto mais sofisticadas, melhor. Precisaria da ajuda dela para desempenhar a tarefa que Dane estava lhe delegando.

— Claro... — respondeu, sem-graça. — Esse papel na sua mão é a lista de convidados? Devo providenciar os convites?

Mais do que depressa, Dane virou a folha sobre a mesa.

— Não, não. Eu já enviei todos os convites ontem.

A expressão de Marcus, que até então ouvia calado a conversa, demonstrava sua perplexidade. Olívia também estava espantada com a atitude intempestiva do marido.

— E posso saber quem são? — ela perguntou, timidamente.

— Não se preocupe. Convidei a nata da sociedade — Dane respondeu, seco, levantando-se e apoiando as mãos sobre o tampo da escrivaninha como dando por encerrada a conversa.

Pelo visto, esperava que ela saísse dali de imediato. Isso sem sequer tê-la cumprimentado direito nem mesmo lhe dado um beijo de bom-dia. Apenas dera ordens, como se ela fosse um de seus criados. Com que espécie de pessoa tinha se casado? Onde estava o homem gentil e carinhoso da noite anterior? Quantas outras surpresas desagradáveis Dane ainda reservava para ela?

— Então... então acho que preciso ir logo começar os preparativos.

— Acho bom. Na hora do jantar quero que me conte tudo que organizou.

No *jantar*? Quem Dane pensava que ela era? Um bólido de velocidade?

— Esta bem — respondeu e saiu apressada do escritório.

O relógio do corredor indicava que já era quase meio-dia. Na a residência, a mãe devia estar acordando. Pela primeira vez vida Olívia estava ansiosa por encontrar-se com sua mãe. Assim que ela saiu, Dane se acomodou de novo na escrivaninha, pronto para começar os assuntos do dia, porém Marcus não o deixou falar.

— O que é isso, Dane? — disse, zangado. — Você já mandou os convites? Mas como, se a proposta do baile nem tinha ainda sido aprovada pelo Quarteto?

— Não preciso de aprovação de ninguém para dar uma festa. Se eles não aprovarem, pelo menos Olívia e eu teremos uma noite divertida e ela conhecerá algumas pessoas importantes. Não havia motivo para adiar.

— Assim? Sem me dizer nada? E a pobre Olívia? Como espera que ela faça tudo em apenas quatro dias?

Dane apertou o maxilar e olhou contrariado para o amigo.

— Desde quando chama minha mulher de Olívia?

— Desde esta manhã, quando ela me pediu que a chamasse assim. Mas não mude de assunto, Dane.

— Não estou mudando. Eu já encerrei o assunto.

— Pois eu não estou de acordo com esse plano.

— Eu sei, Marcus. Só que você ainda não é o Leão. Eu é que sou.

— Aquele cavalo devia ter batido em você com mais força. Talvez assim colocasse um pouco de juízo nessa sua cabeça dura.

— Não seja melodramático. O plano é bom. Se Sua Alteza escolher alguma das damas que convidei, estamos feitos. Se não escolher, pelo menos teremos uma bela noite de dança. Não haverá prejuízo algum.

— Assim espero...

— E agora, será que podemos tratar daquele outro assunto? Marcus fez cara feia, mas pegou a folha de papel que Dane lhe estendia. Nela havia um esboço, um retrato feito a tinta.

— Quer dizer que este é o Chimera? — observou, virando a folha de um lado e de outro. — Não parece nada simpático.

— Pelo menos é assim que se apresenta quando está no papel de "Denny". Mas, segundo lady Jane Damont, consegui mudar de aparência com muita facilidade — explicou Dane. — Engraçado... o rosto dele não me é totalmente estranho...

De repente, algo lhe ocorreu. Lembrava-se vagamente de alguém que vira em meio a uma multidão. Pegou o desenho da mão do amigo e o olhou detidamente.

— Tenho a nítida sensação de que o vi antes, só não sei onde.

— Pois me avise, quando lembrar. Não vejo a hora de pegarmos esse canalha.

— É o que todos nós queremos, Marcus.

Retomaram o trabalho, analisando a enorme pilha de documentos e de relatórios que havia sobre a mesa. Algumas horas haviam se passado quando Dane interrompeu a tarefa.

— Fica para o jantar, Marcus? Assim poderá ouvir o que Olívia vai me contar sobre os preparativos da festa enquanto come nossa comida que, por algum motivo, parece preferir à da sua casa.

— Fico, sim, obrigado. Mas acha que ela vai dar conta de organizar tudo?

— Creio que vai. Segundo a mãe, Olívia é uma anfitriã muito experiente.

Quando sua carruagem parou diante do solar da família, Olívia estava em pânico. Não imaginava que voltaria ali tão depressa, mas tinha de confrontar a mãe. Como era possível que tivesse mentido tão descaradamente para Dane? Que outras inverdades teria inventado para ele?

Faltavam apenas quatro dias para a festa que estava a seu encargo e, se não conseguisse organizá-la, a mentira viria à tona. E Dane não aceitava que mentissem para ele.

A mãe ainda se encontrava de penhoar, tomando seu chá na ensolarada saleta.

— Oh, bom dia, Olívia! — disse e, em seguida emendou a crítica: — Por que cargas d'água está usando esse casaco verde por cima de um vestido cor de abóbora?

Só porque você me fez comprar este vestido desta cor pavorosa, ela quis responder, mas não disse nada. Detestava aquela roupa, que além de não lhe cair bem, não combinava com nada.

— Não tenho tempo para falar do meu guarda-roupa, mamãe. Vim aqui falar do baile.

— Baile? Que baile? A temporada já terminou, meu bem. Agora só há peças de teatro e jantares insípidos na cidade. Todo mundo que interessa já foi embora para a Escócia. Por sinal, seu pai e eu também estamos pensando em voltar para nossa casa de campo. O inverno lá é bem rigoroso, mas este ano não nos faltará carvão para as lareiras, como nos invernos anteriores, não é? Peça a Greenleigh que nos mande logo o cheque, minha querida. Não é ótimo saber que nunca mais precisaremos nos preocupar com dinheiro?

— Se papai tivesse posto em prática algumas das idéias de Walter, a fazenda nunca teria tido problemas de dinheiro — Olívia comentou sem muita ênfase. — Recuperar o moinho de farinha, por exemplo, já nos daria uma boa renda e...

Falava para esconder sua surpresa. Pelo visto, a mãe não tinha recebido o convite para o Baile da Caça. Por que Dane daria uma festa como aquela sem convidar seus pais?

— Olívia! Como ousa criticar seu pai? E pior ainda, fazer-me lembrar de Walter, sabendo o quanto isso me dói.

Olívia ficou em silêncio. Tinha de fato pisado em terreno delicado. Era melhor mudar de assunto.

— Creio que seria mais correto a senhora mesma falar com Dane e expor a ele os problemas financeiros pelos quais está passando.

— O quê? E me humilhar desse jeito diante de um homem tão poderoso? Quer que eu ande por aí mendigando? Me recuso a tratar de algo tão constrangedor com alguém fora da nossa família.

— Mas Dane é meu marido. Ele agora faz parte da família.

— Graças a *mim*, tem de admitir. Ou acha que ele teria olhado para você se soubesse que estávamos numa situação vergonhosa como essa?

— Como assim, vergonhosa? Só porque temos dívidas? Tem muita gente com problemas financeiros. A maior parte da alta sociedade, por sinal, vive endividada.

— Mas há dívidas e dívidas. Cheltenham tem dívidas enormes há várias gerações. Os credores até acabam desistindo de cobrar porque nunca temos boas colheitas para pagá-los nem gente que queira arrendar nossas terras.

— Mas nunca vão conseguir nos tirar Cheltenham, mamãe. É um legado inalienável da família, e depois da morte de Walter, papai é o último na linha de sucessão.

— Claro que não tirariam. Ninguém quer Cheltenham. A terra é um amontoado de cascalho e de campos cobertos de erva daninha. O perigo que corremos é muito maior do que esse. E a falência!

— Falência?

— Ora, Olívia, sei que não entende muito dessas coisas, mas declarar falência é o pior que pode acontecer a alguém da nossa estirpe. É um desastre tão grande que nem mesmo todo o prestígio do nome Greenleigh seria capaz de apagar essa nódoa dos filhos que vocês tiverem.

Olívia gelou. Falência! Que diria Dane quando soubesse?

— Isso não pode acontecer, mamãe! Tenho certeza de que Dane vai ajudá-la.

Os pensamentos rodavam na mente de Olívia. Estava tudo muito confuso e, para piorar as coisas, teria de organizar o baile sozinha. Não podia pedir a ajuda da mãe se ela nem mesmo tinha sido convidada. Seria um fiasco total.

Mas havia outra coisa que a estava perturbando. Aquilo que Marcus dissera sobre Walter. Podia ser apenas intriga, mas em todo boato sempre há um fundo de verdade.

— Sei que não gosta de falar sobre Walter, mamãe, mas há algo que preciso saber.

Lady Cheltenham deu um suspiro profundo.

— Ah, está bem. O que é?

— A senhora sabe como foi exatamente que Walter morreu?

— Afogou-se depois de cair de um barco que os colegas tinham alugado, só isso.

— Que tipo de barco era?

— Não faço a menor idéia.

— E como pode ter certeza de que essa foi a causa da morte?

— Pelo amor de Deus, Olívia! Pare de ser tão mórbida. O que eu sei é o que o valete de Walter contou a seu pai. Ele viu tudo. Parece que Walter bebeu um pouco demais, acabou caindo no Tâmis e sumiu. Coitadinho, aquele rio é tão sujo...

— Sei bem disso, mamãe. Mas por onde anda esse valete? Sabe o nome dele?

— Não. Por que saberia? E agora chega de falar de Walter. Quero falar sobre seu marido. Não esqueça de pedir a ele que mande o cheque, ouviu?

Não adiantava argumentar com sua mãe. Como sempre, ela tinha a última palavra. Era hora de sair antes que aquilo se transformasse em mais uma das habituais discussões entre mãe e filha.

— Nossa, como é tarde! Tenho de ir embora. Mande um beijo para papai — exclamou Olívia, levantando e dirigindo-se à saída.

Do lado de fora, respirou fundo. Teria de fazer tudo sozinha, sem a ajuda da mãe nem de ninguém. E estava decidida a conseguir. Afinal, se tantas mulheres desmioladas e fúteis da sociedade organizavam bailes, por que ela não conseguiria? Encarregaria as cozinheiras de decidirem sobre o menu, já que, como Dane dizia, eram muito bem pagas para isso. Caberia a ela então organizar a diversão para deixar o ambiente "sofisticado" como ele recomendara.

Muito bem, se era assim, rezava para que tudo desse certo. Uma caminhada pelo parque certamente a ajudaria a aclarar as idéias.

O olheiro a observou descer os degraus da casa paterna. Milady já estava de pé e passeando àquela hora da manhã? Em geral as damas se contentavam em ficar preguiçosamente reclinadas sobre um sofá, exibindo-se para seus companheiros até bem mais tarde do dia.

Pelo visto, ela não era dada a esse tipo de coisa. Mas, apesar de aparentar indiferença, milorde havia agido com muita presteza para salvá-la na noite anterior. Tinha se jogado na frente do cavalo antes que ele atingisse a esposa. Devia ter algum interesse em protegê-la. Devia estar precisando da mulher, por mais humilhante que fosse precisar de uma mulher para qualquer coisa.

O olheiro percebeu quando Olívia parou por um instante sobre a trilha. Parecia agitada. Algo estava acontecendo Sem que ele soubesse o que era. Não gostava nada daquilo. Precisaria mantê-la sob vigilância constante, para não ser pego de surpresa.

Olívia entrou em seu quarto, concentrada nos planos. Tinha ficado a última meia hora com a cozinheira, passando-lhe a tarefa de organizar o menu. A mulher se mostrara contrariada com isso e deixara bem claro o seu aborrecimento, sacudindo a faca com a qual cortava a carne do almoço. Mesmo assim, foi forçada a aceitar.

Nunca havia tido dificuldades desse tipo com os criados de Cheltenham. Eles trabalhavam na casa havia anos e gostavam dela como uma filha.

A arrumadeira que estava limpando uma das estantes quando Olívia entrou no quarto virou-se para encará-la.

— Você é Letty, não?

— Não, milady.

— Claro que é. Não queira me enganar porque não vou permitir!

Aquela rebeldia da criadagem já esgotara a paciência de Olívia. Só queriam confusão, e ela estava farta.

— Mas milady... eu sou...

— Chega de brincadeiras!

— Letty sou eu — disse uma voz às suas costas. Parada na porta do quarto estava a outra criada, e quem limpava a estante era de fato Petty. Mas para surpresa de Olívia, uma terceira moça apareceu na soleira, muito parecida com as outras duas.

— O que é isso? Vocês são trigêmeas?

— Sim, milady.

— E como você se chama?

— Hetty, milady.

— Só me faltava isso!

Olívia levantou os braços. Quanta trapalhada! A recém-chegada olhava para ela com os olhos esbugalhados de medo, quase aos prantos.

— Oh, está bem, Hetty. Prazer em conhecê-la.

— Ela já lhe foi apresentada pela... — começou a explicar Petty.

— Já sei, já sei, pela sra.Huff, quando cheguei. Não precisa repetir. Agora, Hetty, desculpe meu destempero. Vocês todas podem ir cuidar de seus afazeres.

Petty dava a impressão de estar se divertindo com a situação, mas a pobre Hetty continuava aterrorizada.

Sem dizer mais nada, Olívia se sentou à escrivaninha. Estava envergonhada com a descompostura que dera nas criadas sem motivo. Por mais viscondessa que fosse, estava sempre metendo os pés pelas mãos. Se não era capaz nem de lembrar direito o nome dos criados, como pretendia ter a capacidade de organizar uma festa para quarenta convidados importantes? Ainda mais algo tão sofisticado, como Dane tinha pedido e que ela nem sabia exatamente o que isso significava, na verdade.

Sentado à mesa do jantar, Dane parou a meio caminho com o garfo que levava à boca. Olívia acabava de contar o que tinha planejado em termos de divertimento para a festa.

— Como? Cães de *circo*? Aqueles que dançam? — exclamou. Ela sentiu o rosto corar.

— São encantadores... — balbuciou. Marcus torcia os lábios para não rir.

— Aqueles que usam sainhas franzidas? — perguntou.

— E também chapeuzinhos? — acrescentou Dane, caindo na risada até ficar com lágrimas nos olhos.

— Eu gosto de cães — disse Olívia com timidez.

— Deve estar brincando! — exclamou Dane, quando por fim conseguiu parar de rir. — Não é possível! Vamos, Olívia, até amanhã estou certo de que vai pensar em algo melhor.

Um silêncio desconfortável se fez na mesa. Dane olhou com a testa franzida para a esposa. Será que ela sabia mesmo como se organizava uma recepção?

— E quanto ao cardápio? Tem idéia do que vai servir durante a semana de festejos que se seguirá ao baile?

Semana? Quer dizer que os convidados ficariam hospedados com eles durante uma semana inteira?

— Ah, sim... a semana de festejos... Já dei todas as instruções à cozinheira — ela respondeu, fingindo que sabia.

— Ótimo! No tocante às diversões para esta semana, não tem por que se preocupar. Todos vão querer sair para caçar.

— Eu sei. Vão matar aves que ninguém comerá. Que coisa esplêndida! — desafiou Olívia, cruzando os braços.

Não deixaria Dane humilhá-la sem retrucar. Ele não tinha como responder àquela crítica e nem se esforçava para fazê-lo. Sua atenção havia sido desviada para a curva dos seios dela, que ficavam ainda mais salientes e tentadores quando ela cruzava os braços.

— De minha parte, eu vou caçar galos silvestres. Quanto a você, minha querida, fique atirando em alvos de papelão, organizando corridas de cavalos ou fazendo qualquer coisa que quiser.

— Qualquer coisa *mesmo*?

Indiferente à provocação, Dane continuou fitando o decote dela e os lábios carnudos que se moviam em torno do garfo com sensualidade. Decidiu que naquela noite iria vê-la tomar banho. Só de pensar naqueles magníficos seios cobertos de espuma emergindo da água, sentia o volume crescer dentro das calças. Disfarçou, procurando não demonstrar que sua mão tremia de desejo.

Enquanto isso, Olívia e Marcus terminavam o jantar, distraídos numa conversa animada.

Caminhando de um lado para outro em seu quarto, Olívia tentava desesperadamente pensar em alguma distração para o Baile da Caça.

Tinha gostado da idéia dos cãezinhos. Quem é que não se comovia vendo aqueles lindos animaizinhos dançar? Dane, pelo visto. A risada de escárnio dele ainda ecoava em seus ouvidos.

Ao lado do fogo, Petty preparava seu banho e segurava o frasco de água-de-rosas para despejar um pouco na banheira.

— Hoje prefiro que perfume o banho com outra essência, Petty.

Sabia que Dane gostava do cheiro de rosas, mas estava cansada de atender aos desejos dele. Queria ao menos ter o direito de escolher o perfume de seu banho!

— Mas foi o patrão quem comprou este perfume para a senhora usar, milady.

Pronto! Outra batalha com Petty estava prestes a começar.

— E ele não comprou nenhuma outra essência de banho? Só essa?

— Não, milady, comprou várias.

— Ótimo, então vá pegar uma outra.

— Pois não, milady — a moça respondeu, com cara fechada.

Era evidente que a criada estava brava, mas Olívia não queria se preocupar com isso. Se Dane não se importava com o que os empregados pensassem, por que ela deveria se preocupar? O fato, porém, é que ela se importava. Não estava acostumada a ter atritos com a criadagem. Seria incapaz de demitir Petty, mesmo que Dane permitisse. Agora era uma dama de título nobre e estava acima dessas futricas. Cabia a ela, como patroa, ser superior e aprender a lidar com sua criada.

Petty voltou com um frasco quadrado. Já ia começar a despejar o líquido na água quando Olívia a deteve.

— Que perfume é esse?

— É a essência de sândalo do patrão.

— Sândalo?! Mas você sabe muito bem que só os homens usam sândalo! Que pretendia fazer? Colocar isso no meu banho para depois me vestir com terno e gravata e me chamar de lorde Oliver?

Maldição! Estava se descontrolando e perdendo novamente a paciência.

A moça esboçou um sorriso e colocou a mão sobre a boca para esconder que ria. A criada estava se divertindo à custa dela. Olívia não conseguia acreditar que Petty

pudesse ser tão demoníaca.

— Você é sempre assim maldosa? — perguntou, fuzilando-a com o olhar.

A criada não se conteve. Sem responder, começou a rir abertamente.

— Pois muito bem, mocinha. Saiba que não vou aturar suas maldades nem mais um minuto!

— Não me importa — a criada murmurou. — Eu também já cansei.

— Por que me provoca assim se...

Antes que Olívia terminasse a frase, Dane apareceu na porta.

— Boa noite, minha querida — cumprimentou da soleira. Petty ficou vermelha como um pimentão, fez uma rápida reverência e escapuliu dali. Mas Olívia notou algo de muito estranho no olhar que a moça dirigiu ao patrão. Era um olhar intenso, como se quisesse transmitir-lhe alguma mensagem. Não foi difícil concluir. Era isso!

Petty estava apaixonada por Dane.

Que infelicidade, pobre moça! Era até compreensível que algo assim acontecesse quando um lorde jovem e atraente contratava mocinhas sonhadoras para cuidar da casa. Já tinha acontecido antes, em muitas ocasiões. Pobre Petty, devia estar Com o coração partido!

Olhou fixamente para Dane com desalento. Mesmo vendo que ela se esforçava tanto em desempenhar com perfeição suas ovas tarefas de viscondessa, ele não a elogiava e nem mesmo tornava sua esposa de fato.

CAPÍTULO III

Naquela noite, quando Dane foi à procura de Olívia, não a encontrou deitada nua sobre a cama, como esperava. Ela estava embrulhada numa toalha, pronta para entrar na tina de banho, e com cara de poucos amigos. Aparentemente, não iria deixar que ele a visse no banho, como tanto queria.

— Dane, nós precisamos conversar — disse, franzindo o cenho.

Precisamos conversar. Essas palavras vindas de uma mulher eram capazes de assustar qualquer homem no mundo. Tudo indicava que ele estava em apuros.

— Sobre o que gostaria de falar, minha querida?

Dane rezava para que o assunto fosse trivial e, sobretudo, que não se tratasse de discutir a relação.

— Quero saber por que... por que nós ainda não consumamos nossa união.

Dane abriu a boca, mas não conseguiu emitir qualquer som. Que desgraça! Devia ter preparado alguma desculpa antecipadamente. Alguma desculpa plausível e fácil de acreditar. Mas não. Não tinha pensado em nada e não sabia o que dizer.

— Dane? Está me ouvindo?

Aquilo era muito repentino. Se tivesse um pouco mais de tempo e maior intimidade com Olívia, poderia abordar o assunto de forma mais suave e paulatina. Mas como? Na verdade não sabia por onde começar.

— Eu... não posso fazer isso com você, Olívia. Me desculpe. Eu... devia ter dito antes...

Virou-se de costas, aflito. Faltavam-lhe as palavras para explicar à esposa que ele era uma aberração da natureza, que tinha uma anomalia com a qual ela estava condenada a viver pelo resto da vida.

Olívia se aproximou e o abraçou por trás com carinho.

— O que foi, Dane? O que é que o deixa assim, tão amargurado?

O toque da pele suave de Olívia em suas costas era suficiente para excitá-lo. Sua mulher tinha que conhecer a verdade. Ela precisava saber.

Sem dizer nada, pegou as mãos de Olívia que seguravam sua cintura e as foi abaixando até onde a ereção já se avolumava. Sentiu que ela prendia a respiração e, involuntariamente, apertava os dedos sobre seu membro. De imediato este cresceu ainda mais, respondendo ao toque, depois de tantos anos de celibato. Agigantava-se e pulsava entre as mãos de Olívia.

— Oh! — ela murmurou.

Seria uma exclamação de horror? De repulsa?

Dane segurou as mãos dela no lugar em que estavam. Então os dedos de Olívia se moveram de cima a baixo pelo tecido da calça, medindo as dimensões do enorme membro que continuava a crescer.

Dane deu um gemido e em seguida soltou as mãos de Olívia. Deixou-a livre para que expressasse toda a sua repugnância por aquela monstruosidade. Agora que conhecia seu terrível segredo, que se sentisse livre para fugir dele, para evitá-lo e nunca mais permitir que a tocasse.

Mas Olívia não fugiu.

Ficou ali, agarrada às costas dele, ainda medindo-o avidamente. O tamanho! Como era possível que tivesse aquele tamanho todo? Era como um enorme bastão roliço e firme, se projetando do abdome. Explorou-o com curiosidade.

Olívia não era totalmente ignorante dos procedimentos do ato amoroso. Sabia que aquilo precisaria entrar dentro dela.

Mas haveria espaço para tanto no seu corpo? Não. De forma alguma. Seria impossível!

Dane empurrou-a levemente de lado.

— Não posso permitir que continue com isso — disse, com voz rouca. — Sua carícia é deliciosa, minha querida, mas...

— Me deixa ver?

O pedido saiu de repente, antes que Olívia pensasse no que estava falando. Sua mãe tinha razão. Ela precisava aprender a calar a boca.

Dane se virou e a olhou com surpresa. Depois deu alguns passos e ficou em pé diante da lareira, olhando para o fogo.

— Desculpe... não devia ter pedido isso — ela tentou consertar.

Ele demorou bastante em responder.

— Olívia, nem sei como implorar que me perdoe. Eu menti para você — disse com voz rouca.

— Mentiu?

— Estava mentindo quando fingi ser um homem normal e lhe dei a impressão de que teria uma vida normal a meu lado. Nunca devia ter me casado com você sem que soubesse... dessa minha... deformidade. Não é justo que eu a tenha prendido a mim quando você podia se casar com um homem comum, sem esse defeito.

— De que defeito está falando?

— Ora, como, de que defeito?! — Dane gritou.

— Explique, por favor. Estou ouvindo.

— Muito bem — ele disse, apoiando os cotovelos sobre a mesa e olhando Olívia bem de frente. — Você mesma, com suas próprias mãos, constatou qual é o defeito e deve concordar que nossa relação vai ser... impossível!

— Ah. Então está afirmando que nunca pretende consumir nosso casamento?

— Exatamente.

— Entendo — respondeu Olívia, pensativa. — Está mesmo certo disso?

— Sim. Eu cheguei a imaginar que com você essa relação pudesse acontecer, mas no fundo sabia que não ia dar certo. Não posso submetê-la a uma coisa dessas, Olívia. Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— Não acha que devia ter tocado nesse assunto antes? Antes de nos casarmos, por exemplo?

— Devia sim, mas não tive coragem.

— Por quê? Qual era o seu medo? Que eu o rejeitasse e não aceitasse seu pedido de casamento?

— E claro. Olívia riu.

— Rejeitar? Acha que eu rejeitaria um pedido do poderoso, abastado e atraente lorde Greenleigh? Pensa que tinha tantos pretendentes assim para ser seletiva a esse ponto?

— Não sei...

O silêncio tomou conta do aposento. Mal podiam olhar um para o outro. Estavam ambos sem saber o que falar.

— E então? O que vamos fazer agora? Creio que só nos resta irmos para a cama — Olívia disse por fim.

— Mas, Olívia...

— Não quer ir comigo para a cama?

— E teria algum propósito?

Claro que teria. A proximidade, o companheirismo, o carinho, a troca, tudo isso também eram bons motivos para ficarem juntos. Mas Dane *não* pensava assim. Ele se curvou de leve e a beijou na testa.

— Boa noite, minha querida — disse ao sair.

Por mais que não quisesse, Olívia ia dormir sozinha outra vez.

Olívia acordou mais cedo para poder tomar o desjejum em companhia do marido. A manhã estava cinzenta e triste, compatível com o estado de ânimo de Olívia. Durante a refeição, Dane mal conversou. Estava entretido lendo o jornal e, assim que acabou de comer, levantou-se da mesa e foi embora com um breve aceno de despedida.

O jornal ficou para trás e Olívia passou os olhos pelos cabeçalhos. Não tinha disposição para ler as notícias nem nada mais profundo do que a coluna social, cheia de futilidades.

"Está na hora de fechar os salões da cidade para, como todos os anos, voltarmos às nossas casas de campo, queridos leitores. Mas antes disso, uma perguntinha: Quem será que nosso querido Príncipe vai escolher para sua nova namorada? Há viúvas e esposas em abundância, mas é bom que Sua Alteza se apresse, antes que todas essas pombinhas voem de volta para a Escócia. E que me dizem da sra. Blythe, a mais famosa anfitriã de Londres? Parece que Sua Alteza já notou a bela plumagem dela. Será que é a escolhida? Isso daria muito pano para manga, não acham?"

Olívia fechou a página, contrariada. Aparentemente, todo mundo tinha romances em vista. Todo mundo, menos ela. Irritada, espetou com força o garfo na torrada sobre o prato.

— Tomara que não esteja pensando em mim quando ataca com o garfo desse jeito — disse uma voz na entrada do salão.

Era Marcus, que sorria para ela da porta.

— Não, não era exatamente na sua pessoa que eu estava pensando...

— Ainda bem. Então deve ser em Dane.

— É muito perspicaz, Marcus.

Ele chegou mais perto e apoiou as mãos na cadeira em frente à de Olívia.

— Devo pedir desculpas pela nossa falta de educação de ontem, milady. Mas é preciso que admita. Cães de circo não foi uma boa idéia. Estamos falando de um evento social da mais alta categoria e não de um aniversário de crianças.

Olívia mordeu o lábio. Não tinha idéia do que era um "evento social da mais alta categoria" e graças à mentira da mãe agora estava nessa enrascada.

— Nunca organizou uma coisa dessas, não é mesmo? — insistiu Marcus.

— Ora, não seja tolo. Minha mãe é uma anfitriã de mão cheia.

Isso era verdade. Só que a mãe promovia suas festas na residência da família na cidade, enquanto Olívia ficava sempre na fazenda. Nunca havia acompanhado os preparativos da mãe nessas ocasiões.

— Ótimo, então peça ajuda à sua mãe!

— Não. Isso não será possível. Minha mãe não tem tempo disponível no momento — ela inventou a desculpa.

Porém Marcus acabava de lhe dar uma boa idéia. Lembrou do jornal que acabara de ler. Havia alguém que a coluna social considerava a "mais famosa anfitriã da cidade" e que supostamente tinha recebido até o próprio príncipe regente. Uma tal de sra. Blythe! Era a ela que pediria ajuda!

— Mas eu sei exatamente quem pode me ajudar — Olívia completou, sorridente.

A carruagem de Olívia parou diante da porta da residência da sra. Blythe. Petty ia encolhida em um canto do assento. Era seu dever acompanhar a patroa, mas o fazia de má vontade. Olívia desceu, deixando que a criada ficasse ali. Seu mau humor só iria atrapalhar as negociações.

Segurou a aldrava de bronze com a mão enluvada e bateu.

Quem veio abrir não foi um mordomo, como era o habitual, mas sim uma mulher baixota vestindo uniforme de governanta. Olívia estendeu a ela um dos cartões de visita que acabara de mandar fazer com seu nome gravado em alto-relevo.

— A sra. Blythe poderia me receber?

A mulher pegou o cartão, leu o nome e depois olhou para ela de alto a baixo com ar de curiosidade. Os olhos de um azul profundo estavam arregalados.

— Milady quer falar com... a sra. Blythe? Tem certeza? — perguntou, reticente.

— Sim. Faria a gentileza de perguntar a ela se pode me receber?

A criada baixou a cabeça de leve e abriu mais a porta.

— Pois não. Por aqui, por favor, milady — respondeu, levando Olívia para a sala de estar.

O lugar era bastante escuro e o ambiente pesado.

O olheiro observava tudo parado do outro lado da praça, indiferente à garoa que começava a cair. Que diabos estaria milady fazendo naquela casa?

Era bem verdade que ela se esforçava para agradar o lorde, seu marido, e que certamente poderia aprender alguns truques naquele que era o bordel mais conhecido de Londres. Não era de se esperar, porém, que uma dama fina da sociedade conhecesse um lugar como aquele. E, se conhecesse, devia pelo menos fingir que não conhecia.

Se o lorde ficasse sabendo daquilo, certamente rejeitaria a esposa de vez. Que ótimo!

Olívia esperou sentada em uma poltrona de veludo roxo. Aliás, tudo naquela sala era roxo, o tecido dos sofás, as cortinas, a toalha sobre a mesinha. Até o marco da lareira estava entalhado em mármore arroxeadado. Não era à toa que a sra. Blythe mantinha as cortinas fechadas. Tecidos de cor escura assim costumavam desbotar com facilidade.

— A que devo a visita? — perguntou uma voz melodiosa vinda da porta.

Olívia se virou para encarar a mulher que entrava. Era uma senhora imponente, de meia-idade e, como era de se esperar, vestida de roxo. Até mesmo seus cabelos tingidos de preto tinham mexas de um roxo escuro.

— Sou lady Greenlèigh, sra. Blythe — disse Olívia, pondo-se de pé.

A mulher caminhava com gestos elegantes e um ar de sereno orgulho.

— É uma honra recebê-la, milady — disse a mulher mais velha, fazendo com que as duas se acomodassem lado a lado no sofá. — A que devo esse prazer?

— Vim aqui pedir a sua ajuda.

— Estou surpresa. No que acha que eu poderia ajudá-la, milady? Eu não... quero dizer, não tenho amizade mais próxima com seu marido, o lorde, entende?

— Sim, mas tem com o príncipe regente, não é? A sra. Blythe pareceu engasgar.

— Ah, essa é outra questão — respondeu, dando uma tossidela. — Seria melhor, milady, que me explicasse direito que tipo de ajuda espera de mim.

— Isso. Acho bom não perder tempo. O que eu gostaria é que me ajudasse a preparar um Baile da Caça inesquecível. Um evento do qual a alta sociedade se recorde para sempre!

Em seguida Olívia foi enumerando os detalhes, o local, o número de convidados, o prazo apertado que Dane havia estipulado, tudo, enfim. A sra. Blythe parecia aparvalhada e olhava para ela com total espanto.

— Escute, milady, tem certeza do que está me pedindo? Lorde Greenleigh sabe dos seus planos?

— Claro que sim. Meu esposo espera que eu ofereça algo muito sofisticado e de bom gosto para divertir os convidados. Não pode me ajudar? Suas festas são famosas pela originalidade e eu queria que Londres inteira falasse do meu baile depois que ele acontecer.

A sra. Blythe apertou os olhos.

— Pelo visto, lorde Greenleigh é bastante ousado, não? Quem diria... Ele sempre pareceu um homem tão... pacato, por assim dizer.

Olívia não conseguia associar o adjetivo "pacato" à figura de Dane. Estava estranhando aquilo. Quem era aquela mulher, afinal? E essa casa tão diferente? E qual o motivo da atitude vacilante da criada?

Tinha confiado num nome que apenas conhecia da coluna social e podia estar entrando em uma enrascada. Mas, enrascada por enrascada, já estava metida numa ao ter de organizar aquele baile. A sra. Blythe podia não ser exatamente aquilo que esperava, mas parecia ser bastante experiente. E Olívia estava desesperada.

— Então, sra. Blythe. Pode me ajudar?

— Devo dizer que se esse não é o pedido mais estapafúrdio que já recebi na vida, está bem perto disso. Em todo caso, vou aceitar. Terei prazer em ajudá-la, milady, é claro que sempre levando em conta o bom gosto, como disse.

— Oh, que maravilha! — Olívia pulou no sofá e abraçou a mulher. — Que precisa que eu providencie?

— Não se preocupe. Será um prazer para mim cuidar de tudo pessoalmente. Pode ficar tranqüila, lady Greenleigh. Ninguém que vá a seu baile vai conseguir esquecê-lo, eu lhe garanto.

— Muito obrigada, de todo o coração! Não imagina o quanto isso é importante para mim.

— Estou vendo que é uma pessoa bem fora do comum, milady, alguém verdadeiramente original. Lorde Greenleigh teve muita sorte. Deve estar muito satisfeito com milady.

— Não sei... talvez... — respondeu Olívia, constrangida. A sra. Blythe a fitou detidamente, observando sua reação.

— Será que... é verdade? Aquilo que dizem de lorde Greenleigh é mesmo verdade?

— O que é que dizem dele? — Olívia se alarmou.

— Não é voz corrente, mas certa vez conheci alguém que... bem, parece que seu marido é... hum... maior do que uma mulher normal pode suportar.

Olívia se encolheu no sofá. Não tinha cabimento discutir algo tão íntimo com uma desconhecida. Mas a quem mais poderia fazer confidências desse tipo? A sra. Blythe, por

ser viúva, devia saber muita coisa sobre os homens. Talvez pudesse ajudá-la também nesse sentido.

— É verdade, sim — disse, baixinho. — Estou casada há quatro dias e ainda não houve nada... entre nós, entende?

— Sei... — a mulher ficou pensativa, encarando Olívia.

— No que está pensando, sra. Blythe?

— Bem, normalmente eu não ousaria sugerir uma coisa dessas, mas me parece que milady é uma jovem mais aberta e esclarecida do que a maioria das moças. Diga-me uma coisa. Gosta dele de verdade?

— Se gosto! Faria qualquer coisa para agradar meu marido.

— Mas quero saber se o *deseja* de fato. Se sente atração. Se almeja consumir sua união tanto quanto ele.

É claro que desejava Dane. Estava ansiosa para que ele a possuísse. O que mais queria era amar e satisfazer o marido, tornar-se sua mulher por completo.

— Sim, sim. Eu o desejo.

A sra. Blythe segurou a mão de Olívia.

— Então milady o terá — disse com firmeza. — Deixe-me lhe dizer como posso ajudá-la...

Quando o homem da praça viu lady Greenleigh sair do bordel e partir na sua carruagem, resolveu ficar ali por mais meia hora, para disfarçar suas intenções. Depois caminhou empertigado até a porta da famosa casa da sra. Blythe e bateu decidido na porta.

Tão logo foi recebido, curvou-se para cumprimentar a anfitriã e foi logo dizendo:

— Desculpe o incômodo, mas estou aqui a pedido de lady Greenleigh.

Esperou pela reação da sra. Blythe. Tinha quase certeza de que ela soltaria alguma confidência. As pessoas tinham o hábito de preencher os silêncios falando mais do que deviam. A mulher ficou calada por alguns momentos e depois deu um longo suspiro.

— Eu já imaginava. Ela deve ter pensado melhor. Achei até muita ousadia ela ter vindo aqui, para começar. Tinha certeza de que quando avaliasse o que tinha feito se arrependeria de ter pedido a mim para organizar seu Baile da Caça.

O homem balançou a cabeça afirmativamente, como se já soubesse de tudo.

— É uma ocasião muito importante — afirmou, para dizer alguma coisa.

— Creio que agora é tarde demais para convencê-la de que eu ia preparar algo realmente refinado como distração. Conheço uma soprano que canta maravilhosamente e...

Agitado, o homem torceu as mãos. Tudo estava saindo conforme o planejado.

— Não, madame — interrompeu. — Milady não está rejeitando sua ajuda de forma alguma. Aliás, o que milady deseja é pedir-lhe que prepare algo mais radical, mais arrojado e insinuante do que o combinado — mentiu, sabendo que pisava em terreno pantanoso.

— Verdade? Então é por isso que ela não teve coragem de dizê-lo pessoalmente, não é?

— Precisa compreender, madame. Milady é novata na sua posição. Tenho certeza de que não falou por timidez.

— Entendi. Uma festança, com muitas mulheres! E esse o tipo de festa que ela quer?

— Exatamente.

— Então diga a ela que tenho a diversão perfeita para a ocasião. Afinal, é justamente a isso que me dedico, não é?

— Darei seu recado, madame — afirmou circunspeto o homem, antes de sair.

Tudo estava se encaixando com perfeição no que ele queria.

Olívia não conseguia pensar em outra coisa a não ser no que a sra. Blythe dissera. Remoía isso na cabeça durante a volta para casa, na hora do chá da tarde e mesmo durante os barulhentos preparativos que os criados faziam para a viagem, dali a dois dias.

A sra. Huff corria de um lado para outro, esbaforida, dando ordens e supervisionando as tarefas. O solar na Escócia não era usado fazia dois anos e, por mais que a equipe de criados estivesse morando permanentemente ali, ela não confiava em ninguém a não ser nela própria para organizar a recepção de tantos convidados.

Vendo que ela não aceitava palpites, Olívia se recolheu ao aposento que chamava de "refúgio matinal". Era uma pequena saleta arejada e decorada com cores vivas, contrastando com os tons pastéis do resto da mansão. O mordomo bateu de leve na porta e avisou:

— Chegou uma encomenda para milady.

— Ah é? Quem mandou?

— No remetente diz apenas "Sra. B."

Olívia estremeceu e sentiu o rosto corar, mas manteve a compostura diante do mordomo.

— Obrigada, Kinsworth. Pode deixar no meu quarto.

A vontade dela era correr até lá para ver o que havia no pacote. Mas tinha diversas obrigações ainda a cumprir naquele dia e precisava conter a curiosidade até mais tarde.

Foi até a cozinha para saber como andava a preparação do cardápio. A sra. Arnold, chefe da cozinha, fez um detalhado relatório, sem permitir que Olívia interviesse ou mesmo desse qualquer opinião. Pelo visto, seu único papel naquela casa era apenas ouvir e concordar com tudo o que os empregados tinham a dizer.

Assim que se viu livre do falatório da sra. Arnold e que revisou os demais preparativos em curso, Olívia foi às pressas para seus aposentos. Sobre a mesa encontrou um embrulho do tamanho de uma pequena valise. Por sorte, Petty não estava perto e não apareceria a não ser que a chamasse. A privacidade estava garantida. Com mãos trêmulas, rasgou o papel do embrulho. A sra. Blythe havia lhe dito do que se tratava, mas mal podia esperar para ver aquilo com seus próprios olhos.

Dentro do embrulho havia uma caixa quadrada de madeira escura com frutas entalhadas no entorno e um fecho de metal. Pareciam romãs e bananas. Com algum esforço, Olívia conseguiu soltar o fecho e então a caixa se abriu por completo, formando uma espécie de bandeja com vários compartimentos. Que coisa tão bem-feita!

Em cada um dos compartimentos havia um objeto envolto num pedaço de seda. Ansiosa, ela pegou o primeiro, tirou-o do invólucro de tecido e o observou.

— Céus! O que é isso?!

O grito de Dane veio da porta. Com o susto, Olívia soltou a peça roliça de marfim polido que segurava. Ela caiu ao chão e rolou para baixo da cama.

— Veja só o que você fez, Dane! — ralhou Olívia, olhando irritada para o marido. — Só espero que não tenha quebrado.

Ela se dobrou para pegar a peça no chão. Quando se levantou, Dane estava de pé diante dela, com as mãos na cintura em pose de desafio.

— Pode me explicar que raio de coisa é isso?

Então olhou mais de perto para o objeto na mão de Olívia e completou:

— Ah, não precisa explicar! Nem quero saber. Não tenho o direito de impedi-la de buscar seu próprio prazer, mas só lhe peço que não deixe isso à vista dos empregados.

— Pensa que é muito sabido não é, lorde Greenleigh? Pois lhe informo que isto não é só "para meu próprio prazer", como está pensando. É para satisfazer a nós dois!

— Oh, não. Obrigado. Não tenho esse tipo de desejo...

— Pare com isso, Dane! Quer fazer o favor de ler este bilhete? — E lhe entregou a missiva que a sra. Blythe mandara junto com o pacote.

"Como lhe expliquei mais cedo, isto é uma relíquia. São os Bastões do Prazer do Rajá. Foram criados a pedido do segundo Rajá de Najimbi para treinar o corpo de sua jovem esposa de forma a que ela pudesse aceitar um homem de proporções avantajadas" como ele. Contudo, nunca chegaram a ser usados. Parece que o Rajá se achava maior do que de fato era e a noiva não era tão virgem como ele pensava."

Dane parou de ler e olhou estupefato para a caixa de madeira. Largou o bilhete e foi desembulhando os demais objetos que havia nela.

— Quer dizer então que estas peças de marfim... são para nos ajudar?

— Sim. Como pode ver, elas têm tamanhos diversos. São para ampliar a... a abertura. Quando a mulher se sente confortável com uma delas, passa para a maior — Olívia explicou, segurando o último bastão, que tinha a grossura de quatro dedos e um comprimento razoável. — Mas creio que não precisarei usar este — disse, constrangida.

Dane passou a mão pela nuca e deu um suspiro.

— Hã... acho que precisará sim, Olívia — retrucou, sem-graça.

— Entendeu agora do que se trata?

— Sim, e admito que estou surpreso em vê-la disposta a fazer uma coisa dessas. Tem certeza, mesmo?

— Claro, meu amor! — Olívia pulou no pescoço dele. — Verá como tudo vai dar certo para nós. Tenho certeza disso!

Dane retribuiu o abraço.

— Quem foi que lhe deu esses objetos? Não me diga que foi...

— Não precisa se preocupar. Confio plenamente na discrição dessa pessoa. Ela me ajudou muito a planejar o Baile da Caça. É a sra. B...

— Nem precisa me dizer o nome inteiro — ele interrompeu. — Sei de quem se trata.

— Agora poderemos ter filhos, Dane! Quem sabe no ano que vem você já seja pai. Não é ótimo?

Era uma idéia fabulosa. Imaginou de imediato a figura de um garotinho loiro de olhos cinzentos e muito sorridente, chamando-o de "pai". Uma mulher disposta a passar por aquele processo em benefício dele e de uma futura família só podia ser uma pessoa muito generosa. Sua esposa era mesmo extraordinária.

— Quero ter muitos filhos. Muitos e muitos filhos — repetiu Olívia.

Dane riu e a abraçou com mais força.

— E também muitos cãezinhos, imagino... — brincou.

— Isso mesmo, uma porção de cães.

Os braços de Dane a afagaram longamente. Só de olhar para aquelas peças eróticas que estavam sobre a caixa, ele sentia o desejo crescer. Pensava nelas entrando em Olívia, abrindo-a, distendendo e alargando seu corpo para um dia poder recebê-lo. Acariciou os cabelos dela e a beijou com ardor, a língua penetrando sua boca e explorando cada recanto morno e úmido.

Com a palma da mão cobriu-lhe um seio e beliscou de leve o mamilo, que instantaneamente se enrijeceu. Olívia gemeu de prazer e se entregou aos carinhos dele. Estremecia, sentindo uma pontada entre as pernas, um calor subindo pelo abdome, até que num frêmito, ali mesmo de pé, abraçada ao marido, chegou ao clímax, enquanto Dane se esforçava para controlar a sua ereção.

Foi nesse instante que ouviram o barulho do trinco da porta, como se alguém fosse abrir. Mais do que depressa, os dois se afastaram. Olívia fechou a caixa rapidamente e tratou de escondê-la. Dane, por sua vez, ajeitou a calça para disfarçar o volume que se formara dentro dela. Então Petty entrou e viu o patrão ali.

— Oh, desculpe, milorde — disse, recuando um passo. — Só vim perguntar a milady que roupa queria que eu separasse para usar no jantar...

Com as mãos cobrindo a braguilha, Dane sorriu para a moça e fez sinal que entrasse. Esforçava-se para parecer à vontade. Não era seu hábito tratar os criados com intimidade, mas procurou ser cordial.

— Qual é seu nome, moça?

A moça se estufou de orgulho por receber essa atenção. — Me chamam de Petty, mas meu nome é Elspeth.

— Ah, um belo nome, não acha, minha querida? — comentou ele, olhando para Olívia.

Precisava avisar Dane que aqueles seus sorrisinhos e gentilezas provocavam nas criadas uma porção de sentimentos e de falsas esperanças. A moça fuzilava Olívia com o olhar.

— É sim — ela concordou. — Mas então a outra, de apelido Letty, deve ser Letícia, e Hetty é Henrietta, não? — completou. — Sabia, Dane, que as irmãs gêmeas de Elspeth também trabalham aqui?

— Fico feliz em ver que já conhece bem nossos empregados. Mas agora preciso me aprontar para o jantar. O mordomo deve estar nervoso porque nos atrasamos.

Quando Dane saiu, Olívia ficou a sós com Petty. Queria ganhar a simpatia da criada para que ela parasse de atazaná-la com seu mau humor.

— Quer dizer então que seu nome é Elspeth? Com um nome tão bonito, não prefere ser chamada assim do que pelo apelido de Petty?

— Minhas preferências não contam, milady. Nossa mãe nos deu nomes bonitos, mas o pai só nos chama pelo apelido e os outros acabam por imitar.

A criada separou um vestido de seda verde-claro, com um decote generoso. Era um modelo escolhido pela mãe de Olívia, como todos os demais, porém mais jovial do que os outros que ela encomendara à modista. Sem discutir, Olívia aceitou a sugestão de Petty e se preparou para vestir a roupa. A empregada estava mais cordial, parecendo querer agradá-la.

— Creio que lorde Dryden virá jantar aqui novamente, milady. É um homem muito bonito, não acha? — comentou em tom casual, para surpresa de Olívia.

— E, sim, mas não tanto quanto lorde Greenleigh.

— Também penso assim, mas Letty não. Ela gosta mais de homens morenos — disse a moça, enquanto fechava os botões nas costas do vestido.

Olívia se virou e fitou a criada.

— Finalmente estamos conseguindo manter uma conversa civilizada e sem agressões, não é, Elspeth? Que bom.

— Concordo, milady. Eu já estava temerosa. Andaram dizendo que ia despedir todo mundo e trazer seus próprios criados para cá.

— Nada disso. Já é tempo de meus antigos criados receberem sua merecida aposentadoria. Ninguém aqui precisa se preocupar em perder o emprego, a não ser a sra. Huff, que é sempre tão ríspida comigo.

— Oh, não, milady! Ela é boa pessoa. Vai descobrir isso quando a conhecer melhor. Foi ela quem nos conseguiu este trabalho, para mim e minhas irmãs. E amiga de nossa mãe. Acontece que vive com dor nos ossos e por isso fica mal-humorada. A coitada tem uma artrite danada nas juntas.

— Verdade? Pois eu sei o que pode aliviar as dores dela — disse Olívia, no mesmo tom cordial e amigável com que Petty começava a tratá-la.

Foi até a escrivainha, pegou a pena e uma folha de papel e anotou uma relação de ervas e outros ingredientes.

— Leve esta lista à cozinheira e peça que faça uma boa quantidade deste preparado. Depois diga à sra. Huff que ela deve embeber compressas nesse líquido e colocá-las sobre as juntas doloridas, repetindo a operação enquanto a poção estiver quente.

— Pois não... milady... mas... — A criada parecia vacilar.

— O que foi? Acha que a sra. Huff não vai querer só porque fui eu quem deu a receita?

— Não fique brava com ela, milady. Precisa compreender. Há dez anos que a sra. Huff cuida desta casa e tem medo que não a queiram mais aqui por causa da doença.

— E se lhe disser que foi outra pessoa quem deu a receita?

— Pode ser a solução. Vou dizer que foi minha mãe.

— Muito bem. E agora, como pretende pentear o meu cabelo? Espero que seja de forma a que os cachos não se soltem, como costuma acontecer.

— A culpa não é minha — respondeu Petty, com um leve sorriso. — E que milady às

vezes se agita demais. Não há presilha que segure.

Olívia se acomodou na pequena poltrona diante da penteadeira, certa de que Petty ia fazer o possível para deixá-la deslumbrante. Chegaria linda e radiante ao jantar daquela noite. Só esperava que acabasse logo, porque ela e Dane tinham planejado algo muito importante para depois do jantar.

Foi difícil para ambos terminar a refeição sem demonstrar ansiedade. Por mais que procurassem conversar com Marcus da maneira mais natural possível, era difícil esconder o que sentiam.

Com as palmas das mãos suadas, Dane tinha dificuldade em segurar os talheres. Olhava para o decote da esposa e não conseguia pensar em outra coisa a não ser na iniciação de Olívia que juntos fariam naquela noite, com os instrumentos de marfim.

— ...não concorda, Dane?

Ele sacudiu a cabeça, como se estivesse voltando de outro mundo.

— Ah, perdão, o que disse, Marcus?

O amigo sorriu. Parecia entender o que estava acontecendo.

— Nada, não — respondeu, apoiando o garfo sobre a mesa. — Agora que acabamos de comer, vai dispensar as formalidades e me mandar logo embora? Ou está com vontade de jogar uma partida de carteadado?

Olívia enrolou o guardanapo e o depositou ruidosamente ao lado do prato. Só faltava isso...

— Sinto muito, mas acho que deve ir, Marcus. Aguardamos sua visita em outro dia, está bem?

— Foi um prazer ter a sua companhia — completou Dane. — Agora, por favor, volte para sua casa.

Sem dizer mais nada, Marcus se levantou, fez uma reverência e saiu. Dava a impressão de estar um tanto perplexo, mas isso não incomodava Dane. Seu único interesse era saber que dali a alguns segundos ele e Olívia estariam sozinhos no quarto, com a porta bem trancada para que Petty não os interrompesse outra vez.

O vestido de seda foi ao chão, formando um amontoado verde.

— Cuidado, Dane. E meu melhor vestido.

— Não importa. Eu lhe compro outros dez — ele retrucou, beijando o pescoço dela com avidez.

— Então aproveite para comprar também outra camisa.

O tecido rasgara um pouco quando Olívia, ao abrir os botões, puxara com força demais, aflita para acariciar o peito nu de Dane.

— Adoro tocar seu peito musculoso... — disse baixinho, enquanto ele a abraçava. — É rijo e forte como uma rocha.

— Pois eu gosto mais do seu.

Dane acabava de tirar-lhe toda a roupa, menos as meias de seda e a cinta liga que ele pediu para deixar. Gostava de vê-la assim, nua mas ainda com as meias.

Em seguida jogou os travesseiros da cama sobre o tapete em frente à lareira. A luz alaranjada do fogo refletia-se em seu corpo que estava nu da cintura para cima, dando um tom ainda mais dourado à pele bronzeada. Iluminado assim, sua figura era ainda mais

imponente e majestosa, como a de um deus pagão diante do fogo. Deitou-se sobre o tapete, estendendo as longas pernas.

— Onde guardou a caixa?

Olívia apanhou a caixa de madeira com os utensílios, se ajoelhou ao lado dele e a abriu.

— Como vai ser... quero dizer, por onde se começa?

Dane se largou sobre os travesseiros e começou a rir com gosto.

— Sei perfeitamente por onde começar, minha querida. Não fique aflita.

Era agradável vê-lo rir assim, sem ironia nem intenção de ridicularizá-la, apenas demonstrando que estava muito à vontade.

— Então não vamos perder mais tempo. — Olívia desembulhou uma das hastes de marfim. — Este deve ser o tamanho médio, quer dizer o mais comum, não?

— Sei lá. Como vou saber?

Olhando mais atentamente, ela viu que a peça não era lisa, mas tinha, assim como todas as demais, pequenas ranhuras entalhadas e a ponta um pouco mais saliente, semelhante à de um falo. Dane parou de rir e tossiu baixinho. Então pegou a peça e a segurou entre as mãos, analisando-a com atenção.

— Vamos logo, Dane.

— Está muito nervosa, milady. — Ele sorriu. — Deite-se aqui, coladinha em mim.

Ela obedeceu e Dane a abraçou com todo o carinho. Estremecia ao sentir o toque dele. Entregou-se por inteiro às carícias, sabendo que podia confiar no marido. Ele era forte, bondoso e gentil. Nunca lhe faria mal nem a abandonaria. Seu calor era aconchegante e protetor. Ele sorria com ternura, demonstrando que conhecia os segredos de seu corpo. Saberria como guiá-la na aventura da descoberta.

Dane segurou a peça de marfim, aquecida pelo calor da palma de sua mão e com ela traçou de leve uma linha pelo centro do peito de Olívia, passando-a entre os seios, depois descendo pelo abdome até chegar à virilha. Atiçava-lhe os sentidos, afagando-a com a outra mão e beijando todo o percurso por onde a peça passava.

— Abra — disse por fim bem baixinho, beijando-a de leve. Apesar da surpresa, Olívia afastou as coxas como ele pedia.

Já esperava sentir a haste penetrar-lhe o corpo. Mas não foi o que aconteceu de imediato. E que as ranhuras no marfim podiam ser usadas para outros fins além de seu objetivo principal e Dane sabia como fazê-las tocar os lugares certos para provocar as mais enlouquecedoras sensações.

Em seguida passou um braço sob as costas de Olívia, fazendo com que os seios ficassem mais à mostra, e começou a beijá-los, sugando os mamilos com avidez. Mantinha a peça de marfim encostada entre as pernas dela, percorrendo as bordas da abertura, esfregando de leve as ranhuras, enquanto a beijava. Olívia se descontrolou e gemeu de prazer. Sentia a abertura umedecendo, como se implorasse para ser invadida.

Então Dane foi lentamente empurrando a haste para dentro, primeiro só em parte e, à medida que ficava úmida, com mais profundidade. Girava-a de um lado a outro para que as ranhuras tocassem todos os recantos, e a fazia entrar e sair de forma ritmada, porém não completamente.

— Como está se sentindo? — perguntava de mansinho. — Gosta mais assim? Ou

assim?

Olívia estendeu os braços, procurando a respiração diante da avassaladora onda de prazer que o contato lhe proporcionava. Agarrou-se a Dane, pedindo mais. Então algo explodiu dentro dela, como se fosse uma salva de fogos de artifício, e Olívia se entregou ao êxtase, deixando que a haste entrasse e saísse, cada vez mais depressa e com mais profundidade.

Fechou os olhos e esperou pela dor. Sua mãe já tinha avisado que iria doer quando fosse possuída. A ponta entalhada no marfim foi abrindo caminho, até que Olívia sentiu uma pontada. Nada muito violento, apenas semelhante a um pequeno corte num dedo. Estremeceu nos braços de Dane, agarrando-se ao pescoço dele.

— É o hímen — ele disse. — Depois que romper não sentirá mais nada, minha querida. Quer que continue?

— Sim... sim...

Com um impulso, Dane empurrou a haste, fazendo com que entrasse por completo, e em seguida foi repetindo o movimento, mais e mais depressa. Extasiado, via Olívia se contorcer, gemendo repetidas vezes, à medida que seu corpo se regozijava com a invasão.

Ele mal conseguia controlar a própria volúpia, diante da cena. O membro rígido pulsava, apertado pelo tecido da calça, ameaçando jorrar seu líquido ali dentro mesmo.

Depravado! É isso que eu sou, um depravado, pensou. Como posso sentir prazer vendo a mulher com quem me casei submeter-se a uma situação destas? E tudo por minha causa, para poder me dar um filho...

Mas Olívia continuava arqueando o corpo, abrindo-se cada vez mais, dando espaço para ser penetrada mais a fundo. Os cabelos estavam espalhados sobre o travesseiro e os seios se agitavam num frêmito a cada respiração. De olhos fechados, lambia os lábios, deixando escapar pequenos gemidos.

Então ele jogou uma perna sobre a dela, para fazê-la parar de mover-se, e com ímpeto introduziu o bastão por inteiro num golpe final. Olívia empinou o corpo e se agitou como uma selvagem. Mais uma vez chegou ao clímax diante dos olhos de Dane, agora com intensidade ainda maior, arfando longamente até cair entregue e exausta nos braços dele.

Dane retirou a haste e a colocou de lado. Seu corpo estava atormentado, querendo saciar-se, querendo derramar sua semente a qualquer custo. A vontade dele era possuir Olívia ali, naquele mesmo instante, liberar o membro gigantesco da prisão da calça e penetrá-la com a fúria acumulada ao longo dos anos de abstinência.

Mas não! Não podia fazer isso! Por mais que Olívia tivesse passado pela primeira parte de sua iniciação, ainda não estava preparada para aquela monstruosidade.

Oh, Deus! Por que me impingistes esta cruz?

Repulsa evidente ou mórbida curiosidade. Eram as duas únicas reações que Dane provocara antes em outras mulheres e que *não* suportaria provocar desta vez em sua esposa. Haveria tempo para que ela se acostumasse. Tinham a vida inteira pela frente, pensou ao colocar delicadamente a cabeça de Olívia em seu peito e abraçá-la com ternura.

Quando acordou, Dane se virou de lado e esticou o braço, procurando por Olívia. Havia adormecido ali mesmo, no chão, sobre o tapete diante da lareira. Ela não estava mais lá.

Sentou-se e esfregou os olhos, passando a vista pelo quarto. Em pé, ainda usando apenas as meias e a cinta-liga, ela sorria, segurando outra das peças de marfim. Analisava com cuidado cada uma das ranhuras e dos entalhes.

— Dormiu bem, querido? — perguntou, abrindo mais o sorriso.

— Sim, e você? Como está?

— Maravilhosamente bem.

— Que bom. Parece radiante. Pensei que estaria sentindo dor.

— Eu também, mas, pelo visto, exageram muito quando falam dessas coisas.

— Não doeu?

— Só um pouquinho. Pensei que seria pior. Dane riu gostosamente.

— Temos que admitir que somos dois novatos no assunto.

— Sabe de uma coisa, Dane? Eu me senti bastante confortável com o primeiro e acho que podemos experimentar agora o segundo bastão, que é um pouco maior.

— De novo? Tem certeza?

— É que acabei de descobrir uma coisa. Ao contrário do que diz minha mãe, há certas vantagens em ser uma mulher grande. Ela sempre me achou só desengonçada e esquisita, por causa do meu tamanho.

— Você não é nada disso, Olívia! E uma mulher alta e imponente, tem o porte de uma rainha e eu a acho linda. Nunca quis ter uma mulher miúda. Você é a mulher perfeita para mim.

— Então, já que não sou miúda, creio que podemos continuar esse "treinamento" para acabar logo com ele, não?

Rindo, ele a pegou pelo braço e a fez deitar a seu lado.

— Puxa, acho que acabei criando um monstro insaciável.

— Pois é. A culpa é toda sua, Dane. E agora vai ter que pagar...

— Com todo o prazer — retrucou ele, acariciando-lhe a face. E, em seguida, recomeçou a fazer o que Olívia lhe pedia.

Naquela manhã, Dane saiu bem cedo para tratar dos últimos assuntos antes da partida deles para a Escócia, no dia seguinte. Olívia abriu os olhos e viu o quarto vazio. Vestiu-se e foi verificar como andavam os preparativos.

A casa estava em tumulto, os criados correndo para cá e para lá, e a sra. Huff supervisionando tudo com um ar um pouco mais alegre que de costume. Segundo Petty, as compressas estavam dando resultado e haviam começado a aliviar a dor nas juntas.

Olívia e Petty passaram quase toda a manhã empacotando as roupas e os pertences que haviam sido desembalados apenas cinco dias antes.

Cinco dias! Como era possível que tivessem se passado apenas cinco dias desde que Olívia chegara ali, sem saber o que esperar do homem com quem casara? Parecia impossível... Apertou o vestido de seda verde contra o peito, recordando embevecida da hora em que Dane a ajudara a tirá-lo, na noite anterior.

A experiência com o segundo bastão de marfim não fora igual à primeira, mas, por

sorte, Dane era um homem habilidoso e soubera levá-la a ter horas de prazer antes de usá-lo. Ainda lembrava do calor do abraço dele e as palavras que usara, dizendo-lhe baixinho que era linda, forte e corajosa, enquanto a afagava com ternura.

Tinha ficado um pouco desapontada ao acordar sem Dane a seu lado na ampla cama onde ela dormia. Preferia que pudessem sempre passar a noite juntos.

Na viagem à Escócia teriam de pernoitar a meio caminho, em alguma estalagem. Esperava que nessa oportunidade pudessem enfim dormir a noite inteira abraçados, sem ninguém para perturbar. Seria uma espécie de lua-de-mel.

Petty deu uma tossidela, olhando para a patroa. Só então Olívia percebeu que ainda apertava o vestido de seda contra o peito, amassando ainda mais o tecido que já estava bastante amarrotado da noite passada.

— Pode guardar — disse, entregando-o à criada. — Acho que está um pouco apertado no busto.

— A mim pareceu perfeito, mas o que é que eu entendo de roupas finas, não é? Não entendo nada. Nadinha mesmo — respondeu a criada com ironia.

De repente Olívia se assustou. Dava-se conta de que havia um grave defeito no seu guarda-roupa.

— Meu Deus, Petty! O que é que vou usar no dia do Baile da Caça? Minha mãe encomendou um vestido de baile para meu enxoval, mas ele ainda não chegou.

— Chegou sim, milady. Ontem à noite. Só não pude avisá-la porque seu quarto estava trancado... — A criada piscou maliciosamente.

— Não seja abusada, Petty. Agora me deixe ver o vestido. Pelo que lembrava, a mãe tinha escolhido um modelo rodado de cetim, com saia longa e franzida. Dizia que era um corte que estava voltando à moda, mas Olívia não tinha gostado. Sendo tão grandalhona, achava que ia parecer um saco de farinha amarrado no meio, quando o vestisse. Naquela altura, porém, não havia mais nada que pudesse fazer. Era seu único vestido de baile e teria de usá-lo, mesmo que ficasse um horror.

Quando Petty abriu a caixa, porém, surgiu uma longa saia de seda azul-clara. A cor era maravilhosa e o corte perfeito. Do recorte do decote ao franzido do corpete, e às delicadas mangas japonesas, tudo era lindo. Olívia ficou boquiaberta. Não era possível que sua mãe tivesse encomendado aquilo! Precisava agradecer à modista que o confeccionara.

— Oh, milady! Vai ficar um espetáculo com essa roupa! — disse Petty, que já conhecia a diferença entre o bom gosto de verdade e o gosto de lady Cheltenham.

Olívia experimentou o vestido e se olhou radiante no espelho.

— Estou bem, não acha?

— Está linda, milady. Vai abalar corações.

Petty ajudou Olívia a tirar o vestido e o dobrou cuidadosamente na caixa para juntá-lo à bagagem que levariam na viagem.

— Agora seria bom que fosse ver como está a sra. Huff, Petty. Diga-lhe para não esquecer de levar os ingredientes do tratamento na viagem. Vou providenciar para que façam o preparado no lugar onde pararmos.

Sem dizer mais nada, a criada saiu do quarto. Olívia se acomodou na poltrona, feliz em ter um pouco de sossego em meio ao burburinho da casa. Sem querer, bocejou. Havia dormido muito pouco na noite passada. Cochilar ali na poltrona até Petty voltar

seria uma boa idéia. Contudo, mal teve tempo de fechar os olhos porque poucos minutos depois a criada abriu a porta com um estrondo e entrou, muito agitada.

— Há um cavalheiro querendo vê-la, milady! É um homem muito bonito! — disse com animação.

Olívia se espreguiçou na poltrona.

— Diga a ele que já sou casada.

— Não, milady. É um serviçal, à procura de emprego. Oh, milady, contrate-o, por favor! Ele é lindo!

— Veio pedir emprego para mim? Mas por quê, se não estou precisando de ninguém?

Apesar disso, Olívia decidiu recebê-lo só por curiosidade e para entender por que Petty se mostrava tão interessada. Momentos depois, sentada na saleta para onde a sra. Huff tinha permitido que levassem o homem, ela o olhou detidamente. Era bastante jovem e um pouco magro demais, mas tinha de admitir que era de fato um homem bonito, com seus cabelos claros, olhos azuis e uma fala educada. Petty lhe lançava olhares de adoração.

— Então me diga, sr. Sumner, o que o leva a achar que eu precise contratar mais empregados?

— Foi só um palpite, milady. Quando eu soube que tinha se casado, pensei que precisariam de mais gente para servir na residência. Sei que é um atrevimento vir aqui dessa maneira, mas lorde Walter sempre recebia quem estava à procura de emprego e...

— Lorde Walter? Então já trabalhou para meu irmão?

— Sim, milady. Fui seu valete durante dois anos até ele morrer, no mês passado — o homem respondeu, entristecido. — Sinto muita falta de trabalhar para ele.

Então aquele era o homem! A única testemunha ocular do acidente com Walter. Olívia se levantou abruptamente.

— Espere aqui um momento — pediu e saiu apressada rumo ao gabinete de Dane.

Não acreditava que coubesse a ela contratar qualquer empregado, mas sim à sra. Huff, que era a governanta da casa. Em todo caso, consultaria Dane a esse respeito.

Encontrou o marido atarefado, lendo uns papéis que tratou de esconder depressa, assim que ela entrou. Não era a primeira vez que isso acontecia, e Olívia estava ficando desconfiada. Afinal, que é que pensavam dela? Que era uma bisbilhoteira? E claro que tinha curiosidade em saber qual era o assunto tão secreto com que ele lidava, mas estava ali por outro motivo bem mais importante: descobrir como tinha realmente acontecido a morte de Walter.

— Posso contratar um empregado, Dane? — foi logo perguntando.

— Antes de mais nada, boa tarde, minha querida.

— Ah, me desculpe. Como vai, Dane?

— Um pouco cansado, para dizer a verdade. Algumas coisinhas me impediram de dormir sossegado, na noite passada...

Olívia ficou vermelha.

— Pare de falar nisso assim, à luz do dia...

— Muito bem, então vamos ao assunto. Para que precisa de mais um empregado? A

casa já tem muitos criados.

— E verdade, mas todos eles trabalham para você ou nas tarefas da casa. Como pretendemos viajar tanto, acho que seria bom ter um criado só para me servir. O rapaz precisa do emprego e poderia ajudar Petty a cuidar dos meus pertences, carregar bagagens e coisas assim.

— Tenho a impressão de que está com pena do rapaz, Olívia.

— Em parte, sim. Ele serviu meu irmão durante dois anos e agora está sem emprego. Eu não o conhecia porque ele sempre ficava em Londres quando Walter ia nos visitar na fazenda. Mas ouvi falar bem dele.

— Ter pena não é um bom motivo para contratar alguém.

— Eu sei, Dane, mas meus pais tinham a obrigação de ampará-lo e dar-lhe cartas de referência depois que meu irmão morreu. Não fizeram nada, e por isso o coitado não consegue emprego.

Era muita ingenuidade de Olívia acreditar que um bom empregado ficaria sem trabalho só por causa disso, porém Dane não se opôs. Deixaria que o contratasse, mas, por precaução, mandaria investigar os antecedentes dele de imediato. Com Chimera à solta, se fazendo passar por criado, todo o cuidado era pouco.

— Está certo, então dê o emprego ao rapaz, mas em caráter de experiência, está bem? Se ele não se mostrar eficiente na viagem eu o despeço nem que seja no meio da estrada.

— Obrigada, Dane! — ela exclamou, pulando no pescoço do marido e dando-lhe um beijo na face.

Em seguida saiu da sala sob o olhar devorador de Dane. A proximidade de Olívia, seu perfume de rosas e a silhueta provocante o deixavam perturbado. Mas não podia se distrair naquele momento, justamente quando traçava planos para convencer o príncipe regente a participar do estratagema que estava montando.

Naquela mesma tarde, Dane e Falcão se encontraram com o príncipe nas dependências reais.

— Todos sabem que eu odeio a Escócia— declarou o príncipe, irritado. — O frio de lá congela minhas entranhas. Vou passar o outono em Brighton. Já decidi.

— E claro, Alteza, mas primeiro comparecerá ao Baile da Caça na propriedade de Greenleigh na Escócia, não?

— Para que diabos querem que eu vá a esse baile? Falcão e Dane, o Leão, trocaram olhares. O príncipe também os fitava, esperando pela resposta. Não seria fácil convencê-lo a ir à festa. Precisavam dar uma resposta plausível, um bom motivo para fazê-lo aceitar.

— E então, por que querem que eu vá? — insistiu o príncipe George.

— Ah, é só para impressionar minha esposa, com quem acabo de casar — alegou Dane.

— É isso, Alteza. Por favor, concorde. Não vai lhe custar nada. Será apenas para marcar presença — Falcão acrescentou.

— Acabou de casar, é? Então meus parabéns — disse o príncipe para Dane sem maior entusiasmo, virando a taça de vinho que tinha nas mãos e tomando todo o líquido de uma vez. — Quer dizer que é só dar uma volta pelo salão para que sua mulher me veja e nada mais?

— Exatamente.

— Só vou se me garantir que reservará uma ala inteira do solar apenas para mim e toda a minha comitiva. E que teremos as melhores acomodações.

— Com certeza, Alteza.

— Pretendo levar todos os meus criados e também os meus cães.

— Serão recebidos com prazer.

O príncipe cocou a cabeça e franziu a testa, numa expressão de desagrado.

— Arre, então eu vou, pronto! E agora façam o favor de parar de me amolar!

— Obrigado, Sua Alteza. Será uma honra tê-lo entre nós. — Dane se curvou numa mesura. — Aguardaremos a sua presença em minha propriedade para daqui a dois dias, na parte da tarde.

— Vou chegar quando eu quiser. Quando tiver vontade. Agora saiam já daqui vocês dois. Já me atormentaram demais!

— Como deseja dispor de suas roupas de verão, milady? — perguntou Petty.

— Dispor? Pensei apenas em deixá-las aqui para o próximo verão — Olívia respondeu.

— Vai usar de novo?

Ao casar-se com Dane e adquirir o título de viscondessa, era esperado que Olívia estresseasse um guarda-roupa inteiramente novo a cada estação. Fazia parte da posição. As roupas usadas eram doadas às criadas, que em geral não as usavam. Preferiam vendê-las e guardar o dinheiro.

— Por quê, Petty? O que acha que eu deveria fazer com elas?

— Ora, milady, não seria correto que eu lhe dissesse — a criada disfarçou enquanto embalava os sapatos da patroa.

— E desde quando tem tantas papas na língua? Vamos, Petty, diga. Não tenho a menor idéia do que esperam que eu faça com essas roupas. Nunca pensei em "dispor" de nada enquanto ainda desse para usar. Aliás, minha mãe costumava reformar e remendar os vestidos por pelo menos três anos antes de dá-los a alguém.

A moça a olhou com ar acabrunhado e não teve coragem de responder. Mas não era necessário. Olívia já havia entendido.

— Está bem, Petty. Quero que você fique com todos os meus vestidos de verão, certo?

— Sim, milady. Muito agradecida — disse a criada com alívio.

Que maçada! Isso queria dizer que na primavera Olívia precisaria suportar uma série de intermináveis sessões com a modista para ajustar novos vestidos. Detestava a idéia. Detestava também aquela constante mudança de casa. Mal acabara de conhecer sua nova residência em Londres quando já iam partir para Kirkal Hall, a mansão de Dane na Escócia. E dali iriam para a Fazenda Greenleigh, em mais uma mudança.

— Conhece a fazenda, Petty?

— Sim, mas só em parte, milady. A casa da fazenda é enorme e levaria uns dez

anos para conhecer tudo. Tem mais de cem cômodos.

— Cheltenham, a casa da minha família, tem sessenta, mas a maioria está fechada, cheia de teias de aranha e vazamentos.

Nesse momento Olívia percebeu que, pela primeira vez na vida, não passaria o Natal em Cheltenham. Não haveria os preparativos de sempre ali e nem ela receberia o detestável bolo de frutas secas que a sra. Abersham tinha o hábito de lhe dar de presente. A pobre mulher, com problemas de vista, enxergava muito mal e costumava errar nos ingredientes. Certa vez até colocara azeitonas no lugar de tâmaras e pimentas verdes em vez de uvas-passas. Walter costumava se divertir abrindo as fatias do bolo sobre a mesa para achar os ingredientes estranhos.

Walter... ah, que saudades dele! Nunca mais teria a surpresa dos presentes que seu adorado irmão lhe trazia no Natal. Às vezes era uma caixinha chinesa, noutras um entalhe de madeira do Brasil ou ainda um diário com capa de couro azul-marinho.

Sempre sabia o que escolher para deixá-la feliz. Seu querido irmão era a única pessoa que a compreendia de verdade. De repente Olívia sentiu vontade de ficar sozinha.

— Petty, agora pode ir. Se esquecermos de empacotar algo, mandaremos buscar depois.

Assim que o quarto ficou em silêncio, ela pegou a caixa de lembranças que mantinha trancada debaixo da cama e dela tirou seu diário. Sentou-se na cama para escrever. Como sempre, achava que por escrito conseguia expressar melhor o que sentia. Derramou algumas lágrimas, enquanto escrevia a respeito do irmão, mas sabia que era em vão. Nada traria Walter de volta.

Então a imagem de Sumner lhe veio à mente. Com ele, poderia obter todos os detalhes sobre a morte do irmão. Para tanto, porém, era preciso esperar o momento certo. Falaria com o novo criado quando estivessem na Escócia, depois do Baile da Caça.

Ah, o baile! Olívia sentiu um nó de nervosismo se formar no estômago. Tinha deixado tudo a cargo de terceiros, da sra. Huff, das cozinheiras, da sra. Blythe. E se elas a desapontassem? Se não fizessem direito o que havia lhes confiado? Fechou os olhos, apavorada. E se a comida não ficasse pronta a tempo? Bem, pelo menos a sra. Blythe parecia confiável. Mesmo que as acomodações não fossem como o esperado e a comida menos requintada do que imaginava, tinha certeza de que a diversão seria de primeira. Isso compensaria tudo, e os convidados sairiam encantados do Baile da Caça de Lady Greenleigh, concluiu.

— Já se recolheu, Olívia?

Dane vinha entrando pela porta, e rapidamente ela tratou de esconder o diário embaixo do travesseiro. Morreria de vergonha se um dia o marido lesse seus escritos. Eram tolos, como coisa de adolescente, em especial as coisas que escrevia sobre ele.

— Como vai, Dane? — disse, com cara de culpa.

Ele a olhou, desconfiado. Tinha a impressão de que disfarçava alguma coisa.

— O que está fazendo deitada aí?

— Eu? Hum... descansando.

— Sei...

Ele percorreu o aposento com o olhar e notou a caixinha de madeira. Era um pouco maior que uma caixa de charutos e ele nunca a tinha visto antes.

— O que guarda ali, Olívia?

— Só umas lembranças que eu trouxe da minha casa — disse, pegando a caixa. — Veja, esta é a medalha que ganhei com meu arranjo de flores numa exposição em Cheltenham. Não sou muito boa nisso, mas como fui eu que organizei a exposição, creio que por isso me deram o primeiro lugar.

Ainda desconfiado, Dane segurou suas mãos para ajudá-la a levantar.

— Está na hora de se vestir para o jantar.

— Ai, meu Deus, como cansa ter que trocar de roupa seis vezes por dia! — Olívia exclamou, com um suspiro. — De manhã é um traje, no almoço outro... Parece que não acaba mais.

Dane soltou uma gargalhada.

— Se preferir, posso dizer à sra. Huff que está com dor de cabeça e pedir-lhe que mande trazer nosso jantar para o quarto.

— Que boa idéia, meu amor! Como posso lhe retribuir tanta gentileza?

— Deixe-me ver... que tal me permitir saborear essas duas deliciosas ameixinhas que você tem aí? — ele respondeu, abraçando-a e tocando o bico dos seus seios de leve, através do tecido da blusa.

— Oh, sim, sim...

Dane foi aos poucos desfazendo os laços que fechavam a blusa de Olívia até os seios ficarem à mostra. Depois sentou na beirada do colchão e a segurou para que ela ficasse em pé entre suas pernas. Dobrou-se e colocou a cabeça em meio aos seios, beijando-os e acariciando-os com sua face. Ela gemeu à medida que a sensibilidade ia sendo despertada com o toque. Em seguida entrelaçou os dedos nos cabelos de Dane, soltando-os do rabo-de-cavalo que ele usava. A vasta cabeleira loira se espalhou sobre os seios, seus fios longos e sedosos cobrindo-os numa delicada carícia.

— Seu cabelo é lindo, Dane. Ele levantou os olhos.

— Acha mesmo? Pois se outra pessoa que não você dissesse que meu cabelo é lindo, eu tomaria isso como uma insinuação ou uma ofensa, sabe?

— Eu também não gosto quando falam que sou uma mulher "imponente", querendo dizer que sou grandalhona...

— Chamaram você assim? Pois fique sabendo que você não é "imponente" coisa nenhuma, Olívia. Imponentes são as matronas, as senhoras de idade. Você, ao contrário, você é...

— Eu sou o quê, Dane?

— Você é... exuberante. Suculenta. Deliciosa. Desejável. Assim como uma fruta madura ou um pingo de doce de leite, Olívia.

Ela sorriu.

— Quer dizer que está me comparando a comida, é?

— Desejamos comida quando temos apetite e eu sinto um enorme apetite por você.

— E eu por você, Dane.

Permaneceram abraçados por algum tempo, até que ele levantou a cabeça e indagou:

— Mas então, quer mesmo que eu mande trazer o jantar?

— Será que não vão pensar mal de nós por ficarmos trancados aqui em vez de

descer?

Era bobagem pensar que os criados não sabiam o que se passava. A voz corria entre a criadagem e se comenta abertamente quantas vezes o patrão e a patroa ficavam juntos. Dane nem se incomodou em responder. Levantou-se, abriu a porta e deu instruções a um laçao que passava pelo corredor.

— Avise para trazerem jantar para dois — ordenou.

O rapaz saiu correndo para obedecer, sentindo-se orgulhoso por o patrão ter dirigido a ele a palavra. Quando Dane voltou para o lado de Olívia, encontrou-a de pé no meio do aposento, com as mãos atrás das costas.

— Tenho uma surpresa — anunciou ela, sorridente.

— Já sei. Vai permitir que eu lhe tire a roupa toda agora.

— Não. A surpresa é que hoje quero que faça uso *disto* em mim — disse, tirando a mão das costas e mostrando o que segurava.

Era o maior de todos os bastões do prazer do Rajá.

— Mas é cedo demais. Você ainda não está pronta para isso.

— Quem tem que saber se está pronta ou não sou eu. E eu digo que estou. Eu quero você, Dane. Não suporto mais ter de esperar. Quero me tornar sua mulher de verdade.

Dane a fitou intensamente, sentindo um aperto no peito. Por causa dele, Olívia estava apressando o "treinamento", dispendo-se a passar por qualquer incômodo só para satisfazê-lo. Comovido, envolveu-a nos braços, deixando que ela apoiasse a cabeça em seu peito.

— Não é preciso que faça isso, minha querida. Não quero que se sacrifique assim.

Uma batida na porta fez os dois se separarem. Olívia escondeu novamente as mãos nas costas quando três criados entraram com as bandejas. Em instantes a mesa estava posta, o vinho servido nas taças, as cadeiras no lugar, os castiçais de prata acesos e os pratos cobertos fumegando sobre a toalha de linho.

Olívia piscou surpresa e Dane sorriu para ela enquanto levantava a beirada da tampa de um dos pratos para ver o conteúdo.

— Cozido de carne. Muito bom — comentou, pegando uma das taças de vinho e tomando o primeiro gole. — Vai esperar que eu fique bêbado para poder fazer o que quiser comigo, Olívia?

Ela riu, chegou mais perto e, sem mais nem menos, colocou o bastão do Rajá de pé no meio da mesa, como se fosse um enfeite de centro.

— Ficou atraente, não? Se alguém perguntar, vou dizer que é o seu.

— Ah, é? E acabar com a fama de machão, que tenho por aí?

— Se não gostou, então tive uma outra idéia — ela respondeu e pegou o bastão de marfim, colocando-o no bolso da frente da calça de Dane.

A peça escorregou para dentro, parando na base da perna, parecendo uma enorme ereção fora de centro.

— Olhe só como ficou bom! Combina com você que é sempre tão... rígido, digamos.

Dane a olhou espantado.

— Sua bruxinha! Você vai me pagar!

Tirou o bastão do bolso e o sacudiu no ar, fingindo ameaçá-la. Olívia deu um gritinho e saiu rindo e correndo pelo quarto, seguida por Dane às gargalhadas. Mas sem querer, ele acabou pisando na barra da saia dela e os dois foram juntos ao chão, rolando para debaixo da mesa.

Uma hora depois, suada, descomposta, os cabelos em desalinho e tentando fechar a blusa, Olívia surgiu por baixo da ponta da toalha da mesa. Levantou-se e olhou os pratos.

— Está vendo só, Dane? — disse para as duas enormes pernas dele que apareciam por baixo da mesa. — A culpa é toda sua. Nosso jantar ficou gelado!

CAPÍTULO IV

A viagem para Kirkal Hall começou na manhã seguinte. Os funcionários de Dane carregaram com eficiência os baús e todos os pertences nas três carruagens e numa carroça que fariam o trajeto.

Olívia aguardava com ansiedade o início da viagem.

A única vez que viajara em toda a sua vida fora de Yorkshire para Londres, no mês anterior, quando a tristeza pela morte de Walter a abatera por completo. Lembrava-se apenas dos lamentos constantes de sua mãe e do sacolejo infernal da velha carruagem da família durante o caminho.

Mas desta vez seria diferente. O luxuoso coche de Dane era amplo e muito confortável e, para alegria de Olívia, nele viajariam sozinhos.

Petty, Sumner, Kinsworth e a sra. Huff, junto com os criados mais graduados, iriam em outra, e os serviçais menos qualificados na terceira. Marcus, por sua vez, preferia ir a cavalo, acompanhando a comitiva,

Ficar livre por algum tempo do falatório de Petty também era uma boa perspectiva. A criada estava enlouquecendo Olívia com seus intermináveis elogios a Sumner. Parecia fascinada, e Olívia não podia culpá-la por isso. Sabia muito bem como era sentir fascínio por um homem.

A sra. Huff preparou-lhes uma grande cesta de merenda que foi colocando no coche enquanto um laçao ajudava Olívia a subir antes de Dane. Ela carregava nas mãos sua bolsa, dentro da qual, entre outras coisas, estava o diário. Havia ordenado antes a Sumner que trouxesse a caixa de madeira com as peças de marfim.

— São meus artigos de maquiagem — explicou para disfarçar, diante da caixa fechada.

O criado apenas se curvou, sem dar maior atenção ao fato.

Pouco depois o grupo partiu, passando lentamente pelas ruas de Londres. Olívia pulava de uma ponta a outra do banco da carruagem para poder apreciar pelas janelas a vista da cidade. Dane riu de sua agitação.

— Há uma semana que está em Londres. Por que esse súbito interesse pela cidade?

— Ora, porque agora estamos indo embora daqui e só voltaremos na primavera. Quando a gente vai embora de um lugar gosta de levar as últimas imagens como lembrança.

— Pois para mim, Londres é quase como um sapato velho. Confortável, mas sem qualquer novidade.

— Pode rir de mim, se quiser, mas eu vejo novidade em tudo. Sou adepta de novas aventuras.

— Sei muito bem disso — respondeu Dane, piscando para ela.

Quer dizer então que o lorde fazia questão de viajar ao lado da esposa? E, além disso, tinha havido aquele jantar na intimidade do quarto... Aquele em que a comida fora devolvida fria e intocada à cozinha.

Tudo indicava que as coisas estavam mesmo dando certo. O lorde começava a se entregar aos encantos da mulher.

A segunda carruagem passou e o olheiro conseguiu reconhecer as pessoas dentro dela. Já estava familiarizado com os rostos de toda a criadagem. A governanta, o mordomo, o valete, a criada da lady e...

Epa! Alguém de cabelos claros e testa pronunciada era novo no grupo. Por um instante, os olhos azuis do rapaz encontraram os do olheiro, mas em seguida ele desviou o rosto.

Ora, vejam só! E pensar que havia achado que o sujeito desaparecera para sempre! O antigo valete de lorde Walter já tinha lhe sido útil antes, mas agora conseguia se colocar numa posição ainda mais benéfica.

O olheiro ficou satisfeito. Seu alvo anterior fora lorde Walter Cheltenham, pelo mesmo motivo que o alvo atual era lorde Greenleigh.

Ao contrário do seu velho e soturno pai, prestes a se aposentar, lorde Walter era inteligente e vivaz. Se bem orientado, poderia ter alcançado muito poder na Câmara dos Lordes. Mas Walter não tinha aceitado o apoio financeiro oferecido. Achava que apenas com o dinheiro da noiva salvaria Cheltenham e não quis saber do suborno proposto.

Diante disso, o olheiro procurou uma forma de fazê-lo deixar de ser tão cheio de pruridos. Usou Wallingford e outros rapazes para influenciá-lo, levando-o a uma vida mais mundana e perversa. Quem sabe assim ele se tornaria mais flexível e acabaria por aceitar.

Nada tinha dado certo.

Não, lorde Walter tinha acabado muito mal mesmo.

Agora, isso não tinha mais a menor importância. Lorde Greenleigh era o próximo da lista.

Muito depois, quando a caravana passou por Nottinghamshire, Olívia estava tão entediada que se sentia a ponto de enlouquecer. Dane dormia no banco à sua frente, o corpanzil estendido sobre o assento, sem se mexer mesmo com o movimento do veículo. O tempo estava encoberto e a paisagem era monótona: uma interminável sequência de

campos uniformes, apenas interrompida de vez em quando pela passagem por algum vilarejo.

O único ponto de interesse foi quando cruzaram uma pequena floresta, onde as folhas das árvores mostravam uma variedade de cores, entre o alaranjado e o amarelo. Pegando uma das folhas pela janela, Olívia agora brincava com ela enquanto observava Dane dormir.

Estava muito cansado, pobre homem. Tinha gastado toda a energia dando prazer a ela, estimulando seus sentidos e provocando-lhe indescritíveis momentos de prazer. Como resultado, Olívia havia dormido satisfeita a noite inteira, enquanto ele, sem se saciar, passara a noite toda se remexendo de um lado para outro, não conseguindo pregar o olho. Até Profiitt, seu valete, havia comentado com a sra. Huff que achara o patrão abatido e que as roupas da cama dele tinham amanhecido todas reviradas.

Olívia se levantou com cuidado e sentou-se no banco de Dane, acomodando-se no pequeno espaço que sobrava ao lado das pernas dele. Passou de leve a mão pela testa do marido, para afastar-lhe os cabelos, e beijou suavemente sua testa.

— Meu querido — sussurrou baixinho. — Esta situação não vai durar muito — prometeu. — Em breve serei sua mulher de verdade.

O jantar de Olívia foi servido numa saleta reservada da estalagem. Dane e Marcus não estavam ali. Estavam em algum outro canto, tratando, como sempre, de algum assunto desconhecido, desses que passavam horas e horas discutindo longe das outras pessoas. Que assuntos seriam esses que lhes ocupavam dias inteiros? Negócios? Investimentos?

Lembrava que em certas ocasiões lorde Reardon e lorde Wyndham também participavam daquelas intrigantes reuniões e recordava, sobretudo, da frase deles que ouvira por acaso quando passava pelo corredor: *O que precisamos é da mulher certa.*

Olívia franziu a testa enquanto com o garfo beliscava seu prato. Que mulher era essa? Mulher certa para quê?

Sentado em um canto escuro do bar da estalagem, diante de uma caneca de cerveja que nunca se esvaziava, o olheiro prestava atenção a tudo que ocorria. Apesar do incômodo que as roupas toscas do seu disfarce de camponês lhe causavam, ele não perdia nada de vista.

A essa altura esperava que Greenleigh já estivesse entregue por completo aos encantos da esposa. Afinal, segundo a informação que lhe haviam passado, ela era a mulher perfeita para ele. A fonte dessa informação, apesar de agora morta, era totalmente confiável. O olheiro sabia exatamente o que Greenleigh queria, e Walter, ao descrever a irmã, lhe dera a indicação de que ela se encaixava com perfeição no padrão de mulher exigido pelo lorde.

Então o que era que estava dando errado?

O valete surgiu na porta do bar e passou a vista pela penumbra do lugar. Quando encontrou o olheiro, este levantou a caneca de longe, num cumprimento silencioso. O valete retribuiu o cumprimento, meneando disfarçadamente a cabeça e em seguida foi embora.

Ótimo! O homem era uma das suas peças mais úteis e estava novamente no jogo. Com ele dentro da casa, iam ser resolvidas mais depressa essas complicadas questões do coração. O valete conhecia muito bem o plano, já que ele mesmo ajudara a elaborá-lo. Era um plano que deveria ter sido executado pelo falecido Walter, mas, como ele não estava mais aqui, sua irmã faria com que ganhassem o jogo de forma ainda melhor.

Que maravilha ver como tudo se desenrolava! Espionagem era uma combinação de arte e ciência, e ele era perito em ambas as coisas.

— E lorde Greenleigh, não?

Dane vinha andando distraído pelo corredor e parou, tentando reconhecer o homem de cabelos claros. Estava preocupado com a conversa que acabava de ter com Marcus. Inquieto, este lhe dissera ter a impressão de que estavam sendo seguidos.

— Sim, por quê?

— Meu nome é Sumner, milorde, e eu queria lhe agradecer pela oportunidade que me deu de servir à sua esposa. Tenho antigas ligações com os familiares dela.

Dane havia esquecido de Sumner por completo depois de passar ao Liar's Club a tarefa de investigá-lo.

— Não precisa me agradecer. A decisão foi dela — Dane respondeu, seguindo em frente.

— Também desejo lhe dar minhas sinceras felicitações, milorde. O senhor e lady Olívia formam um belo par. Faz bem ao meu coração ver que ela está tão feliz. O irmão falava dela com muito carinho.

O valete seguia atrás de Dane, falando sem parar.

— Lady Cheltenham era uma senhora muito ocupada — continuava Sumner. — Nem sempre dava a lady Olívia a atenção merecida e ela vivia meio... abandonada, por assim dizer.

Dane sabia muito bem disso sem que um criado viesse lembrá-lo do fato. Não estava gostando nada daquela inesperada intimidade.

— Ah, até que enfim o encontrei, Dane — disse Olívia surgindo no corredor diante deles.

Dane notou que ela cumprimentava Sumner, perguntando-lhe se estava se dando bem na viagem, ao que o criado respondeu que sim, com olhos sonhadores. Dane não gostou nem um pouco dessa atitude.

— Está na hora de partir — interrompeu bruscamente. Os dois se viraram, surpresos diante do tom ríspido da ordem. Dane então passou o braço pela cintura de Olívia e a conduziu até a primeira carruagem, sem dizer nada. Assim que ela se acomodou lá dentro, ele se virou para Marcus, que arreava seu segundo cavalo depois de amarrar o primeiro atrás do coche.

— Agora você pode viajar na carruagem que eu vou a cavalo — disse para o amigo, sem maiores explicações.

— Que foi, Dane? O que aconteceu?

— Nada. Só estou querendo um pouco de ar fresco — respondeu, montando com rapidez e saindo a galope na frente de todos, que ainda estavam se acomodando às pressas nos coches.

Não havia lugar na hospedaria de Huddersfield, o vilarejo a meio caminho entre Londres e a fronteira da Escócia. Mesmo assim, Dane arrumou rapidamente vagas para todos os da sua comitiva. Olívia ficou perplexa vendo aquilo. Era surpreendente o que um homem poderoso, alto, loiro e com ares de deus viking conseguia fazer em menos de três minutos desde que tivesse dinheiro para tanto.

Sentiu-se constrangida ao ver pessoas mais humildes saírem apressadas dos

quartos para dar lugar a lorde Greenleigh e sua caravana. Para Dane, contudo, isso não parecia fazer a menor diferença.

Entrou na hospedaria e foi direto para seu quarto, pedindo que lhe preparassem o banho. Estava com frio e não via a hora de se aquecer com a água quente. Tinha certeza de que Dane não viria à sua procura naquela noite e, por isso, havia deixado a caixa com as peças de marfim cuidadosamente escondida embaixo do banco da carruagem.

Tão logo Petty encheu a banheira, arrumou a cama e separou sua camisola, Olívia dispensou a criada e trancou a porta. Em seguida tirou a roupa e lentamente mergulhou na reconfortante água morna, sentindo um agradável aroma de jasmim subir com o vapor. Desta vez Petty tinha colocado as essências de banho certas. Devia ser uma forma de agradecimento por ela ter contratado Sumner. Só esperava que ele não decepcionasse a pobre garota.

Dane passou mais tempo do que o necessário sorvendo sua cerveja na saleta reservada, próxima ao bar da hospedaria. Planejava ficar ali até que Olívia pegasse no sono. Não tinha conseguido um outro quarto para si porque as vagas disponíveis tinham se esgotado.

Se Olívia já estivesse dormindo quando ele chegasse, quem sabe seria capaz de controlar seus impulsos e por fim descansar um pouco. Mas se a encontrasse acordada, sorridente e como sempre adorável, duvidava que tivesse forças para resistir.

Dane estava intrigado. Sempre defendera suas posições com firmeza, segurança e sem vacilar. Sentir-se de repente assim vulnerável, era uma completa novidade. O fato de aquele valete demonstrar-se encantado por sua mulher não era algo que normalmente o abalaria. Mal daria atenção à atitude do criado ou, quando muito, apenas se divertiria um pouco com ela.

Mas isso não era o que estava acontecendo. Sua vontade era dar uma boa surra em Sumner ou então largá-lo no meio da estrada como havia prometido. Olívia era sua, somente sua, repetiu para si.

Avaliou que estava passando tempo demais ao lado da mulher. Seu constante desejo de possuí-la começava a se tornar uma obsessão. E isso não podia acontecer. Ele tinha uma missão a cumprir, uma causa à qual devia se dedicar por inteiro, sem deixar que essa obsessão o dominasse.

Era por isso que tinha decidido trocar de lugar com Marcus na viagem. Fazia um esforço para se concentrar outra vez unicamente nos planos relativos ao príncipe George. Contudo, sua decisão fora em vão. Não conseguia parar de pensar em Olívia, no seu sorriso, no lindo rosto que se contraía de êxtase quando ele a tocava, na sua vontade de entregar-se a ele apesar do problema físico que tinha. Ah, Olívia era mesmo uma mulher especial, de gestos tão desprendidos e às vezes tão... inesperados!

No ramo de trabalho de Dane, contudo, algo inesperado podia ser também perigoso. Ele nunca esperava, por exemplo, que seu pai virasse um traidor. Jamais tivera qualquer desconfiança em relação a Henry Calwell. Os dois se davam muito bem e costumavam passar longas horas conversando animados sobre a situação da nação. Contrariando seu gênio naturalmente reservado, Dane havia confidenciado ao pai suas opiniões políticas, chegando até a caçoar da forma como as autoridades tratavam as questões de inteligência. Sentia engulhos ao pensar que abrisse seu coração assim e, sem saber, passara tantos segredos a alguém que era um traidor. E além de traidor, era seu pai.

Sua única sorte era nunca ter contado a ele que fora nomeado membro do Quarteto Real, recebendo o cargo de Leão daquele que o ocupara antes. Para explicar ao pai sua proximidade com o Leão anterior, usara a desculpa de que ele o estava orientando em

assuntos de finanças. Como se tratava de um homem rico e bem-sucedido, o pai aceitara a explicação de bom grado.

Um relógio soou em algum canto da estalagem. Era tarde, e Dane estava muito cansado. Com certeza Olívia já teria adormecido.

Deixou a bebida de lado e se levantou, atravessando a taverna semideserta para ir ao quarto. Nesse momento teve uma sensação que começava a se tornar familiar. Assim como Marcus, desconfiava que estava sendo observado. Um calafrio lhe percorreu a espinha, subindo até a nuca. Ele, ao contrário de Marcus, tinha quase certeza de quem podia estar por trás disso.

Alguns membros do quarteto pareciam não ter muita confiança nele, talvez por medo que fosse um traidor, como seu pai. Principalmente Wyndham, que nunca se conformara com o fato de o pai de Dane ter morrido antes de ser interrogado. Achava que se Henry Calwell estivesse verdadeiramente arrependido da sua traição teria entregado todas as informações que detinha às autoridades inglesas em vez de levá-las consigo para o túmulo.

Calwell havia sido sepultado nas suas terras em Kirkal Hall. Não houve um grande funeral nem uma procissão para a cerimônia realizada na capela da propriedade. Dane enterrou o pai discreta e silenciosamente, no lugar onde ele mais gostava de estar. E, à medida que o tempo passava, maior era a distância que estabelecia com a memória dele.

Nunca mais voltara a Kirkal Hall desde o dia em que achara o pai estendido na biblioteca, morto por suas próprias mãos, com uma bala na cabeça. Ao lado do corpo, estava um bilhete com uma única frase: "Jamais tive a intenção de prejudicar alguém".

Assinava apenas "Henry Calwell", sem mais nenhum detalhe, sem seu título ou cargo, como se fosse um homem comum e não um membro da realeza, o respeitado conselheiro do príncipe regente e do primeiro-ministro, além de um pai admirado no qual o filho confiara plenamente.

Agora isso não tinha mais importância. Ele estava morto, e a aventureira que se vendera aos franceses tinha desaparecido do mapa. Era assim que acabava a história de um homem bom, culto e influente que se deixara seduzir por uma mulher e fora levado à decadência total para acabar sob o jugo de uma aventureira mal-intencionada.

Dane pegou sua chave no bolso e abriu a porta do quarto.

Ai, Senhor, que castigo! Olívia não só não dormia como estava ainda estendida placidamente dentro da banheira.

Ele atravessou o quarto sem desgrudar os olhos dessa imagem. O rosto corado, os cabelos úmidos escorrendo pelos ombros, os seios apontando na superfície da água, os mamilos encolhidos e tentadores... A fantasia dele se tornava realidade.

O corpo molhado de Olívia refletia a luminosidade das chamas e ela o fitou com olhos lânguidos, como se tivesse preparado a cena especialmente para ele. Dane sentiu o sangue ferver nas veias. Como é que ela sabia ser aquela sua mais oculta fantasia? Vê-la assim era seu maior sonho, só ultrapassado pelo sonho de poder um dia perder-se de prazer dentro do corpo voluptuoso dela.

Olívia era uma mulher fora do comum, honesta e bondosa. Nunca havia conhecido alguém assim e estava com remorso por tê-la tratado tão mal. Primeiro acertara o casamento friamente, como se estivesse comprando do pai dela um animal qualquer para aumentar seu plantel. Depois a levava para casa, e para a cama, servindo-se dela apenas como objeto sexual, ignorando sua presença durante o dia e procurando-a só à noite com propósitos libidinosos. Sua maneira de agir tinha magoadado, ofendido e assustado Olívia, e

ela merecia muito mais do que isso. Merecia seu respeito, sua admiração, seu afeto e, por que não, seu amor.

Amor? Será que era isso o que começava a sentir pela esposa? Ou será que era apenas uma obsessão?

— Epa! Acabei de me lembrar! — exclamou Olívia, levantando-se e saindo da banheira.

Foi até o cabide onde Petty havia pendurado o vestido que ela usara na viagem. Mexeu no bolso da saia e dela retirou algo que segurou na mão, mostrando a Dane. Era um dos bastões de marfim que ele já conhecia muito bem.

— Lembrei que eu tinha um desses no bolso!

— Nossa, para quê?

— Para um caso de emergência. Dane soltou uma gargalhada.

— Não me diga que pretendia usá-lo como arma de defesa se a carruagem fosse atacada.

Ela voltou para a cama e enroscou o corpo no de Dane.

— Nada disso. É que não quero interromper meu treinamento. Seria uma perda de tempo, não acha?

Os olhos de Dane se iluminaram. Afagou os cabelos dela e a beijou de leve na face.

— Ah, minha querida Olívia... Você não existe! Adoro o seu jeito, a sua espontaneidade.

A água da banheira esfriou e as brasas foram se acabando na lareira enquanto eles se entrelaçavam. A toalha que envolvia Olívia ficou amontoada no chão e o quarto se encheu de gemidos. Dane tinha adquirido habilidade no uso dos bastões do prazer e soube usar aquele com destreza até ver Olívia cair por fim em seus braços, inerte, adormecida e realizada.

Olhou para ela longamente. Sentiu que seus sentimentos, há tanto tempo sufocados, despertavam aos poucos. Mas não! Não podia deixar que as emoções o dominassem. Não queria acabar como seu pai, sucumbindo aos encantos de uma mulher. Retesou os músculos e, com o movimento, Olívia acordou.

— Vou verificar se os cavalos e as carruagens estão em ordem — disse, soltando-a do abraço. — Fique dormindo tranqüila. Amanhã nos veremos — completou, saindo do aposento.

Olívia ficou ali sozinha, confusa, o olhar perdido no espaço. Como era difícil entender Dane! Em um momento mostrava-se carinhoso e compreensivo e no momento seguinte, frio e distante. Quem era, afinal, o homem com quem tinha se casado?

Na manhã seguinte, Olívia se acomodou no coche, esperando o recomeço da viagem. Os criados arrumavam novamente em seus lugares tudo o que tinha sido retirado das bagagens para o pernoite. Agiam com presteza e pareciam ter muita prática com esses preparativos. Dava a impressão de que Dane já havia feito esse trajeto muitas outras vezes. A sra. Huff lhe contara que o falecido visconde Greenleigh gostava muito de Kirkal e que Dane ia lá visitá-lo com frequência.

Pouco depois Marcus e Dane apareceram. Olívia se aprumou no assento e arrumou com cuidado as saias, pronta para receber o marido. Um laçao correu e abriu a porta da carruagem para Dane entrar. Ele colocou a cabeça para dentro e anunciou:

— Hoje vou montar novamente, minha querida. Marcus lhe fará companhia, está bem?

— É claro, Dane — respondeu ela, forçando um sorriso educado. — O ar puro certamente lhe fará bem. Desejo que tenha uma ótima cavalgada. Será um prazer dividir a carruagem com lord Dryden — completou, medindo as palavras com exagerada polidez.

Sem se fazer de rogado, Marcus subiu os degraus da carruagem e sentou-se ao lado dela. De cara fechada, Dane se retirou.

— Até mais ver — disse, fechando a porta do coche e caminhando rumo à sua montaria.

Marcus e Olívia o observaram, um pouco surpresos com seu mau humor. O corpo estava rígido e o andar dele era firme. Nem sequer olhou para trás. Marcus se acomodou melhor no assento, ajeitando as almofadas de veludo.

— E então, milady? Como quer passar o tempo? — perguntou com um sorriso. — Podemos nos distrair com algum jogo.

— É uma boa idéia.

— Que tal com charadas?

— Ah, não. Isso é meio maçante. Prefiro aquele jogo chamado "Conte-me Histórias Divertidas Sobre Meu Marido". Conhece?

Marcus riu da brincadeira.

— Conheço, sim. Aliás, tenho uma porção delas. Deixe-me ver... teve aquela vez em que ele pulou no rio para salvar uma donzela desamparada.

— É, e a tal donzela teve de acudi-lo porque ele acabou atolando as botas na lama, feito um paspalho, não é?

— Então já sabia da história?

— Claro. A donzela era eu! — Olívia esclareceu, com uma risadinha.

— Deixe-me lembrar de outra, então...

— Tem tantas histórias assim?

— Opa, nem lhe conto...

Olívia sentou na sua posição favorita, com as pernas dobradas a seu lado nas almofadas, para ouvir o relato de Marcus.

Do lado de fora, Dane cavalgava a poucos metros da carruagem, distância que lhe permitia ouvir as risadas dos dois. Marcus estava distraído Olívia, como ele havia pedido, e precisava concentrar todo o seu pensamento na missão que devia cumprir. Não só na missão imediata, mas também na mais ampla e importante à qual tinha entregado sua vida.

Era o Leão, e não podia permitir distrações nem deixar que uma mulher desviasse sua atenção da incumbência que lhe cabia, mesmo que ela fosse uma mulher fascinante como Olívia.

Novas risadas vindas do coche chegaram a seus ouvidos e Dane não gostou. Marcus estaria se excedendo? Definitivamente, não estava gostando nada daquilo e gostando menos ainda de constatar que isso o incomodava tanto.

Estavam todos exaustos quando as carruagens cruzaram os portões de Eirkal Hall. O guarda dos portões correu, chamado os criados para virem com tochas acesas de forma a iluminar o caminho.

Depois de conversar bastante com Marcus, Olívia acabara por adormecer, enrolada em um canto do assento do coche. Não era uma posição muito adequada para uma viscondessa, mas ela já se sentia completamente à vontade com Marcus. Estar ao lado dele era quase como estar com seu irmão Walter.

Aceitou a mão de um laçao para descer da carruagem e olhou à sua volta, procurando Dane. Ele estava no centro de toda a atividade, dirigindo o pessoal que desembarcava as bagagens diante da mansão. Marcus segurou no braço dela.

— Venha. Eu a acompanho. Já estive aqui algumas vezes e conheço a entrada.

Olívia admirou a enorme construção à frente deles. Mais do que uma mansão, aquilo era um verdadeiro castelo. As paredes altas de pedra escura formavam torres nos cantos, as quais mal se vislumbravam através da névoa. Grandes janelas em arco rodeavam toda a construção. À luz do dia aquela vista devia ser deslumbrante, e ali, em meio à penumbra, tornava-se quase mágica.

— Isto parece um castelo — disse, sorrindo para Marcus. — Quer dizer então que vou ser a dama do castelo? Ora, vejam só!

— E Dane, vai ser o quê?

Olívia desviou o olhar para o marido ao longe. Ele mal havia lhe dirigido a palavra durante todo o dia. Mostrava-se seco e distante.

— Ele? Sei, lá. Do jeito que está pode ser o dragão, ou o bicho-papão do castelo.

Marcus inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Olívia viu Dane virar-se na direção deles. A distância, não era possível distinguir com nitidez a expressão de seu rosto, mas via-se que definitivamente não era cordial. Sorrindo, ela acenou com a mão. O fato de o marido não estar de bom humor não era motivo para estragar a alegria dela em conhecer Kirkal.

Foi então que viu um dos criados entrar em sua carruagem e recolher alguns objetos e pequenos volumes que haviam ficado dentro dela. De repente, se lembrou da caixa com os bastões do Rajá. Apavorada, correu entre a multidão até alcançar o rapaz que descia do coche com uma porção de coisas nos braços.

— Pode deixar que eu mesma carrego minha caixa... de cosméticos — disse, procurando retomar a respiração.

O criado, olhou para aquilo que carregava.

— Desculpe, milady, mas acho que não está comigo.

E não estava mesmo. Então Olívia entrou afobada no coche e passou a mão embaixo do banco, bem até o fundo, no lugar onde tinha escondido a caixa de bastões. Não havia nada. Será que tinha escorregado para o outro lado com o movimento da carruagem? Olívia se ajoelhou e procurou por todo canto. Nada.

Ai, meu Deus!

Pulou da carruagem e foi apressada à procura de Sumner.

— Pegou meus cosméticos, Sumner?

— Aquela caixa de madeira entalhada? Não, milady. A última vez que vi essa caixa foi quando carregamos as bagagens em Londres.

Ela sentiu uma pontada no estômago e um frio na espinha. E se alguém abrisse a caixa?

Respirando fundo, tentou em seguida se acalmar. Não havia motivo para pânico. Todos sabiam que aquela caixa lhe pertencia e ninguém a abriria. O mais provável é que a achasse intocada no quarto, junto com sua bagagem. Afinal, era a viscondessa, e ninguém se atreveria a mexer nas suas coisas. Era melhor ir logo para seus aposentos, antes que Petty começasse a remexer nos baús.

Marcus a acompanhou até a suíte, o quarto tradicionalmente ocupado pela senhora da casa. Petty já estava ali, escovando seus vestidos e dirigindo as irmãs para que acabassem de arrumar tudo.

— Petty, viu uma caixa de madeira lavrada, mais ou menos deste tamanho?

— Aquela que a sra. B. lhe mandou de presente?

— Isso. Você abriu?

— Não, milady, estava trancada.

— Então, onde está?

— Sei qual é a caixa, mas não a vi por aqui.

Nesse momento Sumner vinha entrando, carregado de pacotes.

— Encontrou seus cosméticos, milady?

— Hum, por enquanto não. Pode me fazer o favor de verificar nos outros quartos, para ver se a levaram para algum deles?

— Em todos?

— Só pare de procurar quando achar a caixa. Entendeu melhor assim?

Sumner saiu de mansinho e Olívia engoliu em seco, procurando se convencer de que tudo estava sob controle. A caixa ficara trancada, de modo que ninguém saberia o que havia dentro dela, e Sumner já estava à sua procura. Não seria preciso contar a Dane que o estojo contendo os antigos falos de marfim andava rodando livremente por Kirkal Hall.

Dane por fim largou a tarefa de dirigir os trabalhos, coisa que na verdade era obrigação da sra. Huff. Manter-se ocupado fora a forma que ele encontrara para ficar longe de Olívia e de Marcus. Já era tarde, e não queria conversar com eles nem com ninguém, para não se distrair. Precisava estar concentrado para realizar o plano do dia seguinte, durante o Baile da Caça.

Com tantas atribulações, ainda não tinha tomado conhecimento do tipo de diversão que Olívia havia providenciado, mas não estava muito preocupado com isso. O príncipe regente sempre se encarregava de animar as festas. Ele se entusiasmava facilmente, fosse comendo, bebendo ou flertando com as damas.

Entrou no seu quarto e parou, estático. O aposento estava abandonado, escuro, com panos brancos cobrindo os móveis. Era seu antigo quarto de solteiro, onde passara a infância. Pelo visto, ninguém mexia ali havia muito tempo. E não tinha mesmo cabimento ele dormir naquele quarto, agora que era o lorde de Kirkal Hall, o visconde com o título que herdara do pai. Certamente haviam lhe preparado a suíte principal.

A suíte do dono da casa, anteriormente ocupada por seu pai, ficava no fim do corredor. Ao entrar nela, olhou para a porta contígua. Olívia já devia ter se instalado ali, no quarto ao lado, exausta depois de um dia tão cansativo e de tanto tagarelar com

Marcus.

Recriminou-se por estar sentindo uma ponta de ciúme. Afinal, fora ele mesmo quem pedira a Marcus para distraí-la durante a viagem. Tentou afastar os pensamentos negativos. Talvez por ocupar o cargo de Leão por tempo demais, já estava ficando desconfiado em excesso. Não podia continuar vendo conspiração em tudo.

A suíte estava arrumada para recebê-lo, o fogo aceso na lareira e tudo devidamente organizado. Até o último objeto de seu pai tinha sido retirado dali para não lhe trazer lembranças. A biblioteca anexa, contudo, seria um problema. Impossível entrar ali sem que a imagem do seu pai, desolado e segurando o cano do revólver contra a testa, lhe viesse a mente. Decidiu que não usaria aquele recinto. Trancaria a porta e o deixaria fechado para sempre.

Arrancou a gravata e começou a tirar a roupa, intrigado por seu valete Proffit não estar ali para servi-lo. Tinha fome. Queria que lhe trouxessem algo de comer e um chá quente. Colocou a cabeça para fora da porta, mas não viu nenhum criado.

— Proffit! — seu grito ecoou pela casa.

Olívia ouviu o chamado e apareceu, enrolada em seu penhoar de seda.

— Os criados estão todos ocupados — avisou.

— Ocupados? Fazendo o quê?

— Procurando... hã... os bastões do Rajá.

O rosto de Dane ficou lívido.

— Não me diga que... você *perdeu* o estojo? Justamente aqui? Quer dizer que os bastões andam rodando pela casa?

A idéia o fazia estremecer. Aqueles falos de marfim, circulando por Kirkal Hall, a respeitável residência da tradicional família Greenleigh! Que despautério! Dane raramente levantava a voz, mas, dessa vez, seu grito soou como um trovão.

— Tem idéia do que fez? Da importância das pessoas que vamos receber aqui amanhã? — esbravejou.

— Não. Como poderia? Você só me disse que seriam quarenta convidados, nada mais — respondeu Olívia.

— Pois saiba que são quarenta pessoas das mais poderosas e influentes de toda a região! Entendeu bem? E não quero passar vergonha na frente delas.

Por sorte, ninguém traria suas filhas donzelas e inocentes, ele pensou, passando a mão pelo rosto. Estava exausto, mal tinha dormido na noite anterior e não agüentava ter mais essa preocupação.

— É só isso que lhe importa? — ela indagou. Meu Deus, será que ainda havia notícias piores?

— Por quê? Tem mais alguma coisa?

— Tem, sim. Algo que para mim é mais importante. Sem o último bastão não será possível concluir meu treinamento.

— Ah... — Dane deu um suspiro de fadiga. — Não posso me preocupar com isso agora.

Olívia o fitou por alguns instantes, confusa e magoada. Depois voltou para seu quarto e fechou a porta.

O dia mal tinha clareado, quando Petty entrou esbaforida no aposento de Olívia.

— Milady, milady, acorde! O duque e a duquesa de Halswick chegaram mais cedo!

Olívia sentou na cama com um pulo. Duque e duquesa? *Tem idéia da importância das pessoas que vamos receber?* As palavras de Dane ecoaram na sua cabeça. Como se soubesse disso, ele surgiu pela porta que de comunicação entre os dois quartos com a gravata na mão é Profitt correndo atrás dele trazendo a casaca.

— Petty, vá ver se a suíte azul está devidamente arrumada — ordenou com voz firme. — E você, Olívia, mande a sra. Huff preparar um farto desjejum para todos nós. Os duques devem ter viajado a noite toda e certamente estarão com fome.

Ele andava de um lado para outro, distribuindo ordens, enquanto Profitt o seguia, tentando ajudá-lo a acabar de se aprontar. Olívia levantou da cama e, oculta atrás do biombo do quarto, também começou a se vestir.

— Ah, e tem mais uma recomendação — continuava Dane.

— Avise o pessoal da cozinha de que a duquesa é muito exigente. Só bebe água em temperatura ambiente e com umas gotas de limão. Também exige que antes de dormir lhe levem um prato com exatamente nove tâmaras e quer um copo de leite em cada refeição. Além disso, tem a questão dos arenques...

Petty voltou correndo, seguida por Sumner e sua irmã Letty.

— A duquesa já se instalou na suíte azul, e sua criada me disse que ela ficou muito satisfeita com as acomodações — anunciou, apressando-se para auxiliar a patroa a se arrumar.

— Que arenques? — perguntou Olívia tirando a cabeça de trás do biombo.

Dane lhe dirigiu um olhar fulminante.

— Não estava prestando atenção ao que eu disse? Falei que em hipótese alguma deve ser servido arenque na mesa onde a duquesa estiver. Ela passa mal só de sentir o cheiro.

— Ah, está bem. Nada de arenque.

— A criadagem dela dará instruções sobre isso à cozinha, mas é importante que você, como a senhora da casa, se assegure de que tudo seja cumprido.

— Vai chegar mais algum hóspede com tantas exigências ainda hoje?

— Falaremos disso mais tarde. Agora vamos. Daqui a pouco a duquesa estará no salão para o desjejum.

Profitt acabou de dar o nó na gravata de Dane e de ajeitar-lhe a casaca. Vestido com esmero, ele saiu pela porta.

— Espero por você no salão. Se apresse, Olívia.

Ela ainda não tinha acabado de calçar as meias, e seu cabelo continuava todo desarrumado. Por mais que Petty a auxiliasse, seus preparativos eram bem mais complicados do que os de Dane.

— Letty e Sumner — chamou. — Corram para a cozinha e avisem sobre a água, as tâmaras, o leite e... o que mais?

— O arenque, milady.

— Isso mesmo, o arenque. Vamos. Corram!

Já devidamente vestida, Olívia sentou diante da penteadeira.

— Meu cabelo, Petty. Rápido!

Alguns momentos depois, bem-arrumada e com o penteado preso por uma infinidade de grampos, Olívia já estava no salão ao lado de Dane, esperando pela chegada para o café da manhã de seus primeiros hóspedes. Achava que não era muito cortês eles terem aparecido tão cedo, quase de madrugada, mas pelo visto o duque e a duquesa eram pessoas tão importantes que faziam seus próprios horários. Em pé no salão, Dane e Olívia esperaram bastante tempo.

De repente a porta se abriu e ela forçou um sorriso para receber os convidados. Mas quem apareceu foi Kinsworth, o mordomo, para anunciar que lorde e lady Reardon acabavam de chegar à propriedade. O sorriso de Olívia tornou-se mais sincero. Seria muito bom ver o rosto amigo de Willa e tê-la a seu lado.

— Ótimo! Mande pôr mais lugares à mesa imediatamente, Kinsworth.

— Perfeitamente, milady — respondeu o mordomo com um olhar antipático.

Mas antes que ele desse a ordem, apareceram as copeiras, já com os pratos e talheres adicionais, que arrumaram com perfeição. Os criados de Greenleigh sabiam exatamente o que fazer nessas ocasiões.

O casal Reardon entrou, todos se cumprimentaram, e Willa abraçou Olívia carinhosamente.

— Ouvi dizer que a duquesa de Halswick está aqui — cochichou ao ouvido dela. — Já a avisaram sobre o arenque?

Ah, o arenque! Será que a instrução tinha chegado à cozinha? Dane havia pedido que ela cuidasse disso *pessoalmente*...

Nesse instante Kinsworth apareceu novamente, empertigado para anunciar a chegada de novos convidados.

— Lorde e Lady Cheltenham, acompanhados da srta. Absentia Hackerman estão aqui — disse, solene.

Oh, não! Não era possível! Só podia ser mais um dos truques da sua mãe! Como estava ali se nem tinha sido convidada?

Mas era o que estava acontecendo. Com certeza, lady Cheltenham ficara sabendo da festa através do diz-que-diz das comadres e decidira que não tinha cabimento Olívia dar um baile sem convidá-la. Por isso resolvera aparecer, trazendo consigo até a irritante Absentia. Que ousadia!

Dane lhe dirigiu um olhar furioso, como se a culpa fosse dela. Nathaniel e Willa perceberam, mas tentaram disfarçar.

— Não sabia que ia ter o prazer de encontrar seus pais novamente tão logo — disse Willa.

— É... verdade... é uma boa surpresa... — balbuciou Olívia. Nesse momento, a duquesa de Halswick fez sua entrada triunfal no salão. Por algum motivo, Olívia imaginara que ela seria uma senhora circunspeta e ranzinza. Mas não. Quem aparecia era uma mulher jovem e esfuziante, trajando um riquíssimo vestido justo e muito decotado. A duquesa foi logo se acomodando em um dos lugares e sinalizando para que os outros fizessem o mesmo.

— Sentem, sentem. Deixemos as apresentações para depois. Estou completamente esfalfada. Detesto essas viagens de carruagem — disse, com absoluta descontracção.

Todos ocuparam os seus lugares. Os criados, com a eficiência de sempre, iam

colocando mais pratos e talheres na mesa, à medida que chegava mais gente. Em seguida trouxeram as travessas de prata com pães, ovos mexidos, fatias de presunto e uma infinidade de outras iguarias, além de bules de chá e de café e, como não podia faltar, o copo de leite para a duquesa. Tudo corria tão bem que Olívia começou a se tranquilizar.

A duquesa falava sem parar. Serviu-se das travessas, mas demorou para dar a primeira garfada porque continuava com a boca ocupada, tagarelando.

— Exigi que andássemos a noite toda só para acabar logo com a viagem, não foi, Ducky? — perguntou ao marido, que estava a seu lado.

O duque de Halswick era muito mais velho que ela e devia ser praticamente cego porque estava com o nariz quase colado no prato. Ducky não respondeu e a mulher continuou falando.

— Então eu disse a ele que...

De repente seu rosto rosado empalideceu e foi ficando roxo. Olívia se espantou.

— Duquesa, a senhora está...

Arenque! A mulher colocou a mão sobre a boca e, de um pulo, saiu da mesa, derrubando seu copo e espalhando leite na toalha. Todos, com exceção do velho duque, também se levantaram para acudi-la, mas não havia o que fazer. A duquesa corria de um lado para outro do salão, os vastos seios balançando sob o decote, com a mão na boca e os olhos lacrimejando. O rosto estava cada vez mais alterado. Por fim saiu aflita pela porta, e acabou por vomitar no tapete do saguão de entrada.

Rapidamente sua criadagem se encarregou de socorrê-la, enquanto todos os que estavam à mesa permaneciam de pé, perplexos, ouvindo os barulhos que vinham do saguão de Kirkal Hall.

Lady Reardon engoliu em seco e disfarçou o riso. Mas Absentia Hackerman não dissimulava. Olhava para Olívia com uma expressão divertida e irônica. Dane amassou com força o guardanapo que tinha na mão. Largou-o sobre a mesa e, de cara amarrada, deu a volta e foi até o prato que a duquesa havia largado. Com o garfo, mexeu atentamente o conteúdo do prato. Dois pequenos filés de peixe apareceram embaixo dos ovos mexidos.

— Arenque — disse com voz grave, largando o garfo sobre o prato e lançando um olhar feroz para Olívia.

— Eu... eu pensei que... — ela tentou explicar.

— Pedi que cuidasse disso pessoalmente, não pedi? Não entendo como uma anfitriã com a sua experiência deixou uma coisa dessas acontecer.

Sem esperar por mais explicações, ele saiu do salão, pisando duro.

Arrasada, Olívia percebeu que todos os que ainda estavam à mesa a fitavam intensamente. Sua mãe parecia indignada, o pai desapontado, e Absentia, com as mãos apoiadas ao lado do prato, não conseguia esconder a satisfação. O pior de tudo, porém, era o olhar de piedade que lady Reardon lhe dirigia.

Olívia começou a tremer. Era um fracasso como anfitriã e como viscondessa, e todo mundo ficaria sabendo disso. Absentia se encarregaria de espalhar a notícia aos quatro ventos, se possível por toda a Inglaterra e pelos quatro cantos da Escócia.

Um último som veio do saguão, e só então o velho duque, que até aquele momento permanecia imóvel, levantou a cabeça do prato.

— Que foi isso? Foi a minha Pippy? Vai ver, ela achou algum arenque na comida, coitadinha. — E voltou à posição estática de antes.

Olívia reuniu suas últimas forças para dizer com voz sumida:

— Eu, sinto muito. Sinto muito, mesmo.

Em seguida saiu correndo do salão com os olhos cheios de lágrimas. Dane nunca tinha sido tão frio e cruel com ela, nem a olhara com tamanho ódio. Subiu as escadas apressada rumo a seu quarto. Ao virar numa curva do corredor, de repente bateu em alguém.

— Opa! — Sentiu que a seguravam. — Olívia? O que foi?

— Marcus, oh, Marcus — ela murmurou, as lágrimas escorrendo. — Nem imagina o que aconteceu... — continuou, entre soluços, contando toda a história.

Ele a amparou em seus braços.

— Calma, calma. As coisas não são tão graves assim. Verá como daqui a pouco ninguém mais vai se lembrar do que aconteceu, especialmente depois do baile e desse maravilhoso entretenimento secreto que você planejou. Tudo vai dar certo. Fique calma.

Olívia se agarrou ao peito de Marcus. Era como se estivesse com Walter outra vez, sentindo seu apoio e sua compreensão. Ele se mostrava tão solidário quanto seu irmão. Aos poucos as lágrimas foram diminuindo e Marcus passou a mão delicadamente por seu rosto para enxugá-lo.

— Olívia!

O grito de Dane fez com que os dois se separassem, assustados. Estava em pé no topo da escada, parecendo uma estátua de mármore, o rosto contraído e tenso. Bufando, começou a avançar na direção deles, e Marcus, mais do que depressa, postou-se na frente de Olívia e estendeu os braços à frente.

— Espere aí, Dane! Ela estava muito nervosa e eu só queria...

Antes que pudesse completar a frase, Marcus já estava estendido no chão. O soco foi violento. Dane nunca havia batido em Marcus, que era seu melhor amigo. Mas vendo-o ali, abraçado a Olívia e afagando-a, perdera completamente o controle.

Olívia se ajoelhou ao lado de Marcus para ajudá-lo a se levantar, e ergueu os olhos espantados para Dane.

— Que foi que você fez? Para que isso? Ele é seu melhor amigo!

Ferido, magoado e sem saber direito o que estava lhe acontecendo, Dane escapou dali às pressas. Algo muito estranho se passava com ele e lhe causava uma enorme dor. Sentia ciúme. Um ciúme desesperador. Percebeu então que havia se apaixonado por Olívia. Por mais surpreendente e incomum que isso fosse, por menos que o desejasse, teve então a certeza de que estava amando sua mulher.

Desceu as escadas com passos rápidos, saiu da casa e correu para os estábulos. Ao vê-lo chegando, os peões, sem que fosse preciso dar qualquer ordem, se apressaram para arrear seu cavalo favorito, um garanhão chamado Galahad.

Dane montou e saiu a galope em silêncio. Só se ouvia o som das patas de Galahad, levantando nuvens de poeira pelo caminho.

— Dane, Dane! — chamou Olívia da porta de Kirkal Hall, para onde corraera segurando as saias e tentando enxugar o rosto.

Mas o marido já ia longe, cavalcando pela estrada rumo à floresta que havia no lado

leste da propriedade. Ela ficou ali parada, respirando fundo para retomar o alento. No curto espaço de uma hora, todas as maravilhas da sua nova vida haviam se transformado num terrível pesadelo.

O barulho de rodas passando sobre os pedregulhos da alameda que dava acesso à mansão a tomou de surpresa. Só podia ser mais uma entrega de mercadorias para a festa, porque a chegada de outros convidados não estava prevista para aquela hora. Ainda bem. Olívia não sentia disposição para receber ninguém, muito menos essa gente rica e cheia de pose que esperava dela um requinte que obviamente não conseguia ter. Desceu a escadaria disposta a indicar aos entregadores que dessem a volta até a entrada de serviço para descarregar.

O que surgiu à sua frente, porém, não foi nenhuma carroça de entregas, mas sim uma enorme carruagem negra e brilhante, luxuosamente enfeitada, seguida de outras quatro. Viraram a curva da alameda e vieram diretamente na sua direção. Em torno do veículo principal havia um séquito de guardas montados, todos impecavelmente uniformizados. Através da poeira que seus cavalos levantavam Olívia distinguiu claramente nos uniformes deles as cores brancas e douradas de...:

Oh, meu Deus do céu! As pernas dela tremeram. Não podia ser! Devia estar sonhando ou então tendo o pior de todos os pesadelos! Só um pesadelo podia explicar que estivesse ali para receber aquela visita assim, toda desgrenhada e sem as chinelas que deixara cair na correria atrás de Dane. Fechou os olhos, implorando aos céus para acordar, para que aquilo não fosse verdade, que não estivesse prestes a se deparar descalça e descomposta com Sua Alteza, o príncipe regente de toda a Inglaterra.

A carruagem parou. Os guardas e os lacaios imediatamente entraram em ação, segurando as rédeas dos cavalos que puxavam o coche de forma que o veículo ficasse perfeitamente estável. Um criado colocou um pequeno banco de madeira entalhada diante da porta da carruagem e, com uma mesura, a abriu enquanto outro se encarregava de limpar o pó do banquinho com um pano de seda. Em seguida surgiu de dentro da carruagem um pé calçado numa sapatilha bordada, que pisou no banquinho. Com movimentos cuidadosos, o príncipe lentamente desembarcou.

Foi só nesse momento que Olívia teve uma noção mais clara de toda a realidade. Sua Alteza não estava ali por acaso. Era um dos convidados de Dane para o Baile da Caça, e ela teria de ser sua anfitriã!

Seguindo o protocolo, Olívia se curvou por inteiro, quase tocando o chão, para saudá-lo. Envergonhada, notou que, além de estar descalça e com a roupa amarrotada, tinha uma grande mancha na saia. Era o leite que a duquesa derramara na mesa. Que maldade Dane não a ter avisado de que o príncipe seria um dos convidados. Por que escondera isso dela?

— Pode se levantar daí, moça — comandou o príncipe, com sua inconfundível voz de barítono.

Olívia ficou em pé depressa, talvez depressa demais, porque sentiu que batia a cabeça contra algo duro. E, ao levantar a vista, viu o príncipe regente da Inglaterra esfregando o queixo de dor.

— Sua desastrada! — grunhiu o ajudante de ordens do monarca, empurrando Olívia de lado, o que a fez perder o equilíbrio e cair sentada no chão.

— Por Deus, que criadas trapalhonas — resmungou o príncipe, ainda esfregando o queixo. — Se é isso que Greenleigh tem para nos oferecer, volto logo para a maldita carruagem e vou embora de uma vez!

A cabeça de Olívia doía, mas a dor maior estava dentro de seu peito. Dane tinha razão em não confiar nela para organizar um evento tão importante. Ela era um fracasso, um Fracasso total, e o príncipe estava a ponto de ir embora por sua causa. Não podia culpá-lo. Afinal, fora ela quem investira contra o queixo real com sua cabeça dura.

Horrorizada, sentiu as lágrimas vindo. Apertou os olhos com as mãos, mas, diante de tanta humilhação, não conseguiu conter o pranto.

Então ali mesmo, na frente do príncipe George, o príncipe regente de toda a Grã-Bretanha, Olívia começou a chorar, desamparada.

Dane já havia atravessado metade da floresta quando se lembrou de que o príncipe poderia chegar a qualquer momento e que não tinha avisado Olívia disso. Puxou as rédeas de Galahad para fazer o animal tomar o rumo de volta a Kirkal. Conhecia de sobra os hábitos tresloucados do monarca e não queria que ele aprontasse alguma safadeza na sua ausência.

Na volta, foi pensando em Olívia e Marcus. Agira por impulso, mas no fundo sabia que não tinha motivos para se preocupar. Marcus nunca o enganaria, insinuando-se para sua mulher, e Olívia era uma pessoa sem maldade, ainda que um tanto desastrada.

Na realidade, Dane não tinha escapado para fugir deles, mas de seus próprios sentimentos. Apaixonar-se era algo que não podia acontecer. Na vida do Leão só havia lugar para o dever, para a missão que lhe tinha sido confiada. Não havia lugar para o amor. Por isso estava disposto a apagar esse sentimento de vez. Ficaria o mais longe possível de Olívia, e aos poucos a paixão sumiria. Com sua experiência, sabia que todos os dias pessoas se apaixonavam e outras deixavam de se apaixonar. Era assim que funcionavam às coisas do coração.

Quando entrou na casa, Kinsworth foi logo avisando que o príncipe regente já se encontrava ali, e que novos convidados haviam chegado.

— Onde está minha esposa?

— Não sei, milorde.

— E lorde Dryden?

— Parece que ele sofreu uma queda e foi para seu quarto se recuperar — o mordomo respondeu, indicando não saber que a "queda" fora causada pelo soco de Dane.

Apesar de a dona da casa não estar por perto, tudo parecia funcionar com perfeição, os criados providenciando o necessário com absoluta eficiência. Dane cumprimentou os recém-chegados cortesmente e, assim que todos foram levados a seus aposentos, saiu à procura de Olívia. Onde ela teria se metido? Mesmo que estivesse magoada com ele, não era correto ausentar-se assim dos deveres de anfitriã que lhe cabiam na sua condição de viscondessa Greenleigh.

Saiu à sua procura e pouco depois a encontrou no lugar menos esperado. Ao entrar nos amplos aposentos do príncipe, depois de ser anunciado por um valete, deu de cara com Olívia sentada bem à vontade no sofá ao lado do príncipe George, que segurava uma das mãos dela. Sentiu vontade de esmurrar o monarca, assim como esmurrara Marcus, mas se conteve.

— Seja bem-vindo, Alteza — disse secamente, curvando-se numa reverência. — Vejo que minha esposa já está lhe fazendo as honras da casa.

Olívia dava a impressão de sentir-se muito confortável ao lado de George, e ele, por sua vez, parecia estar encantado com ela. Dane se curvou novamente e, procurando não

se alterar, avisou:

— Agora, se me der licença, Alteza, preciso ir ver os outros hóspedes. Olívia lhe fará a devida companhia.

Saiu com a cabeça cheia de pensamentos conturbados. Se o plano era colocar uma mulher no caminho do príncipe regente para distraí-lo, era exatamente o que estava acontecendo. Então por que se sentia tão ferido? Por que lhe doía tanto ver George cortejando Olívia? O plano estava dando certo, e era isso que importava, afinal de contas.

Olívia ficou decepcionada vendo Dane ir embora de maneira tão ríspida e deixando-a sozinha com o monarca. Isso a magoava. Mais do que magoada, estava verdadeiramente furiosa com o marido.

George sorriu enternecido para ela, com o interesse que havia demonstrado desde que tentara consolá-la depois da crise de choro que ela tivera na sua frente. Tentou abraçá-la, mas Olívia se afastou.

— Perdoe-me, Alteza, mas meu coração pertence àquele grosseirão que acaba de sair daqui.

Apesar de desapontado, o príncipe manteve a compostura.

— A impertinência dele também me irrita às vezes — confessou.

— Mesmo assim, confia em Dane e nos amigos dele, não? Olívia não sabia direito no que tanto Dane e os colegas se ocupavam, mas tinha quase certeza de que era com algo relacionado à monarquia. Fosse o que fosse, porém, sabia de uma coisa. Dane só se envolveria em algo secreto se a causa fosse justa e nobre.

— Claro que confio — respondeu George. — Confiaria a Dane minha própria vida, até o meu reino. Nem por isso aceito todas as maluquices que ele e seus companheiros me propõem. Eles me acham um estouvado, um tonto e libertino que só se interessa pelos prazeres da carne.

— Que ridículo! Vossa Alteza tem grandes habilidades. Estive com minha mãe visitando Carlton House e vi o projeto que fez para o Palácio de Brighton. Vossa Alteza é um homem brilhante! — Olívia elogiou.

— Acha mesmo? Entende de arquitetura?

— Não muito, mas sei reconhecer algo belo quando vejo. George sorriu e acariciou o queixo dela, lançando-lhe um olhar convidativo e maroto.

— Eu também — disse, sugestivamente. — Tem certeza de que não que ir embora comigo e largar esse seu grosseirão de lado?

— Agradeço o interesse, mas não posso aceitar. Sou muito apegada ao meu grosseirão, se bem que, neste momento, nem sei direito por quê.

O príncipe riu, tocando a ponta do nariz dela com o dedo.

— Talvez porque ele seja um homem lindo e loiro, grande como um gigante.

— Pode ser, mas há muitos outros homens bonitos, no entanto não sinto nada por eles.

— Que sortudo esse desgraçado do Greenleigh! — George exclamou, jogando as costas contra as almofadas do sofá. — Se você fosse minha, eu jamais a deixaria um minuto sozinha, mesmo que fosse para fazer companhia a um príncipe. Jamais! Não ficaria longe de você nem por um instante.

— Oh, obrigada pelo elogio, Alteza.

— Mas já que não pode me dar esperanças, tenho uma sugestão. Que tal se fizéssemos seu grosseirão provar um pouco do próprio veneno?

— Não entendi, Alteza.

— Aceitaria ser meu par no baile desta noite? Posso lhe garantir, minha querida, que o grosseirão vai se roer de ciúme. Ah, se vai!

Olívia apertou a vista e olhou para a porta por onde Dane acabara de sair. Todo o seu ódio ressurgiu. Que tipo de marido era aquele que tranqüilamente largava a mulher nas mãos de outro homem? Ele a deixara ali para satisfazer as vontades do monarca, como se isso não tivesse a menor importância, como se ela fosse um brinquedo feito para passar de mão em mão.

— Será um enorme prazer acompanhá-lo ao baile, Alteza.

Kirkal Hall estava profusamente iluminada para o Baile da Caça naquela noite, com milhares de velas acesas clareando e perfumando o amplo ambiente onde circulavam os convidados.

Os músicos, contratados por indicação da sra. Blythe, tocavam divinamente; o jantar preparado pelas cozinheiras era primoroso; e o salão brilhava, lustrado até o último canto pelas mãos habilidosas dos criados que agora atendiam aos hóspedes com perfeição. Até a duquesa de Halswick havia se recuperado do seu mal-estar rapidamente, assim que soube da presença do príncipe regente ali.

Olívia observava a cena, sentada ao lado do príncipe George, com orgulho de seu feito. Tudo estava dando muito certo e ela tinha se saído bem na sua primeira tarefa como anfitriã, apesar de alguns percalços. Os convidados se mostravam felizes, e até mesmo sua mãe, sempre tão crítica, demonstrava estar aprovando a festa. Infelizmente, porém, a única pessoa de quem Olívia queria receber aprovação permanecia distante, de costas para ela, perto do bufê onde serviam as bebidas, sem lhe dar nenhuma atenção. George percebeu o desapontamento dela e logo interferiu.

— Vamos dançar, minha querida — convidou, tomando-lhe a mão.

Os dois se dirigiram ao centro do salão e os músicos em seguida começaram a tocar uma valsa que sabiam ser a favorita do príncipe.

Por sorte, Olívia sabia dançar muito bem, acostumada que estava a fazê-lo em casa com Walter ou com seu pai. Agora se movia com graça nos braços do monarca.

— É uma bela parceira de baile, lady Greenleigh — ele exclamou. — Agora incline a cabeça para trás e ria, como se eu tivesse lhe dito algo engraçado. Assim vai chamar a atenção daquele tonto e eu mantereí minha fama de conquistador.

Olívia obedeceu e forçou uma risada estridente. Dane virou a cabeça e olhou para ela. Então teve a confirmação de que o príncipe queria de fato ajudá-la.

— Oh, Sua Alteza é tão generoso...

— Já me disseram isso antes, mas, por favor, não espalhe. Não quero que pensem que sou bonzinho. Iria macular a imagem de libertino que me atribuem.

Dessa vez Olívia riu de verdade e os dois giraram pelo salão mais animados, fazendo com que os outros casais deixassem a pista só para eles.

A fisionomia de Dane estava cada vez mais fechada. Pelo visto, ele se incomodava bastante em vê-la nos braços de George, ao contrário da frieza que procurava aparentar. Constatando isso, Olívia sentiu certo alívio. Via que o carinho que sentia por ele era, de

certa forma, retribuído.

— Veja só, seu grosseirão está se roendo de ciúme — cochichou George em seu ouvido. — E aposto como está me rogando uma praga.

Olívia sorriu. Mal podia esperar para estar nos braços do marido naquela noite. Iria mostrar a ele o quanto desejava ser sua mulher de verdade, mesmo sem terminar o "treinamento" que ela mesma havia proposto.

A valsa terminou e Olívia se virou para George, agradecendo a cortesia e a compreensão que ele demonstrara, e avisou que o deixava para ir ao encontro de Dane.

Nesse momento ouviu-se um estrondo. As portas principais do salão se abriram e por elas entrou uma caravana de mulheres escassamente vestidas. Elas dançavam e rebolavam, carregando uma liteira sobre a qual vinha sentada uma linda jovem, inteiramente nua, coberta apenas por ramalhetes de flores.

Era o espetáculo organizado pela sra. Blythe que acabava de chegar.

Dane saíra do salão furioso, depois de ver Olívia dançando alegremente nos braços do príncipe George. Jogou em um vaso o resto da bebida de seu copo e seguiu pelo corredor. Mas Marcus interrompeu seu caminho, segurando-o pelo braço.

— Você é um idiota, Dane!

— Quanta gentileza. Fico comovido.

— Eu não estava flertando com Olívia nem sequer me insinuando, entendeu?

— Ah, não?

— Claro que não. Ela só fala em você e, se quer saber, tive de aturar essa conversa durante toda a viagem ao lado dela. Era só "Dane isso", "Dane aquilo", desfiando todas as virtudes do seu maravilhoso deus viking.

— Ela me chamou de 'Viking'?

— Sim senhor, e de *maravilhoso* também. Fiquei até com inveja. Gostaria de ter uma mulher que me admirasse tanto. Quanto a mim, ela só me vê como um amigo, quase um irmão.

— E, você é mesmo muito bonzinho, Marcus.

— Não sou, não. Sou um sujeito muito perigoso.

— Pois não me pareceu. Derrubei você com um único soco, lembra?

— Eu é que deixei você me bater, porque achei que merecia. Só não esperava que batesse tão forte.

Dane deu de ombros, sentindo-se um pouco mais aliviado. Se Olívia se mostrava receptiva aos cortejos do príncipe, pelo menos não o traía com seu melhor amigo.

— Mas então, o que vai fazer? Vai deixar sua mulher virar um brinquedinho do príncipe assim, sem mais nem menos, sete dias depois de se casar com ela?

— Oito dias — corrigiu Dane.

— Nunca fui favorável a esse seu plano. Sei que o príncipe pode ser facilmente influenciado por uma mulher, mas essa influência tanto pode ser boa quanto má. E uma mulher que aceite romper o juramento matrimonial com facilidade não pode ser muito confiável, não acha?

Marcus sempre rejeitara a idéia de adultério. Desprezava aqueles que se permitiam aventuras fora do casamento e achava isso imoral, apesar de ser muito comum naquela

sociedade.

Dane virou a cabeça e não respondeu. Era teimoso. Sabia que seu plano era bom porque já estava funcionando. Sabia também que a maioria dos casamentos da elite se tornava aberta depois que a esposa dava um herdeiro ao marido. Para ele, isso não tinha nada demais. Na sua visão, o casamento sempre fora uma questão de conveniência, nunca de amor.

Todas as jovens que pretendia apresentar a George eram casadas, já haviam tido filhos e estavam predispostas a uma aventura, desde que fosse realizada discretamente. E seus maridos até davam valor a uma ligação delas com a realeza, principalmente se voltassem para casa carregando no ventre um pequeno bastardo real.

De repente, ouviram uma gritaria vinda do salão principal. Eram gritos estridentes de espanto e horror que ecoavam por toda a mansão. Surpresos, Dane e Marcus se entreolharam e correram de volta para lá. O que estava acontecendo?

Os nobres convidados para o Baile da Caça de lorde e lady Greenleigh se amontoavam a um canto do salão, procurando distância do escandaloso espetáculo à sua frente. Os guardas da segurança real, fortes e uniformizados, se postaram com rapidez em torno do príncipe.

— Saiam daí, seus palermas! Eu quero ver! — reclamou Sua Alteza.

Olivia passou a vista pelo salão, sem acreditar no que via. Aquela despudorada exibição acabava de fazer desmoronar por inteiro a sua reputação. Nunca mais poderia sonhar em ser respeitada como viscondessa, muito menos como anfitriã.

A multidão irrompeu em novo alarido. Em meio às moças seminuas, entrava agora um homem, também sem roupa, com o corpo musculoso pintado. Fantasiado de indígena, usava apenas uma tanga minúscula que mal escondia seu enorme membro. Ele dançava em volta da jovem nua na liteira, fazendo gestos sensuais, e toda a comitiva rebojava libidinosamente ao ritmo da música tocada pela orquestra.

Somente nesse momento Olivia se deu conta da sua ingenuidade. A casa da sra. Blythe não era apenas a residência de uma senhora viúva que gostava de receber, como pensara. Era algo mais. Um lugar bem menos recomendável.

Oh, não! Ficou petrificada, parada, tomada de horror, sem saber o que fazer a não ser rezar para que um buraco se abrisse naquelas terras da Escócia e a engolissem de vez.

CAPÍTULO V

Quando Dane e Marcus tentaram entrar de volta no salão, a aglomeração de convidados impedia sua passagem. Na ponta dos pés, procuraram ver por cima das cabeças o que acontecia no meio da pista de dança. Pela gritaria, devia ser algo assombroso.

— Essas mulheres estão nuas? — cochichou Marcus, abrindo caminho entre a multidão.

— Não pode ser... — disse Dane, indo atrás dele. Chegaram à clareira que se havia aberto ao redor da cena bem no momento em que o bailarino musculoso levantava na mão um objeto lustroso e se preparava para introduzi-lo entre as pernas da moça da liteira, que sorria, pronta para recebê-lo.

— Largue isso! É *meu*!

O grito vindo da platéia fez o homem parar. De um pulo, Olívia saltou em cima dele e arrancou-lhe da mão o quinto falo de marfim, o maior de todos, que apertou possessivamente contra o peito. Sem pensar em mais nada, a não serem salvar aquele objeto que considerava ser a salvação de seu casamento e a única maneira de conquistar definitivamente o homem que amava, ela olhou à sua volta.

Foi só quando a primeira risada ecoou pela sala, contagiando em seguida os demais, é que Olívia percebeu a verdadeira e constrangedora dimensão do que acabava de fazer.

Momentos depois, quando todos os dançarinos já haviam sido escoraçados do salão pelos guardas, Dane encarou Olívia. Com um olhar gélido, indagou:

— Pode me explicar o que foi isso?

Ela engoliu em seco. Não sabia o que dizer. Apesar de tudo, não conseguia acreditar que a sra. Blythe tivesse querido prejudicá-la.

Depois de recebê-la com tanta cortesia e de mostrar-se tão solidária, isso não era possível. Havia mais alguma coisa acontecendo.

Eram muitas coincidências. O sumiço dos bastões do Rajá, o arenque misteriosamente colocado no prato da duquesa... coincidências demais. Sabia que os criados de Greenleigh não a viam com bons olhos. Com certeza eram eles que estavam provocando tudo aquilo para ver sua derrocada.

— Eu... acho... que foi sabotagem...

— Pois eu a respeitaria mais se admitisse seus erros em vez de procurar desculpas. Veja só o que fez! Além de nos ridicularizar diante de toda a sociedade acabou comprometendo meu... plano.

— Refere-se ao seu plano para manipular o príncipe regente? O olhar de Dane ficou ainda mais gelado que antes.

— O que é que você sabe sobre isso?

Apesar de humilhada, Olívia procurou mostrar-se calma.

— Foi você mesmo quem disse que precisava da mulher certa, não foi? Nunca esqueci da frase. Deduzo então que você, Marcus, Reardon e Wyndham tramaram alguma coisa para controlar o príncipe George por intermédio de uma mulher, acertei?

Espantado, Dane confirmou com a cabeça.

— E foi só por esse motivo que inventou este maldito baile, não é? Para arranjar

uma amante para o príncipe.

Dane continuou confirmando, sem dizer palavra. O rosto contraído parecia o de um estranho, sem a expressão mais suave de alguém que conversava com a própria esposa. Olívia retorcia as mãos nervosamente, sentindo-o cada vez mais distante. Depois de alguns momentos tomou coragem, levantou a cabeça e, com voz firme, declarou:

— Então fique sabendo que seu plano teve êxito total. O príncipe George acaba de me convidar para ocupar esse lugar, para ser sua amante!

Respirou fundo, esperando que Dane tivesse alguma reação diante dessa afirmativa. Mas ele permaneceu imóvel, sem mover um músculo nem alterar as feições.

— Se aceitar o convite dele, ficaremos muito agradecidos — disse calmamente, após um longo silêncio. — Estará prestando um grande serviço à causa.

Um serviço! Falava como se aquilo fosse um serviço banal, como pôr uma carta no correio ou costurar um botão. Então era para isso que Dane a queria? Só para ser útil à causa?

Ele estufou o peito, sentindo que havia vencido seu conflito interno. Entre aquilo que Olívia representava para ele e o seu dever, tinha escolhido este último. Era o Leão e devia dedicar sua vida à causa e não a uma mulher.

O príncipe regente, que com dificuldade tinha se livrado dos guardas, apareceu diante deles. Postou-se ao lado de Olívia e olhou rancoroso para Dane.

— Sempre respeitei suas decisões, Greenleigh. Isto até o momento presente. Mas agora chego à conclusão de que é o sujeito mais cretino deste mundo.

Em seguida estendeu a mão para Olívia e completou:

— Gostaria de juntar-se a nós na ala leste, lady Greenleigh? Meus amigos e eu somos um grupo divertido e creio que está precisando de um pouco de diversão.

Ela mal ouvia o que o príncipe dizia. Estava fria, inerte, sentindo-se morta por dentro. O príncipe era um homem gentil, mas tinha idade suficiente para ser seu pai. Devia respeitá-lo, apenas isso. Dane, contudo, estava ali a seu lado e era o homem a quem ela amava. O que sentia por ele não se resumia a desejo ou simples paixão. Era de fato amor. E ele acabava de aniquilar esse amor com sua indiferença. Estava claro que Dane não se importava com o que ela fizesse, desde que fosse útil para a causa. Se era assim, então não adiantava mais lutar.

Olívia levantou a cabeça e se aprumou, olhando fixamente para o marido.

— Tome. Creio que isto não será mais necessário — disse, colocando na mão de Dane o quinto falo de marfim que ainda carregava.

Em seguida virou-se para o príncipe e tomou o braço dele.

— Será um prazer acompanhá-lo, Sua Alteza.

Sem mais uma palavra, ela e George se afastaram, deixando Dane plantado no mesmo lugar. Perplexo, ele olhou para o objeto que Olívia lhe entregara e que automaticamente pegara. Sem pensar, abriu a mão e o largou. A haste de marfim rebotou no chão, saiu rolando e foi parar no meio do salão, entre os convidados. As damas e os cavalheiros se empurraram, tentando manter distância daquele objeto ultrajante.

Mas Dane não ligou para isso. Seu único pensamento era a constatação de que estava perdendo Olívia. Mesmo que ela fosse embora com o príncipe, com Marcus ou com quem quisesse, havia algo que ainda precisava fazer. Tinha de possuí-la, nem que fosse uma única vez. Só assim conseguiria afastar de vez do seu corpo e da sua mente a

obsessão que sentia por ela.

Correu atrás dos dois e, antes que os guardas conseguissem impedi-lo, passou a mão pela cintura da esposa e a levantou, carregando-a no ombro.

— Sinto muito, Alteza, mas ainda estou devendo uma noite de núpcias à minha mulher.

— O que é isso? — Olívia reclamou, ofegante, batendo as pernas no ar.

Os ombros de Dane eram largos demais e seu aperto excessivamente forte para que ela conseguisse se soltar. Apenas lhe foi possível levantar a cabeça a tempo de ver o espanto do príncipe e dos demais convidados vendo Dane sair porta afora, carregando-a nas costas. Com passos rápidos e decididos, ele atravessou os gramados, chegando em um instante à cocheira, onde tomou as rédeas de Galahad antes mesmo que os peões colocassem a sela no animal. Ergueu Olívia sobre o lombo do cavalo e montou com destreza na frente dela, saindo em disparada. Atônita, ela viu que não havia mais nada a fazer a não ser agarrar-se a Dane para não cair do garanhão que galopava a toda a velocidade. Sem entender o que acontecia, perguntava-se o que Dane estaria pretendendo com tudo aquilo.

Atravessaram a galope quase toda a floresta, só parando ao chegar a uma clareira entre as árvores. Estava iluminada pela luz do luar, e no meio dela havia uma pequena cabana com telhado de palha. As roseiras à sua volta cresciam como trepadeiras pelas paredes externas. Na época da florada deviam dar ao lugar uma visão deslumbrante, mas agora, sem folhas, os galhos secos tinham um aspecto ameaçador.

Dane pegou Olívia nos braços, levantou-a do lombo do cavalo e, carregando-a no colo, abriu com um chute a porta da cabana. Na escuridão do interior, Olívia sentiu que ele a deitava sobre uma cama macia. Os lençóis cheiravam a lavanda.

Em seguida Dane caiu sobre ela, os lábios carnudos cobrindo-lhe a boca com um beijo profundo. Com uma das mãos segurou os pulsos dela sobre a cabeça enquanto com a outra começava a desamarrar os laços que prendiam seu corpete. Se fosse qualquer outro homem dominando-a assim, Olívia reagiria e tentaria fugir a qualquer custo. Mas aquele não era um homem qualquer. Era Dane, o *seu* Dane. O deus nórdico, desesperado e solitário que ela amava. Fossem quais fossem as intenções dele, Olívia sabia muito bem quais eram as dela: lutar para conquistá-lo.

Sentiu a aspereza da barba roçar-lhe os seios que agora estavam livres e à mostra. Depois os beijos, as carícias e as pequenas mordiscadas nos mamilos. Gemeu de prazer e se entregou inteiramente aos afagos. Ele estava cada vez mais excitado, quase em desespero, percorrendo-lhe o corpo inteiro com as mãos, livrando-a das roupas, invadindo sua boca com a língua quente e úmida até tirar-lhe o ar.

Olívia sentiu-se derreter nos braços dele, os toques sensuais fazendo o corpo dela estremecer e um calor subir pelas entranhas. Não lhe importava mais se Dane estava sendo rude e até um pouco violento, como se quisesse escandalizá-la com seu domínio. Sem qualquer vergonha, oferecia-se para ser penetrada, dominada, possuída.

Os dedos dele haviam encontrado o ponto sensível entre suas pernas e o apertavam com movimentos ritmados. Olívia tremeu, arqueou o corpo e deixou o clímax chegar. Era como se flutuasse até as nuvens, o prazer tirando-lhe os sentidos por completo. Foi só quando voltou a si que conseguiu articular as palavras.

— Quero você, Dane... quero que me possua da forma que desejar. Sou inteiramente sua... quero que se realize dentro de mim.

Com a cabeça entre os seios dela, Dane não respondeu. Na escuridão, percebeu

que ele se levantava da cama para voltar instantes depois. Então sentiu a pele nua de seu corpo sobre ela outra vez. Enlouquecido, ele retomou as carícias, beijando-a com desespero e arrancando as fivelas que lhe prendiam os cabelos para deixá-los livre sobre o travesseiro. Mordeu os seios de leve e Olívia se agarrou a ele afoita, erguendo os quadris para recebê-lo. Sentiu então que Dane tinha os dedos besuntados com algo cremoso. Ele passou aquela pasta entre suas pernas e enfiou os dedos dentro dela, espalhando o creme.

— Será que quer mesmo? — murmurou ao ouvido de Olívia, colocando a mão dela sobre seu membro.

Cruzes!

Era enorme, grosso, muito duro, e pulsava, crescendo ainda mais.

— Não me importa o que pense de mim. Agora vou exigir meu direito de marido.

Esperava que Olívia protestasse, que recuasse apavorada, como já haviam feito as outras mulheres das quais tentara se aproximar. Mas não. Em resposta àquela ameaça, Olívia abriu mais as pernas, enlaçou-as sobre os ombros dele, levantou a cabeça e o beijou com ardor.

— Eu amo você, seu tolo. Ser sua mulher de verdade é o que eu mais quero neste mundo — balbuciou junto aos lábios dele.

Lentamente, Dane foi então se apertando contra o corpo dela até começar a penetrá-la aos poucos. Olívia sentiu que se abria por dentro, e que, apesar de um certo desconforto, a lenta invasão era prazerosa. Com cuidado, ele foi avançando, calma e inexoravelmente, até mergulhar por completo dentro dela. Fosse por obra dos bastões do Rajá ou não, o fato é que a sensação foi deliciosa para Olívia. Satisfeita, aceitava ser, finalmente, a verdadeira esposa de Dane.

Ele, por sua vez, mal podia acreditar no que estava acontecendo. Era um sonho, um presente que nenhuma outra mulher fora capaz de lhe dar. Olívia permanecia com as pernas em torno dele, não só aceitando-o, mas exigindo mais. Seu ato era de uma generosidade extrema. Talvez não o amasse, como havia dito. Afinal, palavras não passavam de palavras. Porém ela se mostrava incrivelmente generosa.

Curvado sobre o corpo de Olívia, com a cabeça mergulhada nos cabelos macios, ansiava por arremeter com fúria e aliviar-se de uma vez. Mas estava temeroso. Não queria machucá-la. Ela já estava suportando demais.

— Dane, lance a sua semente dentro de mim...

— Não posso... não tenho coragem...

— Mas eu sim, e quero ter você por inteiro.

Rendendo-se completamente ao desejo, Dane então a abraçou com mais força. Sem esperar mais, deu um impulso feroz e depois outro e mais outro até explodir dentro dela, regozijando-se de alívio.

Pronto, estava feito. Será que os outros homens sentiam um prazer comparável ao dele? Deitado ao lado de sua bela mulher, Dane concluiu que não. Se sentissem, nunca sairiam de casa, e passariam os dias inteiros fazendo amor.

Com uma perna estendida sobre a de Olívia, Dane respirou fundo, sentindo o perfume dela, seu próprio cheiro, o aroma almiscarado da cabana e daquilo que acabavam de fazer. Satisfeito, fechou os olhos e adormeceu.

Quando o dia clareou, Dane observou Olívia, que dormia placidamente com os

braços abertos sobre a cama, como se estivesse pronta para recebê-lo outra vez. Ele bem que gostaria, mas não podia fazê-lo. Era preciso voltar à realidade e pôr os pensamentos em ordem.

Apoiando-se nos cotovelos, colocou a cabeça entre as mãos e fitou sua mulher. Ela o cativara mais do que ele pensava ser possível. Nunca se sentira tão bem aceito por ninguém, muito menos por uma mulher, mas Olívia o aceitara por completo. Não só aceitara seu corpo gigantesco como as falhas da sua alma, sua ira, seus medos e suas dúvidas.

Era uma mulher aberta, franca, generosa e também... muito perigosa. Por causa dela corria o perigo de esquecer-se de sua missão, e isso era algo que não podia acontecer de forma alguma. Ele era o Leão, tinha um dever a cumprir.

Na realidade não previa que as coisas fossem acontecer assim. Casara com ela apenas por conveniência. Esperava que a união fosse agradável, mas cautelosamente distante. Não havia nada de distante em Olívia, porém. Com ela, todos os momentos eram intensos, cheios de vitalidade e de desejo. Ao contrário das outras moças da sociedade, sempre tão fúteis, ela demonstrava interesse em tudo o que acontecia à sua volta. Até mesmo os criados começavam a se render a ela. Desde Petty, que agora a tratava com cortesia, à ranzinza sra. Huff, cujas dores haviam sido aliviadas graças à receita de Olívia. Todos agora a defendiam e respeitavam. Era de fato uma mulher cativante.

Olívia despertou languidamente, se espreguiçou e, sorridente, abriu os olhos. Dane retribuiu o sorriso.

— Vejo que há lenha na lareira e a cabana está perfeitamente arrumada. Que lugar é este, Dane? — ela perguntou, levantando-se e começando a se vestir.

Dane a imitou.

— Ninguém mora aqui, se é isso que a preocupa. A cabana é unicamente para meu uso.

Cinco dias atrás, Dane mandara construí-la pensando em ter um lugar reservado para ficar com Olívia. Isso depois de ela ter aparecido com os bastões do Rajá e de lhe dar esperanças de poder um dia possuí-la. Até o pote de unguento fora colocado ali a seu pedido. Queria dar a ela a lua-de-mel que não tinham conseguido viver.

— Mas não parece uma cabana de caçador — ela comentou, andando descalça pelo ambiente. — Você gosta mesmo de caçar?

Nesse momento bateram fortemente na porta.

— É Marcus — disse Dane.

— Como sabe?

— Porque é a única pessoa que poderia adivinhar que estamos aqui — ele respondeu, abrindo a porta.

Marcus entrou, esbaforido.

— Atiraram no príncipe regente de madrugada! — anunciou.

— Como assim?! Conte tudo!

— Ele estava com a duquesa de Halswick, lá na ala leste da mansão, quando alguém gritou "Fogo!". Então os guardas correram e o levaram para fora. Ele ficou um tempão ali, só de roupa de dormir, iluminado pelas tochas dos guardas, esperando que vissem onde era o incêndio.

— Meu Deus! Com a luz das tochas, virou um alvo perfeito para alguém escondido na mata.

— Isso mesmo, mas por sorte não foi atingido. Só se machucou porque os nove guardas pularam em cima dele para protegê-lo.

— Que maçada! E eu nem estava lá, como devia — disse Dane.

— Mas eu estava — Marcus retrucou. — Ajudei o príncipe e mandei os criados procurarem por algum sinal de fumaça. Estava por perto quando deram os tiros.

— Tiros? Então foi mais do que um?

— Sim, foram três. Achamos que havia três homens disparando.

— Ou então um só, com três pistolas, não?

— Desculpem interromper, mas quem disse que eram pistolas? — interveio Olívia. — Não podiam ser espingardas de caça? Afinal, estamos na temporada de caça.

— O som é diferente — Dane explicou. — Agora diga, Marcus, qual foi o tempo entre um tiro e outro? Foram seguidos ou espaçados?

— Os dois primeiros foram seguidos, e o terceiro mais espaçado.

— Então era um homem só, tenho certeza! — concluiu Dane, fazendo a mímica de quem atira com as duas mãos e depois pega a terceira arma para atirar também.

— Foi isso, e nós já prendemos o homem. Você nem imagina quem é.

Dane ficou parado. Depois virou a cabeça e, olhando para Olívia, respondeu:

— Ah, imagino, sim. Só pode ser o único criado que até agora não foi investigado. Um tal de Sumner.

— Ele mesmo. Reconheceram sua voz quando gritou "Fogo!" e o sujeito já confessou a culpa. Está lá, preso.

Olívia não conseguia tirar os olhos de Dane, que agora estava rígido e frio como se não fosse o homem carinhoso com quem acabava de fazer amor.

— Eu... Sumner trabalhou para meu irmão... Eu nunca poderia imaginar que ele...

— Claro que não — atalhou Dane com voz seca. — Agora leve Olívia de volta com você, Marcus. Eu vou na frente.

Com passos largos, saiu da cabana e, instantes depois, ouviu-se o galope de Galahad afastando-se dali.

— Marcus, não sei o que está acontecendo, mas acredite em mim. Eu não tenho nada a ver com isso — ela se justificou.

Marcus não fez qualquer comentário. Apenas a pegou pela mão.

— Venha, deixe-me ajudá-la a montar no meu cavalo.

No caminho de volta, Olívia sentiu novamente que havia alguma trama dirigida contra ela. Tudo o que estava dando errado, todas as mazelas que ela atribuía à sua própria falta de sorte ou incompetência se configuravam cada vez mais como um plano para destruí-la. Alguém a sabotava e conspirava contra ela desde o começo. E agora já tinha uma idéia bastante precisa de quem era essa pessoa.

O príncipe regente estava um pouco machucado. Deitado na maior cama que havia na mansão, rodeado de uma enorme quantidade de almofadas, tinha a duquesa de Halswick girando a seu redor como se a competente criadagem real não fosse suficiente

para atendê-lo.

— Aceite minhas mais sinceras desculpas, Vossa Alteza — disse Dane, curvando-se diante do monarca.

— Ora, que bobagem. Não foi nada. Assim que meu médico der um jeito nas minhas costas estarei bom de novo. O que quero saber é se afinal conseguiu o que queria com a moçoila.

Dane piscou, constrangido.

— Se está se referindo a lady Greenleigh, minha esposa, ela está bem e se encontra em seus aposentos — ele desconversou.

— Pare com isso, Greenleigh! Sabe muito do que estou falando. Espero que tenha percebido que a moça é louca por você. Se não fosse, teria aceitado o meu convite.

— Talvez não esteja bem lembrado, Alteza, mas ela de fato aceitou. Eu é que a impedi de realizar o que pretendia.

— Tolice! Ela só aceitou porque estava louca para deixar logo a balbúrdia do salão. É mais idiota do que pensei se acha que ela não queria que você a carregasse nos braços para bem longe dali — retrucou o príncipe com desagrado. — Será que não percebe que a moça só pensa em você como se nenhum Outro homem existisse, Greenleigh? Ela até me chamou de "gentil", mas me rejeitou abertamente. Me senti como um tio distante, um velho qualquer. Acha que gostei disso? Abra os olhos, Greenleigh!

Dane fechou a cara. Seu problema não estava no amor de Olívia, nem em perceber o encanto do príncipe por ela. O verdadeiro problema era que havia negligenciado sua missão de proteger a Coroa inglesa para se divertir entre os lençóis com jogos libidinosos. Isso não era digno do Leão e nunca mais podia acontecer.

Quando Dane entrou no quarto onde Sumner estava preso, o rapaz olhava pela janela. Ordenou ao guarda que saísse para poder falar com ele a sós.

— Quem é você de verdade? Está a serviço de quem? Dane tinha certeza de que ele estava a serviço de Chimera, mas queria a confirmação. Sumner virou-se com ar de humildade.

— Um simples criado, milorde. Um criado que escolheu os patrões errados.

— Explique-se melhor. As informações que me deram é que trabalhou por dois anos para lorde Walter Cheltenham e que foi a única testemunha da morte dele, no mês passado. O que fez, desde então?

— Andei por aí, tentando esquecer.

— Não queira me enganar, Sumner! Você atirou no príncipe regente da Inglaterra. Por qual motivo? Fale ou eu mesmo me encarregarei do seu enforcamento!

— Enforcamento? — o rapaz repetiu, arregalando os olhos. — E, acho que não tenho mesmo saída... — murmurou, passando a mão pelo rosto, em desespero. — Mas se vou acabar sendo enforcado, há algo que preciso lhe dizer... antes que ela tente de novo.

Ela? Quer dizer então que havia uma mulher participando daquilo? Por alguma razão, Dane não se surpreendeu inteiramente. Sabia que Chimera costumava usar mulheres como prepostos para realizar seus esquemas.

— Ela, quem? Diga! Sumner entortou a cabeça.

— Lady Greenleigh, é claro. A sua esposa.

Depois de interrogar Sumner por mais algum tempo, Dane saiu indignado do quarto do prisioneiro, acenando para que o guarda tomasse de novo seu lugar. Aquele sujeito inescrupuloso inventara toda aquela história sobre Olívia, certamente querendo chantageá-lo para não acabar na forca, pendurado pelo pescoço como um frango abatido.

Apesar disso, ele tinha dado algumas informações interessantes sobre os pais de Olívia. Seria igualmente fácil provar que todas elas eram falsas, posto que lorde e lady Cheltenham ainda estavam ali, em Kirkal Hall.

Ao atravessar o salão da ala norte, onde os hóspedes estavam acomodados, deu um sorriso de descrença. Olívia podia ser tudo na vida, menos uma espiã. De repente, porém, um pensamento lhe ocorreu. E se ela, mesmo sem saber, estivesse sendo envolvida em alguma trama? Sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha. Se apenas uma partícula de tudo o que Sumner dissera fosse de fato verdade, Olívia podia estar correndo perigo.

— Um guarda na minha porta? Deve estar brincando, Petty.

— Não, milady, juro que é verdade. Ele tem ordens para não deixar ninguém entrar no seu quarto, a não ser eu ou a. sra. Huff— a criada explicou para Olívia. —Além do mais, andam falando que Sumner contou ao patrão que milady é uma traidora!

Olívia pôs as mãos na cintura.

— Que ridículo!

Sumner devia estar louco, ou então muito mal-intencionado. Que outro motivo teria para fazer essa maldade visando a colocar Dane contra ela? Para que inventaria uma mentira escabrosa dessas?

Dane não podia estar acreditando em alguém tão pouco confiável, alguém que chegara a ponto de atirar no príncipe regente!

— Preciso sair deste quarto. Tenho de falar com meu marido.

— Mas milorde está ocupado, interrogando seus pais — atalhou Petty.

Olívia parou onde estava. Por que Dane faria uma coisa dessas? Só se tivesse acreditado na história de Sumner. A questão não podia ficar assim. Fora ela quem havia contratado o sujeito, portanto cabia a ela esclarecer as coisas.

— Eu mesma vou falar com Sumner, exigir que pare de mentir e diga a verdade! — exclamou, decidida. — Por favor, Petty, deixe-me passar e trate de distrair o guarda porque eu vou sair.

Dane tinha os olhos cravados em lorde e lady Cheltenham, sentados à sua frente. Os dois conspiradores lhe devolviam o olhar em desafio. Seguravam nas mãos o retrato de Chimera e já haviam confessado conhecê-lo.

— Fizemos isso para salvar a nossa propriedade — disse a mulher. — Ele é nosso maior credor, a quem devemos muito dinheiro, e concordou em esquecer toda a dívida se nós o ajudássemos.

— Então usaram sua própria filha como isca para me atrair à armadilha montada pelo espião francês? — Dane indagou, incrédulo.

— Não sabíamos de armadilha alguma — disse lorde Cheltenham. — Apenas nos informaram que milorde estava à procura de uma esposa, que o tipo de Olívia poderia agradá-lo, e nos contaram como encontrá-lo, só isso.

— Então usaram a filha de vocês, explorando-a desse jeito, só para se beneficiarem?

— Usamos sim, e o senhor também! Casou-se com ela só para tê-la na cama, não negue.

Era uma verdade dolorosa, mas que Dane não podia negar. Pelo menos no começo, só se interessara por Olívia por causa de seu físico. Era o tipo de mulher que talvez fosse capaz de lhe dar um herdeiro.

— Quero que me expliquem direito. Como é que o tal Chimera pretendia usar Olívia para me prejudicar?

Lorde Cheltenham olhou para a mulher e esta olhou para baixo.

— A idéia é que, depois de estar seduzido por ela, milorde deixasse escapar algumas informações...

— Informações? — Dane soltou uma gargalhada. — Que tipo de informação poderia o espião conseguir se Olívia nem sabia o que ele queria?

O casal Cheltenham se olhou com constrangimento, sem responder nada. Dane ficou ainda mais desconfiado.

— Ou será que estão tentando me dizer que ela sabe dos planos de Chimera e está agindo de caso pensado?

Houve alguns instantes de profundo silêncio.

— Olívia é uma boa filha. Tem obrigações com a família — respondeu por fim a mãe, sem esclarecer direito a questão.

Dane balançou a cabeça, incrédulo. Era impossível que Olívia estivesse trabalhando para Chimera. Tão impossível quanto ele próprio virar uma abóbora de repente.

— Vocês não conhecem nem um pouquinho a filha que têm — declarou, irritado. — Agora me devolvam o retrato de Chimera — exigiu, pegando o desenho. — Se fossem mais espertos saberiam que Chimera jamais cobraria a dívida de vocês por vias legais. Ele nunca exporia sua identidade, abrindo uma ação judicial. Simplesmente mandaria matá-los, e pronto.

— Pois eu teria preferido a morte a ser humilhada publicamente por causa da minha falência — lady Cheltenham respondeu com altivez, levantando o queixo arrogantemente.

Dane saiu do aposento, irritado ao extremo, sem pedir licença nem acrescentar mais qualquer palavra. Como era possível que a doce e generosa Olívia fosse fruto daquele casal tão insensível?

Olívia. Era com ela que agora precisava falar.

— Vim ver o prisioneiro — disse Olívia para o guarda real que estava na porta.

O homem estranhou vê-la ali carregando a bandeja com o lanche. Até os guardas do príncipe sabiam que ela era a senhora da casa, esposa de lorde Greenleigh, e possivelmente a favorita de Sua Alteza. Não tinha sentido que trouxesse pessoalmente o lanche do preso em vez de mandá-lo por um criado.

— Vim porque lorde Greenleigh não quer que qualquer serviçal tenha contato com esse traidor — ela foi logo explicando. — Não sabemos quem mais pode estar de conluio com ele. Agora abra a porta e fique sempre por perto.

Sem dizer nada, o guarda obedeceu. Ao entrar na cela, Olívia viu Sumner parado em um canto com ar desolado. Estava descalço e sem seu capote. Havia tirado dele qualquer item que pudesse facilitar sua fuga. Com o frio que começava a fazer lá fora, seria louco de tentar fugir sem agasalho. Olívia colocou a bandeja no chão.

— Coma depressa porque vou logo levar a bandeja embora.

O guarda permanecia postado diante da porta aberta, impedindo a passagem, mas suficientemente longe para não ouvir a conversa.

— Agora me diga, por que atacou o príncipe regente? — ela indagou em voz baixa. — E por que tem feito tanta coisa contra mim?

— Porque não podia, deixar que conseguisse o que deseja. Tinha de afastá-la dele — o preso cochichou de volta.

— Dele, quem? Do meu marido? E que pensa que eu desejo? Sumner fechou a cara.

— Ah, acha que eu não sei, não é? Pois eu sei de tudo, do seu truque de cair no rio, das suas segundas intenções e até do motivo pelo qual teve de usar... aqueles bastões. Espantada, Olívia engoliu em seco.

— Que truque? Cair da ponte foi um acidente, só isso.

— Acidente nada, pulou na água bem na hora em que ele ia passando por lá. Fez tudo direitinho como nós planejamos.

Nós? Quem mais... Meu Deus... Mamãe! Que motivo teria a mãe para participar de um plano assim? Seria só para lhe arranjar um marido?

— Acabe logo de comer — disse, inclinando-se para mais perto. — Não sei do que está falando. O que tem a ver o fato de minha mãe querer me arranjar um pretendente com sua tentativa de matar o príncipe?

— Eu não queria matá-lo. Era só uma forma de fazer lorde Greenleigh voltar correndo para cá. Depois que milady o seduzisse de vez seria tarde demais.

— Então foi você quem fez todas aquelas maldades para manter Dane distante de mim, não foi?

— É melhor ser repudiada por seu marido do que acabar morta como seu irmão, não é?

— Meu irmão?

— Ele achou que se casando com aquela moça, Absentia Hackerman, se livraria do credor porque poderia pagar a dívida. Pensou que isso seria suficiente. Recusou-se a participar do plano e acabou afogado no Tâmis.

— Credor?

Que Cheltenham tinha grandes dívidas não era nenhuma novidade para Olívia. Mas o resto era muito estranho. A morte de Walter, nunca bem esclarecida, o sumiço do corpo no rio, o súbito interesse dos pais em conseguir-lhe depressa um marido rico para salvar Cheltenham... Era tudo muito estranho e suspeito. Afinal, a dívida se acumulava havia décadas e não seria mais um ano ou dois que os faria perder as terras. A não ser que... o credor resolvesse cobrar de alguma forma seus direitos.

— Quem é esse credor? O que ele quer?

— Fazer a França ganhar a guerra, é óbvio — respondeu Sumner, como se isso fosse evidente para Olívia.

Meu Deus! Então alguém sabia da função de Dane e seus amigos, da missão estratégica que eles tinham. Mesmo estando casada há tão poucos dias, bem que desconfiara que eles eram peças importantes na defesa da Coroa. E ela havia sido lançada na direção de Dane, como unia flecha certa.

Precisamos da mulher certa.

Olívia repetiu mentalmente a frase que Ouvira por acaso e então, aos poucos, foi unindo os fatos. Dane havia planejado o baile para distrair o príncipe regente com alguma mulher, evitando que fizesse algo prejudicial à Coroa. Da mesma forma, o homem que comandava Sumner é seus pais, fosse ele quem fosse, a havia jogado propositadamente no colo de Dane para arrancar dele confissões ou fazê-lo passar para o lado inimigo.

— Que horror... Estou servindo de isca — murmurou, sentindo um nó no estômago.

— Vai dizer que não sabia? — Sumner retrucou, irônico.

Olívia tomou, desesperada, o rumo da saída. Tinha de encontrar Dane e tentar convencê-lo de que era inocente, que nunca soubera nada desse plano traiçoeiro.

— Deseja que eu retire a bandeja, milady? — perguntou o guarda quando Olívia passou por ele.

— Sim. Por favor.

Esperou diante da porta enquanto o guarda entrava na cela. Ele se abaixou para apanhar a bandeja no chão e, sem que ninguém esperasse, de repente Sumner pulou sobre ele e deu-lhe um soco na nuca, fazendo com que caísse estatelado sobre o piso de pedra.

— Não! — gritou Olívia.

Era tarde demais. O guarda demorou a se levantar, Sumner se desvencilhou dele e na saída passou por ela correndo.

— Obrigado, milady! Não teria conseguido isso sem sua ajuda — disse, antes de sumir pelo corredor.

Perplexa, Olívia ficou parada onde estava. Agora sim, é que dificilmente Dane acreditaria nela. Pior ainda, se Sumner tivesse êxito e conseguisse fugir dali de vez, Dane jamais acreditaria que ela não o tinha ajudado. Então ela tomou a decisão. Recolheu a barra do vestido e saiu correndo atrás do fugitivo.

— Quero segurança total — disse Dane para Marcus, assim que deixou o príncipe regente em seus aposentos, entretido com a duquesa, sua nova namorada. — Veja se nossos guardas estão em todas as portas e mantenha os guardas reais bem perto do príncipe. Ninguém mais deve chegar perto de Sua Alteza a não ser um de nós dois. Até as refeições dele devem ser levadas por um dos guardas.

— Perfeito — respondeu Marcus, saindo para cumprir as ordens. — Nos vemos na cela do prisioneiro.

Só que, quando Dane chegou lá, não encontrou prisioneiro algum, apenas o guarda ainda atordoado.

— Não sei o que aconteceu, milorde. Só me abaixei para pegar no chão a bandeja que sua esposa trouxe e...

— Minha esposa? Foi ela quem trouxe a bandeja?

— Sim, milorde. E quando saiu, esqueceu de recolhê-la então me ofereci para pegá-la... Fiz uma bobagem, não é milorde?

— Ao que me consta, lady Greenleigh está em seus aposentos, bem protegida e em segurança.

Nesse momento Marcus vinha chegando agitado.

— Maldição! — exclamou. — Kinsworth acaba de me dizer que Olívia enganou o guarda e conseguiu escapar do quarto.

— Ah, só me faltava essa!

Rapidamente Dane falou ao amigo sobre a fuga de Sumner, e os dois *correram* para os estábulos. Kirkal ficava longe de tudo e, só seria possível escapar dali a cavalo. Nas cocheiras viram que Sumner não havia levado um, mas sim dois cavalos. Fugiria para muito longe, com duas montarias para revezar.

Que complicação! Tinham perdido dois animais, o traidor havia escapado e, além de tudo, Olívia desaparecera.

Sumner cavalcou a toda a velocidade até uma estrada onde um coche o esperava. Escondida atrás de uns arbustos, Olívia viu quando ele entrava no coche. Quem era aquela outra pessoa ali dentro?

Ela deu alguns passos à frente para se aproximar mais e escondeu-se entre as árvores que ladeavam a estrada. Confiava que a cor alaranjada do vestido se confundiria com a cor das folhas de outono, camuflando sua presença. Esticou o pescoço e procurou distinguir a misteriosa figura sentada dentro da carruagem. Nesse momento, o rosto, parcialmente encoberto pelas sombras, se virou para ela e por um segundo os olhares se encontraram. Então Olívia viu o cano de uma pistola aparecer na janela da carruagem. Assustada, pulou para trás do tronco, mas já era tarde. Um único tiro foi disparado.

Uma dor muito forte na perna fez Olívia se desequilibrar, e ela caiu sobre a relva coberta de folhas secas. A vista se anuviou e logo depois sobreveio a escuridão e o silêncio.

A carruagem foi embora. O barulho das patas dos cavalos aos poucos desapareceu. Então restou apenas o assobio do vento passando entre os galhos das árvores, fazendo as folhas caírem aos poucos, lentamente cobrindo aquele corpo inerte, estendido no chão.

Dane deixou Marcus cuidando do príncipe regente e saiu apressado, junto com seu laçao mais eficiente, à caça de Sumner e à procura de Olívia. Era fácil seguir as pegadas que ainda estavam frescas na poeira da estrada.

Correram o quanto podiam com suas montarias, mas não encontraram nada a não ser os dois cavalos abandonados perto da floresta e as marcas no chão das rodas da carruagem que partira. Desesperados, seguiram essa trilha para ver se ainda alcançavam o coche. Porém, aquela estrada desembocava em outra que era bem mais transitada e ali acabaram por perder a pista. Nada mais podiam fazer. Sumner tinha fugido, e Olívia junto com ele.

Quando Dane saiu dos aposentos de lorde e lady Cheltenham, depois de falar com eles pela segunda vez, estava desanimado. Eles não tinham nenhuma idéia do local para onde Olívia e Sumner poderiam ter ido. Davam a impressão de estar mais surpresos em saber que a filha fugira com um criado do que com o fato de ela tê-los abandonado ali.

Uma única certeza se instalava agora na mente de Dane. A de que aquilo tudo era um grande ardil contra ele e que havia sido ludibriado com maestria.

Acreditara que Olívia era uma jovem doce, de mente aberta, que inocentemente se entregara aos desejos dele. Mas os fatos lhe mostravam o quanto havia sido enganado. Devia ter suspeitado de tudo desde o início. Primeiro ela tinha aparecido com aqueles

sugestivos artefatos de marfim, coisa bastante peculiar para uma virgem recatada. Dias depois a encontrara nos braços de Marcus e, em seguida, no quarto do príncipe! Por Deus, como é que não tinha desconfiado?

Balançou a cabeça, desgostoso. Não conseguia esquecer a noite que acabara de passar com ela e que fora a mais maravilhosa de toda a sua vida. Mas não podia mais continuar com o pensamento preso em Olívia. Precisava se concentrar unicamente na sua missão ou então entregar a outro o cargo de Leão. E ser o Leão era a única coisa que ainda lhe restava.

Marcus o alcançou quando saía pelo corredor.

— E então? Que foi que os pais disseram? Acham que Olívia foi seqüestrada? Precisamos mandar mais gente à procura dela, Dane!

Com ar desolado, Dane continuou andando. Sentia uma dor profunda no peito, como se alguém lhe tivesse arrancado o coração. A decepção era enorme e sua tristeza maior ainda.

— Que cara é essa? — continuou Marcus, sem obter resposta. — Pelo visto, você sempre acha que Olívia tem más intenções, não é? Pois eu acabo de descobrir seu segredo, Dane. Você é um covarde! Pensa que se afeiçoar a Olívia é uma fraqueza, que o torna um fraco como seu pai. Ela foi embora sem levar nada, nem seu casaco. Alguém que está fugindo faria isso? Não é possível que honestamente pense que ela é uma traidora, Dane!

Ele se virou e encarou Marcus.

— Porque não? Os pais confessaram que estão a serviço de Chimera e que agiram por ordem dele o tempo todo. Colocaram a filha no meu caminho para que ela me seduzisse e me fizesse virar a casaca em favor dos franceses.

— Não é possível... — Marcus ficou pálido.

— E há algo que me intriga. Como sabiam qual o tipo exato de mulher que eu queria? Só podem ter obtido essa informação com alguém que me conhece muito bem.

— Está me acusando, Dane?

— Se a carapuça servir...

— Muito obrigado! Mas há outra pessoa que o conheceu bem melhor até do que eu, será que não se lembra?

Com um sobressalto, Dane percebeu que Marcus tinha razão. Uma única pessoa o conhecia muito bem, melhor que o amigo. Seu pai.

— Meu Deus! Será que Chimera soube disso por meu pai? Será que está agindo contra nós desde então?

— Não seria impossível. Durante três anos ele circulou entre os membros do Liar's Club disfarçado de empregado. Deve estar trabalhando com as informações que amealhou.

As tramóias secretas de Chimera estavam formando uma teia que começava a envolver a todos, amarrando uns aos outros e, ao mesmo tempo, fazendo com que se digladiassem entre si.

Muito frio. Essa foi a primeira coisa que Olívia sentiu quando começou a voltar a si. Sua cabeça doía e uma forte queimação agulhava a perna direita. Por que estava deitada ali? Seu lugar era Cheltenham... Londres... não, Kirkal! Por que não estava deitada em sua cama, com Petty ao lado, arrumando suas roupas e tagarelando sobre Sumner, como

sempre?

Sumner! O espião!

Sentou-se abruptamente e o movimento a fez vomitar. Tudo rodava à sua volta. Arrastou-se como pôde para um lado, mas as forças a abandonaram e ela caiu de costas novamente. A vista estava anuviada, com pequenos pontos pretos girando de um lado a outro. Respirou fundo e permaneceu deitada até os pontinhos sumirem. Então esticou a mão para alcançar sua perna. Havia um buraco manchado de sangue na saia, portanto a perna tinha sido atingida. Mas ela não teve coragem de tocar a ferida. Reclinou a cabeça para trás e olhou o céu.

Percebeu então que estava na floresta. As copas das árvores formavam um círculo encobrindo parte do céu cinzento. O vento balançava os galhos, coisa que aumentava ainda mais a tontura que sentia. Por isso fechou de novo os olhos e procurou concatenar as idéias.

Há quanto tempo estaria ali? O que o maldito Sumner tinha feito com ela?

Passou a mão pela nuca e sentiu um aglomerado de sangue seco na parte de trás da cabeça. A seu lado viu uma pedra grande e redonda, que também tinha manchas de sangue. Concluiu que batera a cabeça na pedra, ao cair, e desmaiara. Assustada, percebeu que estava mesmo muito machucada, com um tiro na perna e uma ferida na cabeça. Tinha muita sorte por ainda estar viva!

Devia fazer algumas horas que tudo acontecera, porque dera tempo de o sangue coagular e o vento gelar-lhe o corpo. Àquela altura, certamente todos já estavam à sua procura.

— Socorro! Socorro!

Começou a gritar, e embora o esforço fizesse sua cabeça latejar e doer ainda mais, repetiu o chamado várias vezes.

Infelizmente, porém, ninguém apareceu.

Dane remoía sua cisma em silêncio. Tinha a impressão de que ninguém mais o suportava. Além da desavença com Marcus, outras pessoas se mostravam contrariadas com ele, a começar por lady Willa Reardon.

— Como pode protegê-la se mal a conhece? — ele retrucou quando Willa veio ao seu gabinete para defender Olívia.

Lady Reardon era uma mulher bonita, miúda, curvilínea e de olhos vivazes. Era também bastante decidida.

— Talvez eu não a conheça muito bem, lorde Greenleigh, mas conheço o suficiente para saber que ela o ama — respondeu com secura. — Nós mulheres sabemos muito bem quando isso acontece. E posso lhe dizer que está agindo de forma muito errada com ela.

— O que quer que eu faça? Que saia como um desesperado atrás da minha mulher que fugiu? Tenho outras responsabilidades na vida, lady Reardon, responsabilidades muito sérias sobre as quais não posso falar.

— E nem precisa — rebateu Willa com voz firme. — Vai me dizer que é o Leão, que está encarregado de proteger a Coroa inglesa, blábláblá e coisa e tal. Só que sua mulher corre perigo, será que não está vendo?

Dane esbugalhou os olhos e agarrou a mão de Willa. Era uma ofensa apertar a mão de uma dama daquela forma, mas ele não se importou. Estava transtornado.

— O que é que sabe sobre o Leão? Willa arrancou a mão com um puxão.

— Bem mais do que pensa, seu bruto! Sou neta de um antigo Cobra e aposto que sei muito mais sobre o Royal Four do que pensa. E se me agarrar de novo, conto tudo a Nathaniel e ele o fará esfregar o chão com seu enorme traseiro de viking, entendeu?

Com isso, ela se virou e saiu furiosa do gabinete. Marcus vinha entrando, esbarrou com ela na porta e percebeu o quanto Willa estava alterada.

— Que foi que você fez para a mulher de Reardon, hein, Dane?

Ele não respondeu. *Enorme traseiro de viking?* Não se conformava com o que tinha ouvido. Era um desrespeito. Será que todas as mulheres pensavam isso dele?

— Eu? Nada. Apenas discordei da opinião dela.

— Já sei, Willa queria que você fosse atrás de Olívia.

— Não comece, Marcus...

— Andei pensando uma coisa. Se você tiver razão e Olívia for mesmo uma espiã, ela deve saber muita coisa sobre Chimera. Acho que valeria a pena encontrá-la, nem que fosse só por causa disso. Assim conseguiríamos essas informações.

— Não adianta. Já disse que não vou me abalar para procurar Olívia. O sumiço dela pode até ser uma armadilha para me afastar do príncipe regente e da minha obrigação de protegê-lo.

— Ah, é? Não pode se afastar de George? Então por que desapareceu ontem e foi passar a noite fora com ela?

— Foi um erro. Infelizmente terei de pagar pelo resto da vida por essa noite — Dane admitiu, humilhado.

Sentia raiva por ter se deixado enganar assim e, ao mesmo tempo, uma enorme saudade de sua mulher. Principalmente agora que todos o acusavam e se colocavam contra ele. O pior de tudo era a reprimenda que tinha levado do próprio príncipe George.

— É um tolo, um completo idiota, Greenleigh! — havia lhe dito o monarca aos berros. — Não passa de um grandalhão inútil. Aquele maldito valete seqüestra a sua esposa e você imediatamente chega à conclusão de que ela fugiu com o sujeito? Como pode ser tão burro?

Dane ficou vermelho e segurou a respiração. As mãos tremiam. Sua vontade era esganar o príncipe regente.

— Mas um de seus próprios guardas disse que ela ajudou Sumner a fugir, Alteza.

— Por que dá ouvidos às baboseiras de um guarda? Devia saber que essa gente é contratada pelo porte físico e não pela inteligência! Agora *eu* é que estou lhe dizendo. Ela nunca o deixaria, Greenleigh! Nem por dinheiro ou por qualquer outro motivo. Nem mesmo se eu lhe oferecesse um castelo para morar comigo pelo resto da vida. Será que não é capaz de enxergar isso?

Cocando a cabeça, Dane tentou explicar seus motivos.

— Eu não... O fato é que eu não quero procurá-la porque se a encontrar talvez me veja forçado a condená-la à forca, Alteza.

George o fitou longamente, sem acreditar, e depois explodiu:

— O quê?! Pelo amor de Deus! Além de burro é maluco? Aliás todos do Quarteto Real são completamente doidos! — vociferou, abanando a mão para indicar a porta. — Agora saia daqui, seu gigante bobalhão. Tomara mesmo que ela o tenha deixado. Você não merece uma mulher como Olívia.

Cabisbaixo, Dane obedeceu e saiu dos aposentos de George.

Petty vinha passando pelo corredor e, ao deparar com Dane, fez uma rápida reverência e seguiu seu caminho sem dizer nada. Mas a reprovação estava estampada no semblante dela. Até as criadas se mostravam revoltadas. Parecia que todos haviam se unido para condenar as atitudes dele.

Atordoadado com tanta rejeição, Dane saiu do solar. Foi cavalgar pela floresta de Kirkal, como costumava fazer sempre que estava contrariado. Ali encontraria o silêncio e a paz de que tanto precisava naquela tarde cinzenta.

Quando Olívia acordou novamente, não estava mais no lugar de antes, mas deitada sobre as palhas dos pinheiros bem mais adiante, para onde tinha conseguido se arrastar. Com as mãos sujas e machucadas, agarrou-se ao solo, tentando puxar o corpo para a frente e continuar ladeira acima. Avançou alguns centímetros, mas ainda estava longe de chegar à estrada, onde talvez alguém a visse. Já tinha perdido a voz de tanto gritar por socorro.

A dor na perna estava cada vez mais aguda e as pontadas lancinantes a faziam perder o fôlego. Arfando, largou o corpo outra vez. Era de se supor que alguém acostumado a caçar tivesse vista afiada e fosse capaz de detectar qualquer movimento na mata. Que belo caçador era Dane que não a encontrava, por mais que ela tivesse implorado por seu auxílio! Se era assim, claro que também nunca encontrava a caça, por isso se dedicava a matar só as pobres aves inocentes que sobrevoavam sua cabeça.

Reunindo todas as forças que lhe restavam, Olívia procurou seguir adiante. A ladeira era íngreme, mas, se ao menos conseguisse chegar à árvore onde deixara seu cavalo amarrado, talvez conseguisse montar e com algum esforço voltar a Kirkal, o lar de seu irresponsável marido. Estava com ódio dele.

Agarrando-se às raízes, puxando, empurrando e movendo-se como podia, conseguiu se aproximar do topo da ladeira. Estava quase perdendo os sentidos quando levantou a cabeça e finalmente viu a árvore onde deixara sua montaria. Mas não havia nada. O cavalo não estava mais ali.

Em desespero, soltou os braços e então sentiu que a terra embaixo dela desmoronava, fazendo-a escorregar pela ladeira outra vez. Inerte e com dificuldade para respirar, fechou os olhos e ficou no lugar onde estava, alguns metros abaixo de onde havia conseguido antes chegar.

Depois de galopar como louco pela floresta, tentando afastar os fantasmas que assombravam sua mente, Dane deixou Galahad escolher o rumo que o animal queria. Recostou-se para trás na sela, esperando que os movimentos ritmados do cavalo lhe trouxessem algum tipo de paz.

A floresta estava em silêncio. A maioria dos pássaros já tinha migrado para outras paragens, à procura de um clima mais ameno, e os animaizinhos silvestres haviam se recolhido às suas tocas com a proximidade do inverno. Ouvia-se apenas o som das patas do equino pisando no tapete marrom-alaranjado de folhas caídas.

Galahad tomou o rumo da estradinha por onde Olívia tinha passado. De repente,

algo brilhante no solo chamou a atenção de Dane. Parou o cavalo e desmontou para pegar o objeto. Era uma das fivelas com que ela prendia o cabelo. Era cor de laranja, igual ao vestido que o guarda dissera que usava na última vez em que a vira.

Ele detestava aquele vestido! Não caía bem em Olívia, apesar do decote generoso. A cor dava um tom pálido à pele e a fazia parecer vulgar. Apertou a fivela com força. Não era mais da sua conta preocupar-se com a forma como Olívia se vestia, pensou amargurado. Agora não tinha mais nada a ver com isso.

Como se quisesse reforçar ainda mais a tristeza que sentia, deixou que o cavalo seguisse pelo caminho por onde a esposa traidora havia fugido. Ela o tinha abandonado, largando-o para sempre entregue a seu próprio desespero. Precisava aprender a lição para nunca mais permitir que o enganassem assim. Talvez até mandasse modificar a pintura da sereia em seu quarto, para jamais esquecer disso. Daria ao retrato o olhar traiçoeiro de Olívia e os mesmos cabelos cor de mel.

Sangrando e com o corpo febril, Olívia havia conseguido rastejar novamente pela encosta íngreme até chegar a alguns metros da estrada. Dali podia ver o caminho, mas não tinha mais forças para alcançá-lo. Tomando alento, ela apenas se segurou firme no lugar para não escorregar outra vez. Exaurida, sentia que seu fim estava perto. Esticou o pescoço e levantou a vista, procurando por algum sinal de alguém.

Então viu Dane. Ele tinha finalmente vindo salvá-la!

Quando seu cavalo passasse pela estrada ao lado dela, certamente a veria agarrada na encosta e correria para acudi-la. Estava claro que Dane procurava por ela. As esperanças de Olívia logo se desvaneceram, contudo, porque ele passou ao largo, sem notar sua presença.

— *Dane!* — chamou, com o fio de voz que lhe restava.

Ele não ouviu. O chamado era muito fraco e se perdeu entre os sons do vento e dos cascos do cavalo. Dane também parecia perdido em seus pensamentos e seguia em frente sem olhar para os lados.

Seu tonto e distraído, por favor, me ajude!

Bateu com a mão no solo para chamar a atenção, mas nada. Então Olívia percebeu que havia uma pedra ao lado. Era do tamanho de uma maçã e estava parcialmente enterrada. Com as unhas, arrancou-a da terra e num ímpeto a arremessou contra seu desatento marido.

— Ai! Que foi isso? Olívia?

O olhar dela, carregado de desespero, encontrou os olhos espantados de Dane.

— *Dane...* — murmurou com seu último alento, antes de desmaiar.

Dane entrou pelas portas de Kirkal Hall carregando nos braços a esposa, inerte, suja e ensangüentada.

— Kinsworth, mande o médico do príncipe voltar imediatamente!

Um lacaios veio correndo para ajudá-lo a carregar Olívia, mas ele recusou. Segurou-a mais perto do peito, como se fosse um embrulho precioso, e continuou andando com rapidez.

— Ela está morta? Milady morreu? — perguntou Petty, quase chorando.

— Não seja boba. Não vê que o patrão a salvou? — ralhou a sra. Huff.

Dane se remoeu de culpa. Por causa de sua teimosia, quase que a deixara morrer,

isso sim. Subiu correndo as escadas, ainda distribuindo ordens.

— Petty, venha me ajudar a dar um banho em milady e vesti-la com roupas limpas.

— Eu mesma posso fazer isso com Petty — atalhou Willa, acompanhando Dane até o quarto de Olívia, onde ele a colocou cuidadosamente sobre a cama.

— Meu Deus! — exclamou Willa, com espanto. — Como ela está ferida... Deve ter corrido como louca pela mata atrás daquele traidor.

Dane respirou fundo. Sabia que tinha abandonado a mulher à própria sorte. Em vez de sair logo para procurá-la, a havia deixado largada, esvaindo-se em sangue na mata, como um cão atropelado.

Willa se ajoelhou ao lado do leito e segurou uma das mãos sujas e ensangüentadas de Olívia.

— Ah, pobrezinha — murmurou, antes de levantar os olhos para Dane. — O que é esse furo na saia dela? Um buraco de bala?

Dane meneou a cabeça, confirmando. Ele já tinha constatado isso ao pegar Olívia no colo.

— Sim, e o projétil ainda está na perna dela. Será preciso retirá-lo.

— Veja, ela também tem uma ferida na cabeça! Quando lhe der banho vou verificar se há mais algum machucado. Será que foi o traidor quem a agrediu?

— Não creio — respondeu Dane.

Duvidava que Sumner fosse responsável por aquilo. Ele tinha pressa demais em fugir e não iria perder tempo atacando Olívia. Temia que quando lady Reardon a despisse para lavá-la, encontrasse as marcas que ele próprio deixara no corpo dela depois da noite de amor. Oh, céus, Olívia tinha razão em ficar furiosa com ele! Ele era mesmo um bruto, um desajeitado que não a havia tratado com o cuidado que merecia.

Passou a mão pelo rosto em desalento e só então notou que estavam com sangue. A camisa e o casaco também estavam manchados. Sem hesitar, tirou ambos, limpou as mãos com a camisa e, de peito nu, se ajoelhou ao lado da cama, tomou a mão da esposa e a apertou contra si na altura do coração. De cabeça baixa, implorava silenciosamente para que ela o perdoasse e, sobretudo, que não morresse.

Petty e a sra. Huff, auxiliadas por um bando de lacaios, entraram trazendo bacias de água quente e demais itens para os curativos. Willa imediatamente se levantou e, batendo palmas, ordenou:

— Vamos, todos os homens saiam daqui!

Dane viu sua fiel criadagem obedecer sem pestanejar ao comando daquela mulher. A verdadeira patroa deles, no entanto, era Olívia, e ela nunca se dirigia a eles nesse tom. Ao contrário, sempre os tratava com gentileza, como se fossem da família. Se ele tivesse se dado ao trabalho de ensiná-la a dar as ordens como necessário, teria facilitado muito a vida dela dentro daquela casa. Mas não, nem isso ele havia feito. Limitara-se a deixá-la sozinha para resolver como pudesse o comando do pessoal.

Lady Reardon puxou-o pelo braço, indicando que ele também devia sair.

— Eu vou ficar — ele reagiu.

— Então fique onde não nos atrapalhe — respondeu Willa com voz de general, indicando-lhe uma poltrona a um canto do quarto.

Dane não discutiu. Afastou-se, mas permaneceu em pé para poder ver tudo.

Com cuidado, as mulheres tiraram as vestes rasgadas de Olívia e a submergiram na água morna que haviam colocado na banheira, limpando suavemente seu corpo com esponjas. Petty lavou-lhe a cabeça, retirando a sujeira e o sangue pisado.

— Será que o médico vai mandar cortar o cabelo dela? — cochichou para lady Reardon. — Seria uma pena, porque milady acha que é a única coisa bonita que ela tem.

Dane arregalou os olhos. Como era possível que uma mulher com tantos atrativos, tão carinhosa, forte e generosa, achasse que sua única qualidade era ter cabelos bonitos? Por que ele não tinha sabido ver antes o verdadeiro valor de sua mulher?

Quando elas acabaram o banho, Dane chegou perto para tirar Olívia da banheira. Levantou-a cuidadosamente nos braços, sem se importar com a água turva que escorria, molhando-lhe a calça. Depositou-a sobre o leito onde a enxugaram e a vestiram com uma camisola limpa. Era hora de chamar o médico.

— Está com muita febre — disse Dane, colocando-lhe a mão na testa.

— É um bom sinal — observou Willa. — Indica que ela não deve ter perdido tanto sangue assim. Quando se perde sangue demais, a temperatura não sobe, ao contrário.

A sra. Huff interrompeu, limpando as mãos no avental.

— Vou providenciar um pouco de caldo quente e conhaque na cozinha. Se ela acordar, poderemos reanimá-la com algumas colheradas do conhaque antes que o médico chegue.

O doutor teria de remover a bala a frio. A dor seria terrível. Só de pensar nisso Dane sentia o estômago embrulhar.

Bateram à porta. Era Marcus que vinha dar-lhe a notícia.

— Achamos um coche abandonado perto dos campos de Gretna!

Dane, que tinha saído para conversar com o amigo do lado de fora, pareceu não se importar.

— Não vale mais a pena continuar caçando o marginal. Sumner e a pessoa para quem ele trabalha, seja ela quem for, devem ter visto que seu intento fracassou. Agora o príncipe está em segurança e eles já conseguiram bisbilhotar a mim e minha mulher o quanto queriam, portanto o jogo acabou, Marcus.

Então Dane se virou para entrar novamente no quarto de Olívia. Seu único e crucial problema agora era ela.

Olívia acordou aos poucos, aliviada por sentir-se limpa e agasalhada, mas sentindo dolorosas pontadas na perna ferida. Estava sentada na cama, as costas apoiadas nos travesseiros. A cabeça latejava como se uma faca estivesse cravada em seu cérebro. Nas mãos, envoltas em bandagens, segurava a caneca com caldo quente que a sra. Huff tinha trazido, e cada gole passava com intensa aspereza pela garganta. Os músculos das costas também doíam horivelmente, tinha cortes e arranhões nos braços, e o nariz começava a escorrer. Petty a limpou com cuidado.

— Pegou uma bela friagem, não foi, milady? — ela disse carinhosamente. — Logo, logo, o médico estará aqui e vai curá-la de tudo, não se preocupe.

A criada demonstrava estar contente vendo que Olívia começava a reagir.

— Veja, o patrão também está aqui para ficar a seu lado, milady! — continuou, animada, apontando para Dane.

Mas Olívia nem levantou os olhos. Manteve-os fixos na caneca fumegante. Se fosse

por ela, o "patrão" podia arder no fogo do inferno. Ele que se danasse. Em meio à sua semiconsciência, tinha ouvido parte das conversas e agora sabia que Dane nem havia se dado ao trabalho de sair para procurá-la. Não tinha se preocupado em saber onde ela estava nem se precisava de auxílio. Dane não merecia mais a sua atenção.

Com o canto dos olhos viu as botas dele, plantadas com firmeza sobre o tapete ao lado da cama. Maldito Dane, malditas botas e maldito tudo que havia feito. Não estava mais com paciência para ouvir o que ele tinha a dizer. Já era suficiente todo o tempo em que seguira como uma tola cada palavra dele, dedicando-lhe uma lealdade à qual ele não fazia jus. E até a atração incontrolável que antes sentia por ele estava sumindo, como uma página virada de sua vida.

Dane tossiu baixinho. Se esperava que ela falasse alguma coisa, teria de esperar sentado. Gastara a voz gritando inutilmente por socorro e não tinha mais o que dizer. Sentia-se oca, vazia por dentro.

Petty, que saíra do quarto pouco antes, voltou trazendo uma bandeja com um frasco contendo um líquido escuro.

— A sra. Huff acha que um pouco de conhaque lhe fará bem antes de o médico começar a tratá-la, milady.

Olívia finalmente levantou o olhar para Dane, com ar de espanto.

— É que a bala ainda está alojada na sua perna, Olívia — ele explicou, constrangido. — O médico terá de retirá-la.

— Oh... — foi o único som que Olívia conseguiu emitir. Pegou o frasco de bebida entre as ataduras das mãos e, sem vacilar, deu um enorme gole. O líquido desceu queimando a garganta, mas, mesmo assim, ela o engoliu de uma tragada só.

— Calma, devagar — atalhou Dane, tirando-lhe o frasco da mão.

Olívia apoiou-se melhor nos travesseiros e tentou relaxar. Parecia que aquele único gole de bebida já começava a aliviar suas dores. Em seguida viu o corpanzil forte de Dane sentar-se a seu lado na cama. Estava ainda de peito nu, com a calça suja e os cabelos em desalinho, mas mesmo assim, tinha uma bela figura. Ela o fitou com o canto dos olhos. Não podia negar que seu marido era lindo, pensou, sentindo as lágrimas começando a brotar.

Como o mundo era injusto! Agraciava um ser insensível e egoísta com tanta beleza enquanto ela, que sempre fora bem-intencionada, honesta e solidária, jazia ali em frangalhos.

— Saia daqui — sibilou entre os dentes. Ele se acomodou melhor e controlou a voz.

— Não posso sair enquanto não souber o que foi que aconteceu.

— Você me deixou largada na floresta — sussurrou a resposta num fio de voz.

— Eu sei... eu sei... e lhe peço perdão por ter interpretado mal as suas intenções. Espero que um dia consiga me perdoar, Olívia.

— Não...

— Nem encontro as palavras certas para lhe dizer o quanto estou feliz por saber que não pretendia me abandonar...

Um dos travesseiros de Olívia aterrissou com toda a força na cara de Dane. Furiosa, ela fez um sinal para Petty, indicando a escrivainha que havia no quarto. Por sorte, a criada já estava acostumada aos hábitos da patroa e entendeu de imediato o pedido.

— Ah, sim, milady — disse, entregando-lhe em seguida a pena e uma folha de papel.

Depois desamarrou em parte as ataduras da mão direita para que ela pudesse segurar a pena e, bufando, Olívia começou a rascunhar com letras tortas e desalinhadas. Quando acabou de escrever, atirou o bilhete em Dane. Ele leu em voz alta:

— "Preferia me ver perdida, ferida, e quase morta do que me ver segura nos braços de outro homem? E isso?"

— Hum... sim... não... claro que não! Mas...

Antes de ele acabar de se justificar, Olívia arrancou-lhe o bilhete e escreveu outra frase:

"Vá embora. Não quero ver você nunca mais!"

Vagamente Dane ouviu ao fundo a porta do quarto se fechar quando Petty saiu. A expressão de Olívia era de total desalento e não podia culpar a criada por querer se afastar da cena. Ele próprio sentia um enorme desespero invadi-lo. Havia agido muito mal com sua doce Olívia desde o começo e agora via que a estava perdendo. Um desprezo indisfarçável era nítido na forma como ela o olhava.

As palavras continuavam engasgadas na garganta dele, palavras que não podia nem devia pronunciar. Havia uma verdade que o separava de Olívia, uma realidade que, se revelada, colocaria a todos em perigo...

Apesar de tudo, porém, ele resolveu falar:

— Olívia, há uma coisa que você precisa compreender... Existe um motivo pelo qual não pude confiar inteiramente em você — começou a dizer. — Nem em você nem em qualquer outra pessoa, a não ser um seleto grupo de quatro... ah, eu não devia estar lhe contando...

Agarrando o papel, ela escreveu outra vez, dirigindo-lhe um olhar frio de descrença absoluta.

"Então não conte. Se confia tão pouco em mim, não conte."

Aqueles não eram mais os olhos de Olívia, mas sim os de uma mulher que não conseguia acreditar em mais nada nem ninguém. Ela continuou rabiscando o papel furiosamente.

"Parece que todos aqui têm segredos, escondem de mim e esperam que me comporte como um animal amestrado. Estou cansada disso. Até agora só procurei agradá-lo, mas o que faço nunca é suficiente. Estou esgotada e desisto. Por favor, não me conte nada e nem faça mais nenhuma das suas exigências descabidas."

Dane permaneceu onde estava, sentado a poucos centímetros dela, segurando as folhas de papel que ela rabiscava sem parar e incapaz de olhá-la de frente. Santo Deus, o que havia feito a Olívia? Aproveitara-se da generosidade e da boa vontade dela, sempre exigindo mais e mais, demandando provas e mais provas de que ela tinha qualidades suficientes para ser sua esposa. Deixara-a humilhada e angustiada e, ainda por cima, havia desconfiado dela, quando Olívia procurara algum conforto fazendo confidências a Marcus ou tendo amizade com o príncipe regente.

Era um canalha! Não podia ter tratado assim a quem procurava fazer-lhe todas as vontades e lhe havia dado o que nenhuma outra mulher tivera coragem de dar. E além de tudo, ela arriscara a própria vida tentando caçar Sumner, o homem que o havia traído, para depois ser ignorada e descartada como um objeto sem valor. Que canalhice!

Dane fechou os olhos, desarvorado. Por mais que se culpasse, não conseguia abafar a voz de desconfiança que ainda ecoava em seu cérebro. Era impossível esquecer aquilo que os pais de Olívia haviam confessado, o plano montado por eles e Chimera para que ela o seduzisse. Se ela sabia ou não, era outra questão, mas de qualquer forma era preciso se precaver. Muita coisa importante estava em jogo.

Seu dever estava acima de qualquer amor...

Amor?

Como se tivesse sido atingido por um ferro em brasa, Dane se levantou de repente.

— Muito, bem. Se é assim que deseja, não vou incomodá-la mais, milady — disse, retomando o tom frio habitual.

Recostada nas almofadas e de olhos fechados, Olívia não se moveu. Estava só esperando que ele fosse embora. Silenciosamente, Dane se dirigiu até a porta e saiu. Teria de enfrentar suas dúvidas e seus conflitos internos em outro lugar.

Assim que ouviu a porta se fechar, Olívia virou-se de lado e esticou o braço, buscando o diário embaixo da cama. Com os dedos doloridos, que ainda seguravam a pena, escreveu o que sentia na página em branco:

"A cada minuto em que ele está perto de mim, sinto vontade de me atirar em seus braços e desabafar todos os medos e desejos que guardo dentro de mim. Infelizmente, eu o amo demais..."

A pena parou sobre o papel. Havia um problema. Tinha a sensação de que o homem pelo qual havia se apaixonado nunca existira de verdade. Na sua imaginação ele era um cavalheiro gentil e valente, alguém que a adoraria para sempre e que jamais seria capaz de magoá-la.

Que fantasia ridícula! O mundo era cheio de maldade, e o amor eterno era algo que não existia. Havia tido um sonho infantil, mas agora a realidade nua e crua se fazia presente. Diante disso, era necessário agir com decisão.

Fechou o diário e o atirou para longe. O caderno não caiu no fogo da lareira, como ela pretendia, mas bateu no armário e rolou pelo chão, por sorte bem longe de sua vista.

Não sou uma donzela frágil nem uma princesinha presa na torre do castelo. Sou forte. Sou lady Greenleigh!, repetiu para si mesma, tomando pulso da situação.

A porta se abriu e o médico entrou, trazendo sua valise de instrumentos. Maldito Dane por ter levado embora a garrafa de conhaque!

CAPÍTULO VI

Algum tempo depois, carregando sua angústia, Dane andava de um lado para outro no corredor diante da porta do quarto de Olívia. Ouvia os gritos roucos e abafados dela e cada um o atingia como uma faca afiada no coração. O médico estava fazendo o que era necessário, extraindo-lhe a bala da perna.

Quando achava que já não suportaria mais escutar aquilo, de repente os gritos pararam. Ficou ainda mais ansioso. O que significava aquele silêncio? Que o médico tinha acabado? Ou que ela...

Nesse momento o doutor saiu do quarto. Já apareceu vestindo o casaco e o chapéu, pronto para ir embora com sua valise na mão.

— Retirei o projétil e já tratei da ferida na cabeça. Milady vai se recuperar — informou sem qualquer emoção, como se estivesse fazendo um relatório banal. — Isto se a febre ceder. Caso contrário, ela poderá morrer.

Dane olhou estupefato para o doutor. Os médicos pareciam viver em outro universo, onde não havia lugar para sentimentos, pensou, ao vê-lo sair sem nenhuma outra explicação.

Febre. Então era essencial que a febre baixasse.

Sem pensar em mais nada, entrou aflito no quarto de Olívia.

Willa estava ao lado da cama, enxugando o suor que escorria da testa de Olívia.

— Shhh — colocou o dedo diante dos lábios. — Ela está inconsciente. Graças a Deus desmaiou. Aquele médico carniceiro dava a impressão de que nunca mais ia terminar.

— E a febre? — indagou Dane.

— Parece que está cedendo, agora que tiraram a bala. Olívia é mais forte do que eu pensava.

— Que bom!

— Nathaniel me disse que os pais dela ainda estão aqui, trancados no quarto por ordem sua. Não vai deixá-los ver a filha?

— Acontece que lorde e lady Cheltenham trabalham para um perigoso agente da inteligência francesa, minha senhora — ele explicou.

— Podem ter sido coagidos a isso, não? O senhor nunca ficou à mercê de alguém por algum motivo?

— Uma vez — Dane respondeu. — Uma única vez. Referia-se a Olívia, claro. Willa se levantou e deixou de lado a compressa que passava pela testa de Olívia.

— Vou chamar Petty ou uma das irmãs para que venha cuidar dela — disse com seu habitual jeito autoritário.

— Eu também vou ficar — atalhou Dane.

— Só espero que não invente mais uma das suas. Qualquer uma das coisas ridículas que costuma fazer. Deixe a coitadinha em paz.

Willa não conseguia esconder a antipatia que sentia por Dane.

— Fique tranqüila. Não farei nada disso, pelo menos por enquanto.

Willa cruzou os braços e o olhou com desprezo.

— Não gosto do senhor, lorde Greenleigh. Nathaniel me recrimina por isso, e é o único motivo pelo qual às vezes discutimos. Ele acha que o senhor apenas cumpre sua missão como é devido, mas eu não penso bem assim. Ah, e tem uma perguntinha que preciso lhe fazer — Willa completou, ainda segurando na maçaneta da porta.

— O que é?

— Por que se casou com Olívia se nunca teve a intenção de confiar nela?

Dane deu de ombros e balançou a cabeça.

— Boa noite, lady Reardon. Passe bem.

Ela se foi e o cômodo ficou em silêncio. Dane aproximou sua cadeira da cama e acariciou de leve as faces de Olívia. O médico havia trocado as bandagens das mãos. Ele segurou uma delas e a colocou em seus lábios, beijando-a ternamente.

— Ah, veja só o que é que está fazendo comigo, minha mulher... — disse baixinho. — Está me fazendo compreender por que meu pai fez o que fez...

Deu um suspiro e fechou os olhos.

— Nunca lhe falei sobre meu pai, não é? Claro que não. Eu nunca lhe falei sobre nada. — Como se estivesse num confessionário, Dane se recostou na cadeira e continuou falando em voz baixa: — Ele era um homem muito exigente comigo, mas eu me orgulhava disso. Achava que era um sinal de sua integridade e do seu elevado senso ético. Quando ele aprovava algo que eu tinha feito, me dava a certeza de que não havia alcançado algo apenas "razoável" ou "muito bom", mas sim quase perfeito. Ah, meu pai... E quando descobri que ele era apenas um ser humano falível, como qualquer outro, me senti no direito de acusá-lo, desdenhá-lo e me afastar dele sem um pinga de compaixão. Agi como se fosse um jurado ou um juiz com autoridade para condená-lo.

Olívia continuava inconsciente e não se mexia. Contudo, se ela tivesse a capacidade de ouvir aquele desabafo, certamente diria a mesma coisa que Marcus.

O suicídio foi uma escolha dele. Não foi culpa sua.

Dane não concordava com isso.

— Suicídio foi a única opção que deixei para meu pai. Estava tão bravo com ele, tão decepcionado, sentindo-me tão enganado que lhe disse ter mandado uma carta ao primeiro-ministro denunciando-o por traição. Mas era mentira. Apesar de ter escrito a carta, nunca tive coragem de enviá-la. Ela ficou em cima da minha escrivaninha. A ameaça era apenas uma forma de vingança, uma tentativa de magoar meu pai da mesma maneira que ele me magoou, mostrando ser bem menos nobre do que sempre me fez acreditar.

A necessidade de desabafar era tão imperiosa que Dane continuava falando sozinho, como se quisesse rememorar para si mesmo tudo o que lhe havia acontecido.

— Bem que ele podia ter sido mais corajoso, enfrentado as consequências dos seus atos, confessado e cumprido a sentença. Sei que havia risco de a sentença ser uma condenação à morte na forca. Ele tinha revelado à amante dados secretos da maior importância: planos estratégicos, número de batalhas e de soldados perdidos... De qualquer forma, seria uma morte mais digna.

Todas aquelas lembranças passavam pela cabeça de Dane sem dar-lhe trégua. Parecia ainda ver diante de si a figura do pai morto com um tiro na cabeça. Olhou com carinho para Olívia. Só nela ainda encontrava algum alívio.

— Gostaria de acreditar que ele não se matou só por minha causa... — murmurou,

como se quisesse se convencer disso. — Talvez meu pai não se sentisse mais capaz de conviver com os próprios erros ou com aquela amante. Por que não a abandonou então? Certamente porque a amava com loucura. Amava-a mais do que ao seu país, do que à sua missão e até do que... a mim.

Subitamente, Dane largou a mão de Olívia e ficou em pé.

Aquilo era ridículo! Não tinha sentido continuar ali no escuro, falando sozinho, sem ninguém para escutá-lo. O mais acertado era chamar Petty para vir cuidar de Olívia até que ela acordasse.

Ao sair do quarto, sentiu que pisava em um pedaço de papel. Automaticamente se abaixou para pegá-lo e o guardou no bolso sem olhar. Tinha assuntos mais importantes a tratar.

Quando a porta se fechou, a mulher que permanecia imóvel na cama o viu sair. Ela tinha os olhos bem abertos, quase arregalados.

Dane já estava em seu gabinete fazia algum tempo, revisando documentos, quando se lembrou do pedaço de papel que estava em seu bolso. Pegou-o e, depois de abri-lo, viu que era o fragmento de uma folha de caderno com uma escrita miúda. Aproximou-se mais da luz das velas para poder ler. Estava rasgado e restavam apenas três linhas legíveis: "...honestamente a sua adoração / será que ele não me abandonará quando descobrir a verdade? / Serei capaz de enganá-lo a ponto de conseguir fazê-lo me amar?".

Reconheceu de imediato a caligrafia de Olívia.

Viu só?, indagou uma vozinha interior, cheia de desconfiança.

Dane ficou olhando o papel, esforçando-se para assimilar a dolorosa verdade. Aquilo tinha um único significado. Significava que Olívia não era uma vítima, uma ingênua enganada por seus pais. Significava, sobretudo, que ela agira conscientemente e de caso pensado o tempo todo.

Avaliou por longos momentos o que acabara de descobrir e depois deu de ombros. Nada lhe importava mais. Apesar de tudo, gostava muito de Olívia. Não só gostava mas a desejava, com todas as fibras do seu ser.

Dane foi invadido por um turbilhão de emoções contraditórias e angustiantes. Se por um lado ela era partícipe de um plano traiçoeiro, por outro fora a mulher que o havia feito conhecer a paixão e que dizia amá-lo. Olívia o tinha enganado, mas, ao mesmo tempo, arriscara a vida correndo atrás de Sumner, o traidor que ele precisava capturar. Ela arriscara a própria pele para em troca ser abandonada na mata. Que bela retribuição...

Culpa, vergonha, paixão, suspeita, dever. Tudo isso se embaralhava na mente de Dane, deixando-o confuso e aflito.

Decidido, saiu do gabinete. Somente uma pessoa poderia ajudá-lo nessa situação, conseguiria entender seu conflito. A porta da biblioteca estava trancada e a chave tinha se perdido. Com um chute, Dane a abriu. O lugar estava úmido e frio. Havia teias de aranha nos cantos e panos brancos cobrindo os móveis. Dane arrancou um a um, jogando-os numa pilha de lado.

Em seguida caiu de joelhos no chão, no exato lugar onde seu pai caíra e onde antes havia um belo tapete que tinham resolvido queimar por estar manchado de sangue.

— Pai, me ajude — implorou com voz rouca. — Diga-me o que devo fazer, meu pai.

Continuou ajoelhado por muito tempo, até a câimbra adormecer suas pernas e a noite chegar, deixando o ambiente em total escuridão.

Seu pai não estava ali. Henry Calwell, o homem que havia se perdido por amor, não habitava mais aquele lugar. Dele prestava apenas um cômodo, frio, sem vida e sem uso.

Dane abaixou a cabeça. Era um homem comum, nem melhor nem pior do que seu pai, com as mesmas fraquezas e os mesmos desejos de qualquer outro homem. No entanto, era o Leão. E, como Leão, sabia exatamente o que devia fazer.

De manhã cedo, dois dias depois de ter sido alvejada, Olívia já estava de partida. Dane havia dito que não precisava ir embora tão depressa, mas, como devia partir, ela preferia fazê-lo quanto antes.

— Muito bem, então vou levá-la para a Fazenda Greenleigh disse Dane.

— Nada disso. Vou para Cheltenham — ela retrucou. Era uma mulher corajosa, que agora estava convencida de sua força e decidida a viver sozinha, dali por diante, em sua própria casa. Tinha certeza de que Dane não a deixaria passar necessidade. Era muito rico e prejudicaria sua imagem perante a sociedade se o fizesse. Portanto, contava que ele lhe daria uma boa mesada. Usaria o dinheiro para saldar dívidas e recuperar a fazenda. Os pais eram ainda jovens o suficiente para poder aproveitar o lugar por muitos anos. E, quando eles se fossem, a propriedade seria dela, somente dela. Não tinha conseguido ser uma esposa ideal para Dane; mas seria a patroa e senhora perfeita em Cheltenham.

Surpreendeu-se por Dane concordar tão facilmente com seu plano. Mas afinal, por que não concordaria, se o que mais desejava era ver-se livre dela de uma vez?

A perna ainda doía bastante, por isso deixou que um laçao a carregasse para descer a escada. A partir daí, quis andar sozinha. A ferida demoraria mais a sarar se não fizesse exercício.

— Vejo que é uma mulher de fibra — disse Willa com um sorriso, pegando no braço de Olívia.

— Nem tanto.

De braços dados, foram caminhando pelas dependências de Kirkal rumo à saída. De repente passaram por um cômodo onde os criados faziam uma grande faxina.

— Este é o lugar onde o antigo lorde Greenleigh, o pai de Dane, morreu — cochichou Willa.

— Sei... — Olívia respondeu, procurando demonstrar que isso pouco lhe importava. — Acha que o tempo vai continuar bom? — mudou logo de assunto.

— Creio que sim. Não terá dificuldades para viajar. Só espero que o tempo não mude quando nós formos embora, daqui a uma semana.

Lorde e lady Reardon iriam ficar a semana toda, assim como o príncipe regente e o duque e a duquesa de Halswick. Os demais hóspedes tinham partido logo depois que ela fora trazida ferida para Kirkal. Felizmente, Absentia Hackerman também. Já podia imaginar quantas intrigas iam correr em sociedade sobre o desempenho desastrado da nova lady Greenleigh. Absentia se encarregaria de espalhá-las, certamente. Mas Olívia não ligava mais para isso. Nem parecia a mesma mulher que dias atrás estivera tão desesperada para agradar a todos.

Do lado de fora, a carruagem já estava sendo preparada para a partida. Dane ia acompanhar a comitiva montado em Galahad, deixando mais espaço no coche para que Olívia fosse mais bem acomodada.

— Tem certeza de que não quer que a acompanhe, milady? — perguntou Petty, que trazia as últimas valises.

— Obrigada, mas não é preciso. Cheltenham não fica longe daqui e chegaremos antes do anoitecer. Eu só preciso descansar, portanto ficarei bem sozinha.

Na realidade, Olívia ansiava por ficar só. Tinha necessidade de repensar sua vida, aliviar sua angústia e ficar à vontade para poder chorar, longe dos outros. Notou que entre os volumes que Petty trazia estava a caixa do diário.

— Meu diário está aí dentro, Petty?

— Oh, não milady, eu... o achei rasgado no chão e joguei no fogo. Pensei que não o queria mais...

— Não faz mal. O importante é que tenha desaparecido. Seria uma catástrofe que alguém lesse seus rabiscos de adolescente e todas as bobagens que tinha escrito sobre Dane. Já ia entrar no coche quando de repente um cavalo, em desabalada carreira, apareceu e parou bem perto dela. Olívia pulou para trás, evitando o choque. Parecia que sua sina era ser sempre atropelada por algum cavalo. Lorde Wyndham pulou do animal. Estava esbaforido e coberto do pó da estrada.

— O que é isso, homem? — Dane vinha saindo da casa para recebê-lo. — Veio a galope desde Londres?

— Sim, mas troquei de montaria no meio do caminho. Sem explicar mais nada, ele dirigiu o olhar a Marcus e Nathaniel, que estavam por perto. Os dois acenaram com a cabeça, compreendendo a mensagem. O Royal Four sabia se entender só pelo olhar. Aquilo significava que precisavam se reunir. Momentos depois, Dane e os outros três se encontraram a portas fechadas no gabinete.

— Vamos Wyndham, pode falar.

— Barrowby morreu ontem à noite!

— Morreu?! — exclamaram os outros em uníssono.

— Sim, e sem nomear seu herdeiro.

— Maldição!

O que os preocupava não era o fato de não haver herdeiro para os bens de Barrowby, mas sim que ele tivesse morrido sem nomear um sucessor, um novo ocupante para o cargo de Raposa.

— O primeiro-ministro quer que todos os homens compareçam à residência de Barrowby imediatamente.

Apesar de o primeiro-ministro não ter autoridade para convocar essa reunião de emergência, sabiam que ela era necessária. Sem alguém que ocupasse o lugar de Raposa, as coisas ficariam muito difíceis para o quarteto.

— Eu posso ficar aqui para vigiar o príncipe regente — ofereceu Marcus. — Creio que haverá homens suficientes no encontro com o ministro.

— É uma boa idéia — apoiou Dane. — Mesmo que o príncipe já não corra tanto perigo, é bom não baixarmos a guarda.

Todos concordaram, mas Dane estava indeciso. Os planos haviam subitamente mudado. Se acompanhasse Olívia até Cheltenham, como havia prometido, perderia muito tempo e se desviaria do caminho da casa de Barrowby. Tinha vontade de ir com ela, mas lembrou-se de sua condição de Leão. E, como Leão, não podia deixar que os desejos comandassem suas decisões.

Então virou-se para os companheiros e declarou com firmeza:

— Estou pronto para partir de imediato.

Nathaniel saiu e foi preparar seu embornal. Wyndham deitou-se no sofá para descansar um pouco. Enquanto isso, Dane foi fazendo as últimas recomendações a Marcus, que ficaria sozinho a cargo de tudo em Kirkal Hall.

— Vá tranquilo, Dane. Sou perfeitamente capaz de tomar conta das coisas.

— Sei disso — retrucou Dane para o amigo, com um sorriso. — E se realmente Barrowby não deixou nenhum sucessor, você é o melhor candidato a ser o próximo Raposa.

— Estou aqui para servir.

Dane cumprimentou Marcus com uma palmadinha nas costas. Por mais que o amigo não o demonstrasse, sabia o quanto ocupar tal cargo seria importante para ele.

Olívia ouviu a notícia de Dane, avisando que ele não a acompanharia mais até Cheltenham, com total indiferença.

— Compreendo — disse, sem qualquer emoção.

— Mas lhe garanto que viajará com toda a segurança. Já destaquei mais guardas para acompanhar a carruagem e os coches da criadagem — tranqüilizou-a Dane.

— Está bem. — Olívia levantou a cabeça e o fitou friamente, antes de continuar: — Há uma coisa que preciso lhe pedir, porém. Não me procure mais por algum tempo, Dane. Mandarei avisar se minhas regras atrasarem. Caso isso não aconteça... estou então disposta a continuar respeitando a minha obrigação de lhe dar um herdeiro. Nesse meio tempo, contudo, acho melhor ficarmos afastados.

Herdeiro. Por causa da loucura que sua vida tinha sido nos últimos dias, Dane havia até esquecido do assunto. Mas o fato era que Olívia podia já estar grávida.

Ela continuava a fitá-lo com olhos inexpressivos. Sem dizer nada, pouco depois se virou e foi mancando até a carruagem, onde um dos lacaios a ajudou a subir. Não se despediu e nem sequer olhou pela janela quando o coche partiu.

— E então, vamos embora? — disseram Nathaniel e Wyndham, que vinham ao encontro de Dane, carregando seus embornais prontos para a viagem.

— Vamos.

Dane montou em Galahad e todos saíram a galope. Ficar longe de Olívia por algum tempo também seria bom para ele, ponderou. Teria mais sossego e paz de espírito para reavaliar tudo o que estava acontecendo.

Cada movimento brusco da carruagem causava dores terríveis em Olívia. Por mais que o cocheiro fosse cuidadoso e que o veículo de luxo oferecesse todo o conforto, era impossível evitar a dor lancinante que lhe torturava a perna ferida. As últimas horas tinham sido infernais e ainda faltavam mais três ou quatro para chegar a Cheltenham.

Fora uma tola em achar que já estava forte o suficiente para fazer aquela viagem. Por puro orgulho, havia se disposto a ir embora de Kirkal tão rapidamente como se estivesse mais recuperada do que realmente estava. Mas não agüentava mais continuar ali deitada, com Petty circulando à sua volta e Dane sempre presente. Principalmente agora, que sabia uma porção de coisas sobre o marido.

Ouvira tudo o que ele havia dito sobre o pai e tinha consciência de que não podia ter mais nenhuma esperança. Sua relação com Dane sempre seria, na visão dele, apenas uma união de conveniência. Dane encarava o amor como uma fraqueza, uma doença, algo que manchava a alma e precisava ser evitado. E uma relação sem amor ela não

queria. Preferia ficar sozinha. Afinal, já estava acostumada à solidão que, desde pequena, fora sua eterna companheira.

Cruzou os braços na altura da cintura, pensando em várias possibilidades, caso já estivesse grávida. Se Dane não quisesse a criança, com muito gosto ela se encarregaria de criá-la em Cheltenham, cheia de mimos e de carinho. Mas temia a possibilidade de que Dane lhe tirasse o filho, para levá-lo embora. Seria ele capaz de fazer uma crueldade dessas? Em outra situação, Olívia apostaria que não, mas agora já não tinha mais nenhuma certeza quanto à índole do marido. Precisava pensar nisso.

O novo sacolejo da carruagem a fez lembrar de uma necessidade mais urgente: ir ao banheiro. Fazia horas que sentia essa vontade e já não se segurava mais. Procurou embaixo do banco o bacio que sempre era colocado ali dentro, quando viajavam. Não ia conseguir dobrar-se para usá-lo, sem a ajuda de Petty. Seu corpo dolorido estava rígido, e sua criada de confiança não estava ali. Com a mão, bateu no teto para chamar a atenção do cocheiro. Errol abriu a janelinha que comunicava seu lugar com a cabine. — Pois não, milady?

— Creio que está na hora de fazermos uma parada, Errol.

— Certamente, milady.

Com muito cuidado, Errol foi encostando a carruagem à beira da estrada, até parar de vez. Era um cocheiro muito competente. Em seguida, diversos criados saltaram de seus coches menores e vieram até a cabine da carruagem para oferecer sua ajuda, mas Olívia se esquivou. Estava cansada das atenções constantes que a criadagem de Greenleigh lhe dedicava. Não via a hora de encontrar seu velho e alquebrado mordomo e a anciã governanta de Cheltenham, ambos tão fiéis e bondosos. Eles sabiam servi-la sem tantos rapapés.

— Só quero descansar aqui um pouco — disse, dispensando a todos.

A cabeça latejava, a perna estava com câimbras e doía bastante. A cabine abafada lhe dava falta de ar. Resolveu sair para tomar um pouco de ar fresco, e encontrar algum lugar onde pudesse fazer o que precisava. Aproveitando que os criados e os guardas estavam longe, reunidos pouco adiante com seus cestos de merenda para fazer um lanche, abriu a porta lateral da cabine. Segurou as alças e lentamente conseguiu descer. O tempo estava agradável e bem morno para aquela época do ano. Respirou fundo o ar puro da mata e deu alguns passos, procurando um lugar para atender suas necessidades.

Mancando bastante, chegou a uma touceira de arbustos de um lado da estrada, longe da vista de todos. Ia se aliviar ali mesmo. Afinal, fora criada no campo, e ter de fazer uma coisa dessas não era tanta novidade assim. Com dificuldade, se agachou e fez o que precisava. Por perto corria um riacho e, logo depois, caminhou como pôde até ele para lavar as mãos.

Estava ali dobrada quando ouviu o barulho de um galho seco se quebrando, como se alguém tivesse pisado nele. Virou o rosto e o que viu foi algo espantoso.

Ali estava Sumner, imundo e descabelado, com o desespero estampado em seus olhos azuis.

Olívia estremeceu e deu um passo atrás, esquecendo-se da perna ferida. Então perdeu o equilíbrio e, com um grito, se estatelou no chão. Imediatamente Sumner pulou sobre ela, dominou-a e tapou-lhe a boca com a mão para que não continuasse a gritar. Arfando, ele disse com voz entrecortada:

— Eu não queria que se machucasse. Fiz o possível para poupá-la, mas a senhora não cooperou. Consegui fazer com que ele se apaixonasse.

Sumner foi arrastando Olívia para dentro da mata, com um braço em torno de sua cintura e a outra mão ainda cobrindo-lhe a boca, levando-a cada vez para mais longe da comitiva e de qualquer socorro. Ela lutou violentamente para se soltar, porém estava fraca demais e não conseguiu. As pernas afrouxaram e ela desmaiou. Sumner então a levantou, jogou-a sobre seus ombros e rapidamente sumiu com ela dentro da floresta.

Olívia acordou em um lugar completamente escuro. Estava deitada no chão. A cabeça continuava a latejar, desta vez com mais força por ter ficado de cabeça para baixo nos ombros ossudos de Sumner. A ferida da perna, que começara a cicatrizar com os dias de repouso, estava novamente aberta depois de tanto esforço.

Tentou falar, mas havia um pano amarrado sobre sua boca à guisa de mordaca. *Maldito Sumner!*

Sentia as mãos dormentes. Também estavam amarradas nas costas, e havia outras ataduras prendendo os pés. Debateu-se um pouco, procurando uma saída. Sim, estava imobilizada, mas não por muito tempo, concluiu. Já havia sido amarrada muitas vezes antes, por piratas ou índios pele-vermelha, nas brincadeiras que fazia com Walter quando criança, mas sempre conseguia se soltar.

Tomou alento porque sabia que, nas suas condições, o que ia fazer doeria bastante. Em seguida dobrou o corpo e, com muito esforço, foi passando as mãos amarradas por baixo dos quadris, depois pelas pernas e finalmente pelos pés atados até que por fim as teve diante do seu peito. *Respire fundo... respire fundo...*, repetia para si mesma, a cada movimento.

Já com as mãos à sua frente, a primeira providência foi arrancar a mordaca. Os dentes ficaram livres, e com eles tentaria desatar o nó que prendia seus pulsos. Foi o que fez. Livrou as mãos e facilmente e em seguida soltou as amarras nos pés.

Obrigada, Walter. Nunca pensei que suas brincadeiras sem graça um dia pudessem me ser tão úteis!

De gatinhas, Olívia começou então a mover-se na escuridão, procurando descobrir onde estava. O chão era de madeira áspera, cheia de farpas, indicando que o lugar não devia ser muito habitado. Apalpou as paredes. Eram de tábuas rústicas, o que confirmava sua suspeita. Se aquilo não era uma casa, devia então ser um paiol, um galpão de ferramentas, ou algo assim.

Do lado de fora vinha o som de água correndo. Estava ao lado de algum riacho, e o ambiente tinha um cheiro característico que não lhe era de todo estranho. Era o cheiro de madeira seca, misturado ao de umidade e algo que parecia ser farinha mofada. Tentou identificá-lo e pouco depois concluiu:

— Sumner, seu tonto, eu conheço muito bem este lugar! — exclamou com uma risada.

Estava em um antigo moinho de farinha nas terras de Cheltenham, um local abandonado onde ela e Walter costumavam se esconder até os pais os proibirem, com medo que se machucassem caso a construção ruísse.

Sabia onde ficava a porta e, Tateando, não demorou a localizá-la. Como era de se esperar, porém, estava trancada. Então lembrou-se da grande pedra do moinho que ficava bem no centro da construção. Ao lado dela havia um espaço livre pelo qual talvez conseguisse escapar. Virou-se e foi lentamente naquela direção. A escuridão era total. Mesmo assim, não teria dificuldade em achar o que procurava. Moveu-se adiante, sentindo o chão.

De repente, sua mão tocou em algo de consistência mole. Puxou-a para trás,

assustada. Tinha tocado em algo que parecia uma pele fria. Tocou de novo. Havia um corpo ali. Teve a nítida impressão de que era um corpo sem vida.

Oh, não, estava trancada no moinho com um cadáver!

O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que era o corpo de Sumner. Se fosse ele, não se lamentaria muito. Certas pessoas mereciam mesmo morrer.

Engolindo o asco, esticou o braço e, com a ponta dos dedos, procurou identificar as características do morto. Sumner era alto, e o corpo também. Sumner tinha mãos grandes; o corpo também. O cabelo de Sumner era comprido, liso e sujo, igual ao do corpo. Tudo indicava que era ele.

Reunindo coragem, resolveu tocar o rosto para ter a confirmação final.

Passou os dedos levemente pela testa. Era alta; podia ser a de Sumner. Depois pelo nariz reto, bem semelhante ao dele.

Continuou apalpando, apesar do nojo, até de repente tocar uma grande cicatriz em forma de meia-lua embaixo do olho esquerdo. Santo Deus!

— *Walter!*

Dane e seus companheiros haviam galopado por algumas horas quando a montaria de Nathaniel perdeu uma ferradura. Ele sugeriu então que parassem no povoado mais próximo para trocar os animais. Galahad estava inteiro e não demonstrava o cansaço dos outros, por isso Dane preferiu ficar com ele. Difícilmente acharia na vila algum cavalo tão confiável e veloz quanto seu garanhão.

— Vão vocês. Eu espero aqui. Assim deixo Galahad descansar um pouco — sugeriu, dirigindo-se à sombra de uma árvore frondosa que havia ao lado, perto de um riacho. — Só me tragam algo de comer e um pouco de vinho.

Tão logo os amigos partiram, Dane desmontou, soltou os arreios do cavalo e o deixou pastar à vontade enquanto se acomodava, sentando contra o tronco da árvore. Então abriu seu embornal, querendo pegar a ferramenta que sempre carregava para limpar os cascos do cavalo. Mas em vez disso o que encontrou primeiro entre as suas roupas foi um objeto que não reconhecia: uma caderneta com capa de couro azul-escuro. Nunca tinha visto aquilo, nem sabia como tinha vindo parar ali. Virou as páginas e acabou reconhecendo a letra miúda de Olívia. Era o diário dela e a tentação de ler tudo o que estava escrito tornou-se quase incontrollável...

Mas não, não devia perder tempo com isso. Guardou a caderneta, remexeu mais no embornal até achar a ferramenta que procurava e foi limpar os cascos de Galahad. Depois se estirou gostosamente sobre a relva embaixo da árvore e olhou para o vale adiante, entrecortado pela estrada poeirenta. O dia estava morno, e o céu claro se estendia sobre sua cabeça.

Barrowby costumava dizer que contemplar aquele vale o ajudava a pensar melhor. Mas a última coisa que Dane queria fazer naquele momento era pensar. Não desejava lembrar do que havia sentido quando vira a carruagem de Olívia partir. Era como se algo dentro dele tivesse se partido, como se tivesse perdido o chão. Não queria pensar mais no assunto nem entender por que não conseguia afastá-la do pensamento.

A ponta da caderneta azul continuava aparecendo pela boca do embornal, como se o estivesse chamando. Talvez em meio às confidências dela, houvesse informações importantes para a missão do Leão. Será que não era seu dever descobrir essas informações secretas?

Sem hesitar mais, pegou a caderneta e a abriu. Leu com rapidez, apesar da

caligrafia miúda e irregular. A primeira parte do diário falava sobre a vida de Olívia durante o último ano, narrando as aventuras das férias passadas com Walter e suas preocupações com a decadência de Cheltenham e o futuro dos empregados. Depois havia uma folha com rabiscos trêmulos falando da morte do irmão.

"Água? Afogamento? Não me parece possível, porque ele sabe nadar muito melhor do que eu!"

Dane franziu a testa. Talvez a causa da morte de Walter merecesse uma nova investigação. Sabia que de fato Olívia era uma exímia nadadora. Constatara isso quando ela o salvara do rio. Sobre esse incidente, ela havia feito uma breve anotação.

"Quem veio me socorrer foi um homem lindo, um verdadeiro deus nórdico, parecendo um viking."

— Viking lindo, eu? — Dane sorriu e balançou a cabeça.

Continuou a ler, cada vez mais rápido, devorando página após página até chegar a uma folha rasgada da qual faltava uma parte. Então lembrou do pedaço de papel que ainda guardava no bolso. Abriu e viu que se encaixava perfeitamente ali, completando o poema que ela havia escrito. Não era uma poesia muito inspirada, mas certamente fora feita pensando que jamais outra pessoa a leria. Dizia assim:

"Se juntarmos as qualidades dos melhores homens / os ombros largos de um / os cabelos loiros de outro / os olhos azuis de mais um / e as feições perfeitas de mais outro / com a inteligência do erudito / a sensibilidade do poeta / o humor do adolescente / a fortuna de um rei / e a virilidade de um garanhão / então teremos um homem como o meu. / É aí que reside o mistério... Por que esse homem é meu? / O que é que possuo para atrair alguém como ele? / Não tenho grande beleza, nem sou sábia e às vezes nem mesmo esperta / não sou elegante, bem posta ou especialmente espirituosa. / Se há uma atração ousarei pensar então que é amor? / Talvez ele ainda não tenha percebido que não o mereço. / E se um dia conseguir ganhar..."

Nessa parte o retalho de papel se encaixava: "...honestamente a sua adoração / será que ele não me abandonará quando descobrir a verdade? / Serei capaz de enganá-lo a ponto de conseguir fazê-lo me amar?".

Dane largou o diário e deu um longo suspiro. Quer dizer então que o pedaço de papel, aquilo que ele havia considerado uma prova de traição, era apenas parte de um ingênuo poema de amor? Olívia estava muito equivocada a seu respeito. Ele não era nada daquilo, não era nenhum exemplo de virtudes. Era simplesmente um homem comum, só que encarregado de desempenhar uma missão. Nada mais do que isso.

E pensar que a pobrezinha não se julgava digna do seu amor... O que estava escrito no diário não eram palavras de uma traçoeira sedutora envolvida em alguma trama, como ele havia pensado, mas sim de uma jovem e inocente mulher apaixonada.

Precisava ler tudo, todas as páginas que faltavam, decidiu. Ao fazê-lo, não conseguiu evitar o riso em certos trechos. Olívia falava dele e do dia-a-dia em Kirkal sob um ponto de vista diferente, no qual ele nunca havia pensado. As observações eram engraçadas, precisas e muito verdadeiras.

Chegou por fim às últimas linhas, escritas dois dias antes, pelas mãos feridas de Olívia. A letra era ainda mais tremida: "A cada minuto em que ele está perto de mim, sinto vontade de atirar-me em seus braços e desabafar todos os medos e os desejos que guardo dentro de mim. Infelizmente, eu o amo demais..."

Dane respirou fundo. Não podia continuar fingindo nem tentando enganar a si mesmo. Estava apaixonado por aquela mulher. Amava com toda a intensidade a sua

doce, divertida e bondosa lady Greenleigh!

Era um tonto, não por amá-la, mas sim por ter duvidado disso. Como podia ter achado que o amor era um sinal de fraqueza?

A falta de fé nos outros seres humanos e na sua própria capacidade de distinguir o bem do mal estava agora enterrada, junto com seu pai. E eram as palavras de Olívia que tinham conseguido arrancá-lo desse tormento.

Na escuridão do moinho, Olívia permanecia ao lado de Walter, esperando que ele voltasse a si. Tinha colocado o ouvido sobre sua boca e, surpresa, havia constatado que, apesar de o corpo estar frio e inerte, ele ainda respirava. Walter não estava morto!

Deitou-se ao lado dele e o abraçou, rezando para que seu calor o ajudasse a reviver. Ficou ali esperando por muito tempo. Esperar era mesmo a sua sina, concluiu.

Passara a vida inteira esperando. Esperando que os pais lhe dessem algum valor, que pudesse começar uma nova vida, que seus sonhos mais secretos, nunca revelados a alguém, um dia se tornassem realidade. E por pouco tempo eles haviam de fato se realizado. Ou, pelo menos, ela se convencera disso quando entregara seu coração por inteiro a Dane. Fora ingênua a ponto de achar que ele seria o príncipe encantado, vindo para salvá-la da vida sofrida que levava em Cheltenham. Devia ter percebido logo que as coisas não eram bem assim. Afinal, ela é que o havia salvado de morrer no rio Tâmisa e não o contrário.

O que não se previa, porém, é que tudo fosse acabar tão depressa. A paixão entre eles se esvaiu com a mesma velocidade com que começara. E, com ela, toda e qualquer possibilidade de que os dois fossem felizes juntos, algum dia.

Ela havia feito tudo o que podia para agradar Dane, mas a recíproca não fora verdadeira. Optara por abandoná-lo depois de ser ignorada, humilhada e de ver que ele sequer tivera a preocupação de ir resgatá-la quando estava ferida e perdida na floresta. Só a achara por acaso, não porque estivesse à sua procura. Ele era igual aos seus pais, a Absentia Hackerman, a muitos dos criados de Greenleigh, a todos os que nunca lhe davam apoio quando mais precisava. Fora por esses motivos que ela rejeitara Dane, assim como haviam feito todas as outras mulheres.

Apesar de amá-lo, não acreditava mais em Dane, porque tinha falhado justamente quando mais precisava dele.

O corpo ao qual estava abraçada se mexeu de leve.

— Walt? — Ela ficou de joelhos e o segurou pelos ombros. — Walt, acorde!

Aos poucos ele entreabriu os olhos.

— Livvie? É você? — murmurou com voz sumida. — Por Deus, acho que estou ficando maluco... estou tendo alucinações...

— Não, Walt, sou eu mesma! — Olívia respondeu, com lágrimas de alegria nos olhos. — Estou aqui, em carne e osso! Você não morreu!

Walter virou-se de lado, tossiu um pouco e abriu mais os olhos.

— Raios! Não é que é você mesmo? Estou preso aqui há tanto tempo que até perdi a conta... me sinto muito doente... muito fraco.

— Mas está vivo! Disseram que você tinha se afogado no rio, há mais de um mês!

Um novo acesso de tosse o fez engasgar. Pouco depois, Walter conseguiu falar outra vez.

— Afogado? Eu? Que nada, foi tudo obra daquele meu maldito valete.

— De Sumner, não é?

— Você conhece Sumner? Como?

— É uma longa história, mas vou ser breve. Eu o contratei como criado e ele se voltou contra mim. Criou situações para me ridicularizar na frente de gente importante. Tentou matar o príncipe George e depois me atingiu com um tiro. Também fez com que meu marido se distanciasse de mim e por fim me seqüestrou e trouxe para cá.

— Que desgraçado!

— Desgraçado é pouco!

— Que história é essa de marido? Você tem marido, Liwie?

— Eu me casei há pouco tempo com lorde Greenleigh.

— Aquele que parece um viking? É boa gente.

— Apenas um homem bonito — ela retrucou, sem dar maiores explicações.

— E mamãe? Como está ela?

— Está presa em Kirkal, junto com papai. Walter deu um suspiro sofrido.

— Oh, bem que eu tentei livrá-los disso, Liwie. Em mais algumas semanas eu teria me casado com Absentia, e eles não estariam passando por essa condenação.

— Eu sei — respondeu Olívia, afagando a cabeça dele. — Mas se quer minha opinião, é melhor ser prisioneiro neste lugar do que estar casado com aquela mulher.

Segurando a tosse, Walter sorriu, mas em seguida um novo acesso o fez estremecer. Olívia esperou que ele se recuperasse, antes de continuar falando.

— Escute, nós dois conhecemos este moinho melhor do que ninguém. Como é que você não conseguiu escapar daqui em todo esse tempo, Walter?

— Ah, acho que você não viu a corrente — ele respondeu, balançando uma das pernas na escuridão. — Estou com uma corrente presa no tornozelo. Me acorrentaram como se fosse um cachorro.

— Que horror! É uma corrente longa?

Se fosse comprida o suficiente, poderiam subir até a parte superior do moinho, onde ficava a saleta do encarregado. Talvez ali achassem alguma coisa para ajudá-los.

— Só me permite andar aqui em volta, isso quando a maldita corrente não enrosca na pedra do moinho.

A *pedra!* Era muito pesada e girava para moer a farinha quando a máquina era posta em movimento. Subitamente Olívia teve uma idéia.

— Walt, e se eu tentar mexer nas alavancas para fazer a pedra girar? Se você encostar nela, a pedra talvez corte a corrente...

— Hum... deixe ver... a idéia não é má, mas é perigosa. Eu posso ser arrastado pela corrente e também ser esmagado.

— É verdade... mas qual é a outra possibilidade?

— Só se estrangularmos Sumner com a corrente quando ele aparecer...

— Isso mesmo! Ele deve estar com a chave do cadeado. Depois de enforcá-lo, pegamos a chave, abrimos e fugimos daqui.

— Isso se ele voltar — alertou Walter. — Nesses dias todos só apareceu aqui uma vez.

— O quê? E deixou você sem água nem comida? Como conseguiu sobreviver?

— Tenho bebido a água que escorre do riacho naquele canto e no começo me alimentei um pouco com os restos molhados do farnel que trazia comigo. Mas isso já acabou faz tempo.

— Maldito! — exclamou Olívia, com pena do irmão e um ódio cada vez maior de Sumner. — Me dê sua mão, Walter.

O rapaz estendeu a mão fria e esquelética para ela. Olívia a tomou e apalpou seu braço. Era só osso e pele.

— Oh, Walter! Como puderam fazer isso com você?

— Foi Sumner. O velhaco do Sumner.

— Ah, aquele canalha! Eu vou acabar com ele! Deixe que eu me encarrego de estrangulá-lo, Walt! Espere só ele aparecer.

Naquele momento a porta se abriu e uma luz invadiu o galpão do moinho.

Com a vista acostumada à escuridão, Olívia ficou ofuscada pela luz que vinha de uma lanterna. Walter permanecia estirado no chão.

— Quem foi que a soltou? — perguntou Sumner, levantando mais a lanterna. — Ou será que conseguiu se desamarrar sozinha?

— Precisa nos deixar sair, Sumner. Walter está muito mal.

— Eu sei, e foi por isso que eu a trouxe até aqui. Para que cuidasse dele.

— Por que fez isso com Walter?

Sumner demorou um pouco para responder.

— Pelo mesmo motivo que a seqüestrei. Para proteger a ambos!

— Como? Do que está falando?

Sumner se ajoelhou ao lado dela e começou a explicar:

— Estávamos em um barco e havia um plano para matar seu irmão. Queriam matá-lo porque ele se recusou a colaborar com o esquema. Me forçaram a fazer isso, mas eu não tive coragem de liquidar alguém que tinha sido tão bom para mim.

Então aproveitei a hora em que ele estava no convés. Bati na cabeça dele com força para que caísse desmaiado no rio e disse a todos que ele tinha morrido afogado.

— Meu Deus...

— Só que eu já havia providenciado um pequeno bote para tirá-lo dali. Foi bastante difícil porque ele ficou desmaiado muito tempo na água escura, mas eu consegui salvá-lo, mesmo ainda desacordado.

Se Sumner pretendia ganhar a simpatia de Olívia com sua narrativa, estava enganado. Ela continuava com muita raiva dele por tudo o que tinha feito Walter sofrer. A medida que o valete ia falando mais, porém, eles se convenciam gradativamente de que Sumner não era tão mau assim, era apenas um homem fraco de caráter. E ele continuou falando, com voz aflita e desesperada.

Contou que tinha um passado de crimes e por isso um espião francês o havia escolhido para cúmplice, contra sua vontade. Era forçado a agir contra quem esse espião mandasse e ele tinha ordenado que matasse Walter e Olívia.

— Por que a mim? — ela indagou, perplexa.

— Porque quando lorde Greenleigh a mandou embora, o espião queria colocar outra mulher para seduzi-lo e conseguir extrair informações dele.

— Que ousadia!

— Contrariei tudo o que me havia sido ordenado. Em vez de liquidar vocês eu os escondi aqui e fiz de conta que os tinha matado.

Olívia não agradeceu o gesto de Sumner. Pelo contrário, levantou a mão e desferiu no rosto dele um tapa que ecoou pelo galpão.

— Seu idiota! Não sabe o poder que tem meu marido? Não sabe quem eu sou? Se tivesse aberto o jogo e falado conosco francamente, eu podia tê-lo ajudado. Podia até falar diretamente com o príncipe regente para que intercedesse em seu favor. Não era preciso nos seqüestrar e maltratar deste jeito!

— Seqüestrar, não! Salvar! Foi isso o que eu fiz.

— E agora? Nos tem aqui como prisioneiros. Walter está muito fraco e doente. Daqui a alguns dias poderá morrer. Escute, Sumner, não pode mais continuar com esta farsa. Leve-nos até Cheltenham. De lá mandarei chamar meu marido e ele fará o que for necessário sem comprometê-lo. Em vez de assassino você vai acabar como herói, Sumner. Um herói muito bem remunerado, eu lhe garanto.

Sumner balançou a cabeça.

— Não, não... Ele não me dará prêmio algum. Quando souber que colaborei com o inimigo, vai mandar me enforcar.

— Entendo seu medo, mas sei que podemos pensar em um modo de protegê-lo para que isso não aconteça. Em Cheltenham teremos mais calma e segurança para planejar tudo. Vamos, Sumner, leve-nos até lá. A casa fica a menos de uma hora de caminhada.

— Sei disso, e é justamente por esse motivo que escolhi este lugar para ser o cativo. Walter sempre me contava histórias das brincadeiras que faziam neste moinho quando crianças. Achei que ele ia gostar de ficar aqui.

O homem devia estar enlouquecendo. Isso era lá coisa para achar? Seu olhar perdido era como o de um insano. Melhor não contrariá-lo porque ele parecia estar fora de si. Falando com calma, Olívia tentou convencê-lo.

— Walter não gosta mais deste lugar, Sumner. Agora ele gosta da nossa casa em Cheltenham, entende?

Ele olhava de um lado a outro, fitando Walter e depois Olívia com expressão confusa. Parecia desarvorado.

— Não sei o que fazer... se desobedecer as ordens que me deram, vão acabar comigo...

— Mas você já desobedeceu quando se recusou a nos matar, não foi?

— E mesmo. Agora é tarde demais — Sumner respondeu, enfiando a mão no bolso.

Olívia gelou. O que é que ele ia tirar? Uma faca? Uma pistola? Alguma arma para acabar com a vida deles, cumprindo as ordens?

Uma chave. Foi isso o que saiu na mão de Sumner. Ele se agachou para abrir o cadeado que prendia a corrente do pé de Walter. Mas não teve tempo de fazê-lo.

— Ora, ora, muito bem, Sumner — disse uma voz vinda da porta.

Olívia levantou a cabeça, assustada. Ali estava um homem baixo e de rosto redondo, acompanhado por outro, bem mais alto.

— Tem toda a razão quando diz que é tarde demais — continuou o homem. — Lady Greenleigh, que prazer — disse, curvando-se num cumprimento. — Já a conheço bastante. Eu mesmo tive o privilégio de atirar na senhora. Agora permita que eu me apresente. Sou Chimera, ou o Cobrador, como seus pais costumam me chamar.

Dane colocava os arreios em Galahad quando viu Nathaniel e Wyndham voltando.

— Que bom que ainda é cedo — disse Wyndham. — Temos bastante tempo, e ao anoitecer já estaremos chegando.

— Só que chegarão sem mim — respondeu Dane, montando com agilidade no cavalo. — Eu vou para Cheltenham.

— Faz bem — concordou Nathaniel, apesar do olhar de espanto de Wyndham.

— Mas e o nosso compromisso? E Barrowby? — ele indagou.

— Barrowby está morto, não está? — Dane retrucou. — E amanhã continuará estando morto. Portanto, não faz nenhuma diferença se eu deixar para ir até lá amanhã. Amanhã ou depois, não sei ainda... — completou com um sorriso, saindo a galope dali.

Não via a hora de chegar a Cheltenham, de ter Olívia nos braços, de estar com sua doce amada outra vez e de pedir-lhe que o perdoasse.

Enquanto isso, no moinho, Chimera tratou de livrar-se logo de Sumner dando-lhe um tiro certeiro. Ele caiu por terra e em seguida o espião avançou sobre Olívia.

— Lady Greenleigh, gostaria muito de ter uma conversinha, antes de matá-la. Quero que me fale sobre seu marido.

— Hã... ele... é um homem digno e...

— Isso não me interessa. O que quero saber é sobre a participação dele em sociedades secretas, sua parceria com os poderosos, o que faz para a Coroa, coisas assim.

— Eu... só sei que ele gosta de caçar galos selvagens... de trabalhar em seus investimentos e de dormir comigo.

— Ah, isso eu posso bem imaginar. E o que mais?

— Não sei muita coisa. Só estou casada com ele há pouco mais de uma semana e...

— Há exatamente onze dias — corrigiu Chimera.

Olívia tremia por inteiro e caminhava para trás procurando afastar-se dele. Walter permanecia imóvel no chão, fingindo-se de morto.

— Pois é, onze dias. Ainda não tive tempo de conhecê-lo melhor. Além de tudo, ele não gosta de mim. Tanto que me mandou embora.

Ela deu mais um passo atrás e, sem querer, encostou o pé em Walter. Só rezava para que ele não se mexesse por causa disso. Chimera se aproximou junto com o homem

que o acompanhava. Então foi possível ver com mais nitidez o rosto do seu parceiro.

— Wallingford! — Olívia exclamou com voz entrecortada.

— Sua fama corre, não é Wallingford? — disse Chimera. — Veja só, até a esposa do poderoso lorde Greenleigh está com medo de você!

Chimera ria, mas Wallingford a fitava sinistramente, percorrendo seu corpo com um olhar libidinoso.

— Sabia que acabei de me casar? — disse, com um sorriso maldoso. — E de ter uma noite de núpcias maravilhosa, inesquecível, com minha mulher? Talvez você se lembre dela. Chama-se Absentia Hackerman.

Olívia se encolheu. Por mais que não gostasse da moça, estava com pena dela. Certamente já estava arrependida até a medula por ter se entregado àquele canalha. Que será que ele tinha feito com ela?

Os olhos de Wallingford notaram então aquele vulto estendido no chão.

— Esse é Walter?

— Ele mesmo — respondeu Chimera. — Parece que nosso Sumner tem idéias próprias, não é? Em vez de fazer o que mandamos, faz o que bem entende. Que falta de juízo...

Por trás dos dois homens, Olívia viu Sumner se mexer de leve no chão. Graças a Deus, não estava morto! Com cuidado, ele esticou o braço para pegar sua pistola que havia caído ao lado. Em seguida deu um pulo, ficou em pé, agarrou Wallingford por trás de surpresa e desferiu-lhe uma violenta coronhada. Depois jogou um pequeno objeto brilhante na direção de Olívia. Era a chave do cadeado.

Ela a apanhou e entregou a Walter antes de reunir toda a energia que lhe restava para pular no pescoço de Chimera. Sem costume de lutar dessa maneira, ela caiu junto com ele no chão. A arma de Chimera saiu voando na escuridão quando ele despencou com Olívia agarrada às suas costas. Ela não tentou dominá-lo porque sabia que não ia conseguir. Levantou com rapidez e o deixou estirado no chão, atordoado e sem entender direito o que tinha acontecido.

Walter também já estava em pé e livre da corrente. Segurou no braço dela e cochichou:

— Vamos lá para cima. Para o eixo da roda do moinho. Rápido!

Juntos, escaparam silenciosamente através da penumbra. Ambos estavam feridos, mas, como conheciam de cor o caminho, não tiveram dificuldade em chegar ao longo eixo da roda d'água que se unia à pedra de moer para fazê-la girar.

Walter tropeçou e caiu, porém Olívia conseguiu alcançar a alavanca que acionava a roda. Estava muito dura e enferrujada. Ela rezava, pedindo aos céus que lhe dessem força suficiente para acioná-la, e também para que as engrenagens ainda funcionassem depois de tanto tempo de abandono. Fechou os olhos, puxou a alavanca com um tranco e, pouco depois, tudo começou a se mover com dificuldade, soltando guinchos ensurdecedores.

Aproveitando a barulheira, ajudou Walter a se levantar e os dois se esconderam no depósito de grãos que havia no topo do galpão. O lugar era apertado e escuro, com uma pequena portinhola. Depois de entrar, ela fechou a porta, deixando apenas uma fresta para poder ver o que acontecia do lado de fora. Esperava que o estardalhaço das máquinas tivesse distraído e aturdido seus algozes, para que não descobrissem onde eles estavam. Mas, quando olhou pela fresta, viu Chimera postado bem ali, no topo da

escada. Ele bufava, enfurecido, tentando encontrá-los.

Galahad corria com toda a velocidade que suas patas conseguiam alcançar. Em mais uma ou duas horas Dane tinha certeza de que chegaria a Cheltenham. E antes disso, quando entrasse na estrada que ia para lá, provavelmente acabaria cruzando com a caravana de Olívia.

Foi o que aconteceu. Ao virar uma curva, vislumbrou ao longe a carruagem e o grupo de guardas montados que a acompanhava. Mas, em vez de seguir rumo a Cheltenham, a comitiva vinha voltando. Aproximava-se na direção dele.

— Mas o que significa isto? — Dane urrou para o cocheiro, quando o grupo parou a seu lado.

Olhou para dentro da cabine da carruagem e a viu vazia.

— Onde está minha esposa?!

Sua voz era como um estrondo. O cocheiro, os guardas e toda a criadagem olharam para ele aterrorizados.

— Não sabemos, milorde — respondeu Errol. — Quando paramos, ela pediu para ficar sozinha na cabine porque queria descansar. E, quando retomamos a viagem, ninguém notou que ela não estava mais ali. Foi só uma hora depois que percebemos... É por isso que estamos voltando.

— Onde fizeram a parada?

— Ali para trás, milorde. Onde estão aquelas árvores. Dane pulou de Galahad sem dizer mais nada. Correu para o lugar indicado, onde ainda se viam as marcas das rodas das carruagens e das patas dos cavalos deixadas no chão. Viu também as pegadas dos sapatos delicados de Olívia, bem distintas das que as botas rústicas dos criados deixavam.

Elas seguiam até uns arbustos e dali para um pequeno riacho. Em pânico, Dane foi acompanhando as marcas e, quando chegou ao riozinho teve certeza de que seu pânico se justificava. E que ao lado das pegadas de Olívia havia outras, bem maiores, e sinais de luta deixados na beira barrenta do rio. Uma trilha riscada no chão indicava que ela tinha sido arrastada para dentro da floresta.

Apavorado, ele seguiu a trilha. Esta acabava em uma picada escondida dentro da mata. Certamente era uma picada usada por ladrões e marginais que sempre procuravam viajar despercebidos. Havia marcas de cascos no chão. O mais provável é que tivessem fugido com ela a cavalo.

Gritou, pedindo que lhe trouxessem Galahad e, sem pensar em mais nada a não ser em resgatar Olívia, montou com rapidez e foi seguindo as marcas dos cascos. Com os olhos pregados no chão, galopou por algum tempo. A angústia o dominava. Tinha a impressão de que nunca iria encontrá-la. De repente escutou o barulho de água correndo. Devia estar perto de um rio e esperava que a trilha que seguia não se perdesse ali, na água. Então, em meio ao murmúrio do rio, ouviu um grito de mulher.

Olívia!

Cravou as esporas no dorso do cavalo e saiu em disparada na direção da voz.

Paralisada pelo terror, Olívia ficou estática, incapaz de gritar outra vez. Chimera segurava o cano da arma encostado na testa de Walter.

O moinho rangia e a máquina em movimento balançava o velho galpão, fazendo com que as tábuas apodrecidas pelo tempo fossem se soltando. Várias delas já tinham

caído no rio.

— Precisamos sair daqui! — gritou para seu algoz. — Isto vai ruir e nós todos vamos morrer.

— Não — Chimera respondeu, sem se abalar. — Só vocês é que vão morrer.

— Meu Deus, mas por que está fazendo isto conosco?

— Porque preciso saber uma coisa. Quero que me diga se o seu marido faz parte de uma sociedade secreta.

— Eu não sei! Já disse que não sei!

Chimera engatilhou a arma e apertou mais o cano contra a têmpora de Walter. Apavorada, Olívia viu que ele não reagia. Que desespero! Walter estava morrendo, ninguém vinha socorrê-los e, se ela fraquejasse e contasse a Chimera tudo o que sabia sobre Dane, ele acabaria por matá-los assim mesmo.

O galpão do moinho continuava se desmanchando aos poucos, enquanto a roda capenga girava sobre a água. Como se as preces de Olívia tivessem sido ouvidas, de repente uma enorme tora despencou sobre o cruel homenzinho que os ameaçava, jogando-o para longe de Walter. Ele ficou ali esticado embaixo da tora, apenas suas pernas curtas e atarracadas aparecendo por baixo da madeira. Olívia correu para abraçar o irmão.

— Levante-se, Walter. Vamos sair daqui! O rapaz abriu os olhos e piscou.

Nesse momento o telhado inteiro do galpão desabou sobre eles.

Montado no dorso de Galahad, Dane viu horrorizado o velho moinho desmoronar. Agora tinha certeza de que Olívia estava ali dentro. Saltou do cavalo e correu até lá. Entrou aos tropeções, pulando sobre os escombros e gritando o nome dela. Em meio aos escombros, viu Wallingford com o crânio esfaqueado por uma grande pedra que caíra entre os destroços. Estava morto.

Então ouviu um pedido abafado de socorro. O som vinha de baixo de uma pilha de madeira e escombros. Olívia estava ali, presa sob o madeirame do telhado. Não havia tempo para procurar ajuda, porque o moinho ia ruir por inteiro em questão de minutos. Dane teria de salvá-la sozinho.

Com todas as forças de que dispunha, empurrou com o ombro a primeira tábua, mas ela mal se mexeu. Era grande e forte, porém os pesados escombros não se moviam com facilidade. Tentou de novo, uma e outra vez, usando todo o peso do corpo. Olívia não podia morrer assim!

Aos poucos, conseguiu abrir passagem entre os destroços até, por fim, avistar sua mulher. Ela estava abraçada a um rapaz muito magro, de cabelos claros.

— Minha querida, procure levantar — disse, tentando ajudá-la a sair.

Ela tossiu diversas vezes e depois se moveu.

— Aiii... está doendo...

— Venha, eu a seguro.

Com dificuldade e apoiando-se em Dane, Olívia conseguiu ficar em pé.

O balanço do galpão era cada vez mais forte e de repente um tranco violento sacudiu tudo.

— Vai desabar! Dane, ajude Walter a sair, pelo amor de Deus!

Não era preciso pedir, porque Dane já havia recolhido Walter e colocado seu corpo franzino sobre os ombros. Então estendeu o braço e pegou a mão de Olívia.

— Não vamos conseguir sair pela frente! — avisou, aflito.

— Acho melhor pularmos no rio!

— Mas não aqui! Estamos muito perto da roda d'água! — gritou Olívia, apontando para a gigantesca roda em movimento.

Antes que pudesse responder, um forte baque atingiu as costas de Dane, e ele, junto com o rapaz desmaiado que carregava nas costas, rolaram para dentro da água do rio.

Em desespero, Olívia viu os dois homens que mais amava serem sugados pela roda do moinho. Caiu de joelhos, indiferente ao perigo que corria e incapaz de tirar os olhos do rio que corria lá embaixo e da roda que girava de maneira ameaçadora.

Viu a cabeça de Dane emergir primeiro, os cabelos molhados cobrindo-lhe o rosto. Ele os afastou com a mão e olhou à volta, procurando por Walter. Em seguida, apareceu a cabeça do irmão. A água fria o tinha acordado e, apesar de estar tão fraco, ele conseguia nadar com alguma destreza. Dane o segurou por baixo dos braços e o puxou para longe da roda.

Foi nesse momento que apareceu uma terceira cabeça na superfície da água e só então Olívia entendeu o que havia atingido Dane para fazê-lo cair no rio. Chimera estava ali, ao lado deles!

Quando Dane notou sua presença, largou Walter e foi nadando até ele. Agarrou-o pelo pescoço e os dois homens começaram a lutar com fúria, debatendo-se na água, afundando e tornando a subir.

Aflita, Olívia observava tudo de cima. Agora estava de quatro, apoiando-se nas tábuas que restavam e rastejando para a parte do assoalho que parecia mais firme. Sem a ajuda de Dane, Walter ia perdendo forças e boiava perigosamente para mais perto da roda. Tinha de salvá-lo!

Procurou uma abertura no piso que estivesse o mais longe possível da roda, olhou bem para baixo, e, sem dar atenção às dores terríveis que sentia no corpo, atirou-se na água.

Dentro do rio, a luta entre Dane e Chimera era feroz e não estava correndo tão bem quanto era de se esperar. Apesar do seu tamanho e força, Dane não conseguia dominar o inimigo. Chimera era miúdo e bem mais ágil. Escapava com facilidade. Isto até ser por fim agarrado de vez embaixo da água, pelas mãos grandalhonas de Dane. Os dois mergulharam e, com um forte puxão, Dane o jogou contra as pás da roda. Ele desapareceu por completo. A roda do moinho girou, levando-o consigo para o lodo do fundo do rio e para a morte certa.

Mas Dane havia perdido o fôlego, engolido muita água, e agora lutava ele próprio embaixo da superfície para não perder a vida também. Estava muito perto da roda e poderia ser apanhado por ela, do mesmo jeito que acontecera com Chimera.

Enquanto isso, Olívia acudia Walter. Tinha conseguido arrastá-lo até a margem, onde agora estava deitado com os braços estendidos e procurava retomar o fôlego.

— Vamos, respire, respire fundo — ela dizia para o irmão. Walter virou de lado e tossiu, cuspidando muita água. Depois abriu os olhos e piscou.

— E Dane? — perguntou, num fio de voz.

Ela ficou de pé e passou a vista por toda a superfície do rio, procurando um sinal do marido.

— Não sei... não estou vendo...

— Vá à procura dele, Liwie. Você nada tão bem... Olívia respirou fundo e, sem hesitar, pulou na água. Nadou até a roda do moinho e se segurou em uma das pás. Era algo que ela e Walter costumavam fazer quando crianças, inconscientes do perigo que isso representava. Se fosse cuidadosa, contudo, sabia que a roda a levaria primeiro para cima e depois até o fundo do rio, para depois subir outra vez. Só era preciso ter muita cautela para não ficar presa no lodo, nos galhos ou nos ossos de todos os que haviam morrido naquela roda ao longo dos anos e que ainda estavam no fundo do rio. A água turva e o dia pouco claro tornavam difícil enxergar. Na primeira volta, porém, ela viu não muito longe dali as pontas da camisa de Dane e seus cabelos loiros boiando na correnteza. Ele estava submerso, um pouco abaixo da superfície, e parecia não se mover.

Olívia largou a pá da roda para cair outra vez na água e usou toda a sua força para dar as braçadas que a levaram até ele. Mergulhou a seu lado, segurou a cabeça dele entre as mãos e o puxou para cima, tentando trazê-lo à tona. Dane mexeu as pernas e depois bateu os braços até finalmente emergir com força sobre a água turbulenta, arfando à procura de ar. Sacudiu a cabeça e os cabelos, como um cão que acaba de sair do banho. Então fitou Olívia que, boiando ao lado, o observava satisfeita.

Abraçou-a com alívio e com toda a ternura de que era capaz, naquelas circunstâncias.

— Há muitas coisas que preciso lhe dizer, Dane — ela falou com voz entrecortada. — Tudo foi obra desse Chimera, mas eu não sabia...

Com um beijo suave e molhado, Dane a impediu de continuar. Lentamente os dois foram flutuando até a encosta onde Walter estava.

Já perto da margem, Dane a pegou no colo e foi saindo com ela.

— Mas eu tenho que lhe explicar, Dane — Olívia insistiu.

— Não é preciso. Sei que não foi culpa sua. Nada do que aconteceu foi culpa sua, agora eu sei.

— Sabe? Mas como?

Com parte das pernas ainda dentro da água, ele a apertou mais nos braços e sorriu docemente.

— Sei disso assim como sabia que viria me salvar e como sei que me ama e que nunca me enganará. Sei de tudo isso porque existe uma coisinha muito importante que se chama "confiança". E eu confio inteiramente na minha querida lady Greenleigh.

Abraçados no sofá, Olívia e Dane observavam o fogo da lareira, no aconchego de Kirkal Hall que agora estava vazio. Todos os hóspedes tinham ido embora, com exceção do príncipe regente, que permanecia em seus aposentos distraído-se com a duquesa de Halswick.

Olívia encostou a cabeça no peito de Dane.

— Sabe, meu amor, estou preocupada porque o corpo de Chimera ainda não foi

encontrado.

— Fique sossegada. Caso ele tenha sobrevivido, há muita gente vigiando para prendê-lo quando aparecer.

Ela sorriu e se aconchegou mais nos braços do marido.

— Ainda bem que Sumner conseguiu se levantar hoje. Petty está radiante com isso.

— E eu também — retrucou Dane. — Já estava cansado de carregar o sujeito para cima e para baixo o tempo todo.

— Obrigada por ter feito o príncipe conceder a ele o perdão, meu amor. Foi muito merecido.

— Concordo. E, enquanto Sumner continuar trabalhando para nós, ele sempre estará seguro.

Ouviram uma batida na porta do quarto e os dois se levantaram. Dane foi abrir. O príncipe regente em pessoa estava ali.

— Quem foi o idiota que deixou este trambolho em cima do meu travesseiro? — perguntou, segurando na mão o quinto bastão do Rajá que estava havia tanto tempo perdido.

Olívia pôs a mão na boca para esconder a risada. Dane a abraçou pela cintura e respondeu:

— Pode ficar com ele, Alteza. Nós não vamos mais precisar.

FIM